



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E**  
**TRADUÇÃO – LET**  
**CURSO DE LETRAS TRADUÇÃO - FRANCÊS**

**PEQUENOS POEMAS EM PROSA: RE-TRADUZINDO CHARLES BAUDELAIRE**

**ANA LUCIA PAZ MAGALHÃES**

Brasília – DF

2014



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E**  
**TRADUÇÃO – LET**  
**CURSO DE LETRAS TRADUÇÃO - FRANCÊS**

**PEQUENOS POEMAS EM PROSA: RE-TRADUZINDO CHARLES BAUDELAIRE**

**ANA LUCIA PAZ MAGALHÃES**

Projeto Final de Tradução de texto literário, do francês para o português, exigido como requisito à aprovação na disciplina de Projeto Final de Curso de Tradução, obrigatória para obtenção do grau de Bacharel em Letras – Tradução: Francês, na Universidade de Brasília – UnB.

Área de concentração: Tradução de Textos Literários.

Orientador: Professor Doutor Eclair Antonio Almeida Filho.

Brasília – DF

2014

M188p Magalhães, Ana Lucia Paz

Pequenos poemas em prosa: re-traduzindo Charles Baudelaire /  
Ana Lucia Paz Magalhães. – Brasília, 2014.

118 f.; 30 cm.

Monografia (Graduação em Letras Tradução - Francês) –  
Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2014.

Orientação: Prof. Dr. Eclair Antonio Almeida Filho.

1. Re-tradução. 2. Poema em Prosa. 3. Charles Baudelaire.  
I. Almeida Filho, Eclair Antonio II. Título.

CDU

Dedico este trabalho aos meus filhos Paulo  
e João Pedro, com muito amor.

## AGRADECIMENTOS

Quero externar meus agradecimentos em diversos segmentos de minha vida. Inicialmente agradeço a Deus por existir;

Agradeço a meus pais e irmãos por estarem sempre perto, dando suporte em tudo que preciso, bem como por, sempre, acreditarem em mim;

Aos meus filhos, pela leveza que trazem à minha vida e pela “força” que me oferecem, sempre que o desânimo ou o cansaço chegam perto;

Aos meus sobrinhos Sara e Daniel por estarem presentes em minha vida, com alegria, coragem e carinho nessa jornada que acaba... ou começa;

Ao Tony, pela paciência e apoio nos momentos em que eu estava trabalhando;

A UnB pela oportunidade de facilitar o acesso ao conhecimento;

Ao meu orientador, Professor doutor Eclair Antonio Almeida Filho, pelo apoio durante todo o processo de elaboração do trabalho, pelo vasto conhecimento e a facilidade em transmitir as informações;

Aos professores que durante os quatro anos de curso contribuíram com seus conhecimentos e experiências acadêmicas;

Aos meus colegas de curso que me aceitaram no grupo com carinho.

Aos funcionários da UnB pela dedicação ao trabalho e presteza no atendimento de nossas demandas.

“Une traduction vieillit toujours plus vite et plus  
mal que son original [...].”

B. Lortholary

## RESUMO

O presente trabalho que compõe o Projeto Final para conclusão do curso de Bacharelado em Letras – Tradução: Francês, da Universidade de Brasília, consiste na re-tradução para o português de parte de uma obra literária publicada em sua totalidade como volume pela primeira vez postumamente em 1869 e já re-traduzida oito vezes do original em francês para o português. Foram considerados 20 poemas em prosa da obra de Charles Baudelaire *Petits Poèmes en Prose (Le Spleen de Paris)*. A re-tradução proposta será baseada no estudo comparado de traduções para o português, em especial a tradução apresentada por Dorothée de Bruchard, em 2011 e a tradução apresentada por Leda Tenório da Motta, em 1995, bem como em referencial teórico sobre o ato de traduzir a poesia em prosa, e a re-tradução.

**Palavras-chave:** Re-tradução. Poema em prosa. Charles Baudelaire.

## RÉSUMÉ

Le présent travail qui fait partie du Projet final pour la conclusion du cours de Lettres - Traduction : Français, de l'Université de Brasilia - UnB, consiste de la retraduction pour le portugais d'une œuvre littéraire publiée dans sa totalité comme un volume par la première fois posthument en 1969. Cette œuvre était déjà retraduite au Brésil huit fois de l'original en français pour le portugais. Nous avons considéré vingt poèmes en prose de l'ouvrage *Petits Poèmes en Prose (Le Spleen de Paris)* de Charles Baudelaire. La retraduction que nous proposons sera basée sur des études comparées de traductions pour le portugais, notamment celles présentées par Dorothée de Bruchard, 2011, et par Leda Tenório da Motta, 1995, ainsi que sur le référentiel théorique sur l'acte de traduire la poésie en prose et sur la retraduction.

**Mots-clés** : Retraduction. Poésie en prose. Charles Baudelaire.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>10</b>  |
| <b>2. APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA.....</b>  | <b>12</b>  |
| 2.1. CHARLES BAUDELAIRE - BIOGRAFIA.....  | 12         |
| 2.2. A OBRA: LE SPLEEN DE PARIS, PETITS POÈMES EN PROSE .....   | 14         |
| <b>3. DISCUSSÃO TEÓRICA.....</b>  | <b>20</b>  |
| 3.1. TRADUZINDO O POEMA EM PROSA.....   | 20         |
| 3.2. A RE-TRADUÇÃO.....   | 24         |
| <b>4. RELATÓRIO.....</b>  | <b>29</b>  |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>50</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>  | <b>52</b>  |
| <b>APÊNDICE A – PEQUENOS POEMAS EM PROSA (O SPLEEN DE PARIS) – CHARLES BAUDELAIRE - NOSSA PROPOSTA DE TRADUÇÃO.....</b> | <b>54</b>  |
| <b>ANEXO A – BAUDELAIRE - PEQUENOS POEMAS EM PROSA [O SPLEEN DE PARIS] – DOROTHÉ DE BRUCHARD.....</b>                   | <b>75</b>  |
| <b>ANEXO B – CHARLES BAUDELAIRE - O SPLEEN DE PARIS - PEQUENOS POEMAS EM PROSA LEDA TENÓRIO DA MOTTA.....</b>           | <b>97</b>  |
| <b>ANEXO C – PETITS POÈMES EN PROSE CHARLES BAUDELAIRE.....</b>   | <b>119</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Para obtenção do grau de Bacharel em Letras – Tradução: Francês da Universidade de Brasília – UnB é exigido como requisito a aprovação na disciplina de Projeto Final de curso.

Como tema proposto para o trabalho, temos: **PEQUENOS POEMAS EM PROSA: RE-TRADUZINDO CHARLES BAUDELAIRE.**

Trata-se de Re-tradução de texto literário, da obra *Petits Poèmes en Prose (Le Spleen de Paris)*, do original em língua francesa para a língua portuguesa.

A obra, traduzida no Brasil oito vezes, para o português, é composta por cinquenta poemas em prosa, sem métrica, cujo sujeito poético está ligado tanto aos seres humanos, quanto a objetos. Foi publicada em sua totalidade em 1869, dois anos após a morte de seu autor, Charles Baudelaire.

Considerando tratar-se de trabalho de conclusão de curso de graduação, o trabalho será restrito a aproximadamente 40 laudas, implicando somente o início de pesquisa, sem a expectativa da exaustividade do tema.

Temos como objetivo geral apresentar a re-tradução para o português de parte dos poemas em prosa de Baudelaire, analisando de maneira crítica as traduções de Bruchard e de Motta. Essa análise crítica implica em comparar os dois textos anteriores com nossa proposta de re-tradução, justificando, nossas escolhas. Como objetivo específico, vamos comparar e estudar o poema em prosa, valorizando o lado poético.

Procuraremos apresentar a tradução dos vinte primeiros poemas em prosa, valorizando a poesia, em detrimento da prosa. Em ambas as re-traduições, a de Bruchard e a de Motta, observaram-se mais o aspecto prosaico. A nossa proposta valorizará o poema, onde a forma linear, representante da prosa, deverá ceder espaço à forma espiralada, do poema, de acordo com a tese desenvolvida por Octávio Paz, em *O Arco e a Lira* (2012) o que justifica a tradução sob o olhar poético.

Para justificar a hipótese de nova re-tradução de parte da obra de Baudelaire, adotaremos a comparação e análise das traduções apresentadas por Dorothée de Bruchard e Leda Tenório da Motta, da obra *Petits Poèmes en Prose (Le Spleen de Paris)*.

Importante ressaltar que usando o pensamento de Antoine Berman (2007), também pretendemos revisar as duas re-traduições já citadas, mas não no sentido de julgá-las, nem tampouco ser exigente com excessos ou detalhes, mas sim no sentido de abordar questões surgidas do paralelo com as duas re-traduições, propiciando a elaboração de um projeto de

tradução que enfatize principalmente a poesia. Berman desenvolveu reflexões no âmbito da crítica e da história da tradução, defendendo, em todas as suas reflexões, que a tradução abriga o estrangeiro.

Para isso, serão apontadas no texto, em francês, figuras de linguagem, que deverão ser confrontadas nos textos traduzidos por Bruchard e Motta, elencando os casos mais expressivos e os mais recorrentes;

Também procuraremos comparar o sumário e a introdução apresentados nas re-traduições de ambas tradutoras como forma de entender as escolhas tradutológicas, bem como demonstrar como se concretizaram suas intenções.

O trabalho será dividido em três partes, sendo que a primeira apresentará o autor e a obra, objeto de nosso estudo; a segunda tratará de questões teóricas pertinentes ao estudo da tradução poética, em especial no que se refere à tradução da poesia em prosa; a terceira parte se refere ao processo de re-tradução, apresentado pela prática, designada por nós de *Relatório*. No desenvolvimento do Relatório serão apresentados quadros comparativos das três re-traduições, referentes aos 20 poemas em prosa escolhidos. Os poemas em prosa apresentam situações específicas da língua francesa, figuras de linguagem utilizadas, musicalidade marcada, por exemplo, pelo paralelismo entre os sons de sílabas das palavras, o som das sílabas finais das palavras, a repetição das consoantes ou das vogais. Nesse momento serão apresentadas as estratégias de tradução para o português observando a valorização do poema, em detrimento da prosa, como tem sido apresentado até o momento, a nosso ver.

Em resumo, procuraremos responder ao seguinte questionamento: caberá uma nova re-tradução de uma obra traduzida no Brasil oito vezes?

## 2 APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

### 2.1 CHARLES BAUDELAIRE - BIOGRAFIA<sup>1</sup>

Charles-Pierre Baudelaire nasceu em Paris em nove de abril de 1821. Filho de Joseph-François Baudelaire e de Caroline Baudelaire, ele foi tradutor, poeta, crítico de arte e literato. Do pai, pintor e poeta, herdou o gosto pelas artes, mas o convívio entre os dois foi interrompido muito cedo, com a morte de François Baudelaire em 1827.

Sua mãe se casa novamente, em 1828, com um soldado chamado Jacques Aupick, que mais tarde se torna um general. Aupick serve como embaixador francês, antes de se tornar senador do Segundo Império.

Para acompanhar o marido, Caroline Baudelaire e o filho se mudaram para Lyon, onde Baudelaire estudou no Collège Royal. Em 1836, já de volta à Paris, ele estudou no Lycée Louis le Grand. Foi naquela época que Baudelaire começou a redigir os primeiros poemas, expressando certa dose de melancolia e ousadia.

Em 1839, expulso do Lycée, por uma futilidade (recusou-se a apresentar um bilhete que um colega lhe passara), Baudelaire passa a frequentar a boemia francesa. Nesse mesmo ano, ele foi aprovado no baccalauréat e em 1840 se inscreveu na faculdade de direito. Vivendo de maneira livre, Baudelaire iniciou seus contatos com o mundo da literatura.

Preocupado com a vida libertina de Baudelaire, Aupick o enviou à Índia em 1841. O poeta não chegou ao seu destino, ficando algum tempo nas ilhas Maurice e Bourbon e retornando a Paris em 1842. Dessa viagem, ele trouxe versos ainda incompletos dos poemas *L'albatro* e *À une Créole*, ambos presentes na obra *Fleurs du mal*.

De volta à Paris, Baudelaire recebeu a herança deixada por seu pai e gastou boa parte de seu dinheiro com livros, roupas, bebidas e drogas. Na intenção de não permitir que o poeta acabasse com seu dinheiro, sua família o levou à justiça que o considerou incapaz, bem como o colocou sob a tutela de um curador, o tabelião Désiré Ancelle, em setembro de 1844.

---

<sup>1</sup> Texto produzido a partir da Dissertação de Mestrado intitulada **Une brève lecture du Spleen de Paris, Recueil en prose de Charles Baudelaire**, de Jacqueline Nunes Brunet, capítulo 1, 2012; do texto retirado do sítio <http://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1345>, consultado em 25 de fevereiro de 2014; e da **CHRONOLOGIE** apresentada na obra **BAUDELAIRE OEUVRES COMPLÈTES**, Le Dantec, Y.-G., 1954.

Pouco depois de sua volta, Baudelaire conheceu uma mestiça chamada Jeanne Duval, por quem ele se apaixonou e se inspirou para escrever suas poesias mais angustiadas e sensuais, como, por exemplo, a poesia erótica *La chevelure*.

O primeiro texto em prosa escrito por Baudelaire, *Le Jeune Enchanteur*, foi publicado no periódico *L'Esprit public*, em 1846. De acordo com a cronologia de Baudelaire apresentada por Le Dantec (1954)<sup>2</sup>, W. T. Bandy descobriu que o texto se tratava, na verdade, de uma tradução de uma novela inglesa de George Croly. Também publicou, naquele periódico, no mesmo ano, os *Conseils aux Jeunes Littérateurs*, onde a personalidade sarcástica e a crítica sutil se destacaram.

Em 1852, Baudelaire e outros escritores tentaram fundar uma revista literária *Le Hibou philosophe*. Já em 1853, foi publicado no periódico *Le Monde littéraire* o texto *Morale du Joujou*, ensaio que se encontra em *L'Art romantique*, desenvolvido sob forma de poema em prosa.

De acordo com a cronologia apresentada por Le Dantec (1954) Baudelaire apresentou estudos e traduções da obra de Allan Poe. Essas traduções, iniciadas em julho de 1854, seguem até abril de 1855. Ainda em relação à obra de Edgar Allan Poe, em abril de 1859, Baudelaire inseriu no periódico *Revue française* “*La Genèse d'un poème*”, traduzido da obra *Philosophy of Composition* de Edgar Poe. As traduções de Poe para o idioma francês contribuíram para o desenvolvimento do movimento simbolista na França.

Da leitura de Inês Oseki-Dépré<sup>3</sup> (1999) no capítulo 5, intitulado *Une comparaison en synchronie*, observamos que a autora apresentou um estudo comparado da obra de Edgar Allan Poe e das traduções para a língua francesa, em especial do poema *Le corbeau*. Baudelaire traduziu Poe imprimindo sua marca, fazendo do texto de Poe um texto pessoal. Dizem que graças ao talento do tradutor, Poe ficou conhecido na França como um grande poeta, mais importante que em seu próprio país.

Quanto aos poemas em prosa, ainda de acordo com Le Dantec (1954), a primeira publicação de uma sequência de seis poemas em prosa, *Poèmes nocturnes*, ocorreu no periódico *Le Présent*. Ressalte-se que as publicações dos poemas em prosa ocorreram concomitantemente com as várias publicações de *Fleurs du Mal*.

Em novembro de 1861, nova série de poemas em prosa foi publicada na *Revue fantaisiste*. No Natal do mesmo ano, Baudelaire expôs à Houssaye seu projeto de reunir em um

<sup>2</sup> Le Dantec, Y.-G., **BAUDELAIRE OEUVRES COMPLÈTES**, 1954.

<sup>3</sup> OSEKI-DÉPRÉ, Inês. *Théories et pratiques de la traduction littéraire*, 1999. P.188-204.

volume seus poemas em prosa, que ele sonhava intitular sucessivamente *Le Promeneur Solitaire*, *Le Rodeur parisien* e posteriormente *La Lueur et la Fumée*.

Entre 26 de agosto e 24 de setembro de 1862, o periódico *La Presse* publicou os vinte primeiros pequenos poemas em prosa, precedidos de sua carta-dedicatória à Arsène Houssaye. No ano seguinte, de junho a dezembro, foram publicados sete poemas em prosa na *Revue nationale*. Finalmente em fevereiro de 1864 o título *Le Spleen de Paris* apareceu pela primeira vez antecedendo sete poemas em prosa e em 25 de dezembro do mesmo ano são publicados mais seis novos poemas em prosa na *Revue de Paris*, ainda intitulados *Le Spleen de Paris*.

De 1864 a 1866, Baudelaire morou em Bruxelas, Bélgica. Lá, ele apresentou algumas Conferências e traduziu os textos de Edgar Allan Poe: *Eurêka* e *Histoires grotesques et sérieuses*. Ainda na Bélgica, o poeta leu suas obras nos salões de Prosper Crabbe, um colecionador. Baudelaire acreditava que os editores Lacroix e Verboeckhoven, poderiam participar dessas leituras e iriam se interessar por publicar sua obra completa. No entanto eles não participaram das leituras e nem publicaram sua obra. Indignado com o sucesso medíocre e com os honorários inferiores aos prometidos, Baudelaire escreveu um panfleto com dois textos, a saber: *Amoenitates Belgicoe* e *Pauvre Belgique!*, protestando contra a Bélgica, por ele considerada uma caricatura da França burguesa<sup>4</sup>.

Em 31 de agosto de 1867, iniciou-se a publicação da última série dos Pequenos Poemas em Prosa, na *Revue nationale*, com *Les Bons Chiens*. Nesse mesmo dia, nos braços de sua mãe, morreu o poeta Charles Baudelaire, em Paris, aos 46 anos.

## 2.2. A OBRA: LE SPLEEN DE PARIS, PETITS POÈMES EN PROSE

Charles Baudelaire é considerado por muitos escritores como o primeiro poeta moderno. Nesse caso, a modernidade de sua obra deve ser observada em sua totalidade, ou seja, sua correspondência, seus textos de crítica literária, artística e musical, a apresentação de seus *salons*, dos seus textos poéticos e de suas traduções, em especial da obra do escritor norte-americano Edgar Allan Poe<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Le Dantec, Y.-G., Baudelaire Oeuvres Completes, 1954.

<sup>5</sup> LAUREL, Maria Hermínia Amado. Le spleen de paris, petits poèmes en prose : “crise de vers”, “crise de prose”. Revista Máthesis, nº 10. Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras, Coimbra, Portugal, 2001, pp. 137-139. Disponível em <[https://pombalina.sib.uc.pt/en/artigo/Le spleen de paris](https://pombalina.sib.uc.pt/en/artigo/Le_spleen_de_paris)> Acesso em 15 de fevereiro de 2014.

Nessa modernidade, surge o gênero literário poema em prosa, na segunda metade do século XIX, fundado por Aloysius Bertrand e Charles Baudelaire. Segundo Michel Sandras<sup>6</sup> (1995, p. 18), esse gênero apresenta uma definição muito difícil, uma vez que a pesquisa de propriedades formais e temáticas, características de uma classe de textos, poemas em prosa, encontra vários problemas.

O primeiro dos problemas residia nas noções de *poema* e *prosa*, tradicionalmente tido como termos opostos. Atualmente esse problema não mais existe, uma vez que a ideia de poesia não implica necessariamente a escrita em verso. Para Bernard<sup>7</sup> (1959, pp. 12-15), o poema em prosa segue duas tendências, sendo que a primeira se rebela contra a ordem da poesia clássica, que via a estrutura clássica em versos como a única forma de expressão poética; e a outra, parecendo oposicionista, que acrescenta elementos da poesia.

De acordo com o “Lexique des termes littéraires”<sup>8</sup> (2001, p.327), o poema em prosa

[...] date du XVIII<sup>e</sup> siècle (où elle souligne la qualité poétique d'épopées en prose ou de romans comme *La princesse de Clèves*), mais c'est seulement en 1842, avec les poèmes d'Aloysius Bertrand, *Gaspard de la Nuit*, qu'elle s'applique à une forme poétique nouvelle et autonome. Un poème en prose est une structure qui forme un tout et qui est fondée non sur des phénomènes prosodiques et métriques, mais sur des recherches de rythme, de sonorités, d'images, qui sont propres à la prose mais en donnent une utilisation qui n'a rien à voir avec la prose au sens traditionnel du terme. C'est dans la seconde moitié du XIX<sup>e</sup> siècle que le poème en prose a véritablement pris son essor, avec les poèmes de Baudelaire, de Rimbaud, puis au XX<sup>e</sup> siècle, de Claudel, Cendrars, Léon-Paul Fargue, Saint-John Perse, Francis Ponge, etc. [...].

*Petits Poèmes en Prose (Le Spleen de Paris)*, obra póstuma composta de 50 peças sintéticas, com teor poético, segundo Gilles Jean Abes<sup>9</sup> (2010, p.208), foi editada como Volume Único, pela primeira vez em 1869, dois anos após a morte de Baudelaire, pela Editora Michel Lévy, sob direção de Eugène Crépet. Os cinquenta poemas em prosa são precedidos de uma carta dedicatória que traz algumas informações importantes, como por exemplo a declaração de Baudelaire de que teve sua obra inspirada na obra de Aloysius Bertrand.

<sup>6</sup> SANDRAS, Michel. **LIRE LE POÈME EN PROSE**, 1995 ;

<sup>7</sup> BERNARD, Suzanne. **Le poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos jours**. Paris : Librairie Nizet, 1959.

<sup>8</sup> JARRETY, Michel ET autres. **Lexique des termes littéraires**. Paris : Éd. Gallimard, 2001. 475 p.

<sup>9</sup> ABES, Gilles Jean. Análise de uma tradução dos pequenos poemas em prosa de Baudelaire. Anuário de Literatura, Volume 15, Número 02, 2010. Disponível em <<https://www.journal.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/2175-7917.2010v15n2p207/15963>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2014.

Ainda de acordo com Ivo Barroso *apud* Abes (2010), existem algumas re-traduições dessa obra para o português, no Brasil, bem como a tradução da obra, datada de 1937, como demonstrado no quadro abaixo:

| Nº | TRADUTOR                   | EDITORA                                | ANO  |
|----|----------------------------|--|------|
| 1  | Paulo M. Oliveira          | Athena                                 | 1937 |
| 2  | Aurélio Buarque de Holanda | José Olympio                           | 1950 |
| 3  | Aurélio Buarque de Holanda | Nova Fronteira                         | 1977 |
| 4  | Dorothee de Bruchard       | Universidade Federal de Santa Catarina | 1988 |
| 5  | Aurélio Buarque de Holanda | Nova Aguilar                           | 1995 |
| 6  | Leda Tenório da Mota       | Imago                                  | 1995 |
| 7  | Gilson Maurity             | Record                                 | 2006 |
| 8  | Dorothee de Bruchard       | Hedra                                  | 2011 |

O título da obra em estudos foi modificado várias vezes pelo próprio Baudelaire. Ele aparece nos periódicos desde 1862 como *Petits Poèmes en Prose*. Em 1963, apesar do autor nomear sua obra de *Petits Poèmes en Prose*, os periódicos *Le Figaro* e *La Revue de Paris* o apresentam como *Le Spleen de Paris. Poèmes en Prose*, título que permanece nas edições modernas.

O termo *spleen* aparece no dicionário de língua francesa *Le Robert Micro*<sup>10</sup> (2008, p. 1263) como sendo: “**spleen** [splin] n. m. ▪ Littér. Mélancolie sans cause apparente, caractérisée par le dégoût de toute chose, vague à l’âme, neurasthénie. → **ennui**. Avoir le spleen. → **cafard**.”

A razão da escolha de um termo inglês para sua obra decorre possivelmente do grande conhecimento da língua inglesa. Segundo Dirceu Villa, na Introdução à segunda tradução de Dorothee de Bruchard, 2ª edição (2009):

[...] SPLEEN – Esta é a palavra do título, um “tédio existencial”, mais ou menos; porque, afinal de contas, Baudelaire poderia ter chamado o livro *L’ennui de Paris* se quisesse dizer simplesmente “tédio”, como uma chateação qualquer. [...] Ele se aplica, como vemos, diretamente à vida nas então recentes metrópoles e, em particular, em Paris. E Paris, no livro, é mais (ou menos) que uma cidade: é, como vimos, um estado mental.

Segundo Viviana Bosi<sup>11</sup> (2007), das leituras e traduções de Poe, alguns aspectos foram trazidos para a produção dos poemas em prosa de Baudelaire, como a “tentação do abismo, a

<sup>10</sup> LE ROBERT MICRO : Dictionnaire de la langue française, poche. 2006. 1506 p.

<sup>11</sup> BOSI, Viviana. **Baudelaire mau vidraceiro**. Alea, vol. 9, nº 1, Rio de Janeiro, Jan/Jun, 2007.

zombaria quanto ao verdadeiro sentido das ações humanas, o transbordamento irreprimível do impulso para a vingança e para a transgressão [...]”. Baudelaire se inspirou no ritmo do conto *The imp of the perverse*, de Allan Poe, iniciado por elucubrações filosóficas e psicológicas, seguidas de exemplos, ações humanas que antecipam o final, a exemplo do poema *O mau vidraceiro*.

Para Dirceu Villa<sup>12</sup> (2011), a obra de Baudelaire traz “[...] a singularidade da voz que os enuncia; o permanente e tenso equilíbrio (por vezes *oposição*) entre multidão / indivíduo [...]”. Nela, encontra-se de tudo um pouco:

[...] ele começa com “L’*étranger*” (“O estrangeiro”), um brevíssimo introito dialogado, lembrando que as pessoas são estranhas quando você é um estranho; passa por pequenos poemas narrativos de momentos como uma espécie de iluminação às avessas (quero dizer, normalmente incluindo alguma crueldade); pela alegoria cinzenta de “*Chacun à sa chimère*” (“Cada qual com sua quimera”) e pelo conto de fadas de “*Les dons des fées*” (“Os dons das fadas”); e termina num epílogo em verso, o único pedaço realmente em verso do livro, e que, não por acaso, está escrito em *terza rima*, como a *Divina Commedia* dantesca – recuperando aquela relação infernal estabelecida em Elliot em seu binômio Dante-Baudelaire -, onde a cidade por fim recebe uma declaração de amor evocando o grande patrono Satã, as prostitutas, a cidade que é “hospital, lupanar, purgatório, inferno, prisão” [...]

Segundo Bosi (2007), Baudelaire não se restringiu somente aos estudos literários, mas também foi um apaixonado pela pintura, o que resultou em uma obra relacionada tanto aos homens quanto a objetos. Ao observar o quadro *tableau parisien*, o poeta trouxe em seu poema em prosa *Les Fenêtres* um sujeito poético objeto. Ele aponta aspectos provocativos entre uma janela fechada e uma janela aberta, considerando que o que se vê à luz do sol é menos interessante do que o que se passa por detrás de uma vidraça, que é explícito e oculto. Assim, para o poeta, as janelas fechadas são mais interessantes do que as janelas abertas.

No poema em prosa XIX, *Le joujou du pauvre*, de acordo com Suzanne Bernard (1959), usando uma grade simbólica, Baudelaire apresentou as duas realidades de vida, os dois mundos: a estrada e o castelo. Por meio da grade a criança pobre mostrou seu brinquedinho vivo à criança rica. Para dar um final feliz e espiritualizar a anedota, Baudelaire redigiu um final de maneira muito inteligente: “*Et les deux enfants se riaient l’un à l’autre fraternellement, avec des dents d’une égale blancheur.*”

Dessa forma, conservando o estilo poético e harmonizando as palavras e a música, Baudelaire escreveu seus poemas em prosa apresentando uma variedade de tons, como visto nos diversos temas inerentes à modernidade da grande cidade de Paris.

Sandras (1995), no capítulo que trata da poética do poema em prosa, destaca um subcapítulo para apresentar os motivos, temas e tonalidades do poema em prosa. Seguindo a

---

<sup>12</sup> BAUDELAIRE, Charles. **Petits Poèmes en prose; Pequenos poemas em prosa [O Spleen de Paris]**. Trad. de Dorothee de Bruchard. – Florianópolis: Ed. da UFSC, Aliança Francesa, 2011 - Introdução.

didática usada por Sandras, também tratamos de alguns temas, bem presentes no segmento de poemas em prosa que nos propusemos a traduzir: os vinte primeiros poemas em prosa. O autor afirma ainda que os poemas em prosa narram uma estória exemplar, descrevem explicitamente um objeto ou constituem uma variação sobre um tema. No tema relativo à grande cidade, no caso Paris, o poeta a identifica por meio das ruas e dos jardins públicos. Esses lugares, descritos pela atmosfera que os permeia, aparecem ligados aos ruídos presentes, como os gritos dos vendedores ambulantes, o barulho provocado pelos fiacres, bem como as músicas, como no caso dos concertos nos jardins públicos. A cidade à noite, também é aquela da solidude do homem em uma turba atarefada.

Outro tema presente nos poemas em prosa de Baudelaire se refere às barraquinhas de festas. Os lugares onde se dão os espetáculos e as exposições foram privilegiados pelos autores de poemas em prosa, como as barracas de feiras e as tendas, palco dos saltimbancos, dos prestidigitadores, dos domadores de animais, dos “Hércules” e das dançarinas. No poema em prosa nº XIV – *O velho saltimbanco*, Baudelaire descreve de forma poética o ambiente e a atmosfera de uma solenidade que acontecia nas férias. Nesse poema, o sujeito poético informa o costume do parisiense, quando afirma: “[...] Para mim, não deixo jamais, **como verdadeiro parisiense**, de passar em revista todas as barracas que se empavonam em tais épocas solenes<sup>13</sup> [...]” (grifamos).

Como não podia deixar de tratar sobre o tema *modernidade*, Sandras (1995, p. 129), informa que em todos os poemas em prosa de Baudelaire está presente a escolha da paisagem urbana, característica do gosto dos escritores pós-românticos. O autor cita uma passagem de um artigo de Baudelaire sobre Constantin Guys (*Curiosités esthétiques*): “L’amateur, le curieux s’intéresse à la beauté particulière et éphémère, aux spectacles offerts par toutes les circonstances singulières de la vie moderne<sup>14</sup>.”

Suzanne Bernard (1959, p. 122), evidencia o tom modernista, que mostra que a finalidade de Baudelaire não era simplesmente escrever em prosa, mas compor uma nova forma de poesia capaz de reunir todas as ressonâncias e todas as dissonâncias da vida moderna<sup>15</sup>.

Enfim, voltando às ideias de Sandras (1995), Baudelaire tem na ironia a estratégia de um discurso estético e moral, observando-se que a tonalidade sarcástica não exclui a tonalidade da vibração.

<sup>13</sup> Nossa tradução, do texto original: “[...] Pour moi, je ne manque jamais, en vrai Parisien de passer la revue de toutes les barraques qui se pavent à ces époques solennelles. ”;

<sup>14</sup> Sandras, 1995, p.129;

<sup>15</sup> Bernard, 1959, p. 122;

É no meio de todas as cenas comuns às grandes cidades, no caso em particular da cidade de Paris, descrevendo suas ruas e jardins públicos, bem como a atmosfera que as permeia, como os ruídos presentes, os gritos dos vendedores ambulantes, o barulho provocado pelos fiacres, e as músicas, comuns nos concertos nos jardins públicos, que o poeta apresentou seus poemas em prosa.

### 3 DISCUSSÃO TEÓRICA

#### 3.1) TRADUZINDO O POEMA EM PROSA

De acordo com Álvaro Faleiros<sup>16</sup> (2012, pp. 11-13), poucos livros foram dedicados ao tema tradução, apesar dos vários artigos e teses sobre o assunto. Se tratarmos da tradução poética, o universo de livros se restringe ainda mais. Nesse trabalho, trataremos desta linha de tradução, a poética, presente na poesia em prosa de Charles Baudelaire.

Refletir a tradução de um texto literário, em especial a poesia em prosa de Charles Baudelaire que nos revela um universo linguístico marcado por ritmo e imagens, implica inicialmente reconhecer a característica do texto como um todo, bem como as particularidades de cada poesia em prosa, ao mesmo tempo.

Dentro do tema *Tradução poética* há os que defendam que o texto traduzido exige do tradutor uma sensibilidade e um talento semelhantes aos que tradicionalmente se exigem dos poetas (ARROJO, 2007) Para outros poetas e críticos, a *tradução poética* exige do tradutor mais que os limites estritos da linguística, mas considerando também o aspecto formal do texto literário, que muito contraria o sentido da linguagem de comunicação corrente. (FALEIROS, 2012)

Ainda segundo Faleiros (2012), no Brasil o estudo teórico sobre a tradução poética ocorre apenas na década de 1960, com os irmãos Haroldo e Augusto de Campos, quando surge o conceito de *transcrição*, explicando que não é o caso de se traduzir apenas o significado, mas também o próprio signo, a iconicidade do signo estético, sua fisicalidade, sua materialidade, suas propriedades sonoras, sua imagética visual, seguindo a prática tradutória de Ezra Pound, que trata da recriação e da crítica em uma tradução poética. Esta última, cumprindo duas funções: primeiramente “tentar teoricamente antecipar a criação”, bem como “eliminar as repetições”.

Nas décadas de 1980 e 1990, outro conjunto de perspectivas teóricas foi adotado, chamados de “semióticas e textuais, que propõem um equilíbrio dinâmico entre a forma, o sentido e as características retóricas do texto literário<sup>17</sup>” (RIVAS *apud* FALEIROS, pp. 30-31). Paulo Vizioli é o primeiro a trazer uma abordagem mais textual à tradução poética no Brasil,

<sup>16</sup> FALEIROS, Álvaro. **Traduzir o Poema**, 2012;

<sup>17</sup> FALEIROS, Álvaro. **Traduzir o Poema**, 2012, pp. 30 e 31.

cuja perspectiva encontra-se embasada na definição das três atividades de criação poética sistematizadas por Ezra Pound: a melopeia, a fanopeia e a logopeia.

Sobre o assunto, é necessário apresentar a teoria de Pound<sup>18</sup> (1990, p.63), que considerando a linguagem como meio de comunicação, apresenta os principais três meios para carregar a linguagem de significado até o máximo, a saber:

1. Projetar o objeto (fixo ou em movimento) na imaginação visual.
2. Produzir correlações emocionais por intermédio do som e do ritmo da fala.
3. Produzir ambos os efeitos estimulando as associações (intelectuais ou emocionais que permaneceram na consciência do receptor em relação às palavras ou grupos de palavras efetivamente empregados.  
(fanopeia, melopeia, logopeia)

Na abordagem de Vizioli *apud* Faleiros, 2012, pp. 31-32, são os seguintes os passos a serem seguidos pelo tradutor:

a) Traduzir, primeiramente, a partir do ritmo (melopeia) do poema e criar um texto que retoma a regularidade métrica, caso exista, do texto original. É importante observar que a escolha não esteja isolada das outras qualidades sonoras do texto, como as repetições, as assonâncias e as aliterações;

b) A imagética (ou fanopeia) do texto deve ser recriada, porém mantendo-se os termos mais marcados pela cor local, não podendo ser substituídos por elementos da cultura de chegada;

c) Transpor o termo “estranho” pela introdução de elementos da língua-cultura de chegada, ou seja, entrar no campo da adaptação literária.

A última etapa (logopeia), encontrar o “tom do texto original”, é sem dúvida o elemento mais difícil, pois o tradutor precisa ficar atento ao tom utilizado pelo poeta: “sentimental ou reservado, cômico ou sério, ingênuo ou irônico”.

Nessa mesma linha, Laranjeira<sup>19</sup> *apud* Domingos, 2004, pp. 2406-2415, afirma que se deve identificar no texto a manifestação do poético e verificar, no ato de traduzir, como se dá a passagem do poético no texto traduzido. O tradutor não pode apenas transladar um sentido de língua para outra, nem limitar-se apenas à transmissão de informação ou de comunicação.

---

<sup>18</sup> POUND, Ezra. **Abc da Literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1990, p.63.

<sup>19</sup> DOMINGOS, Norma. **A prosa Villieriana**: por uma tradução poética. São Paulo: FAPESP, 2004, PP. 2406-2415. Disponível em [http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_495.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_495.pdf). Consultado em 03 de fevereiro de 2014;

Norma Domingos, lembrando que para muitos leitores o texto traduzido será o único contato estabelecido com o autor, complementa a ideia de Mário Laranjeira quanto aos aspectos a serem observados no processo de tradução de texto poético. Os procedimentos estilísticos de um autor devem ser preservados, sob pena de descaracterizar totalmente a obra de um determinado autor.

Antoine Berman (2008), desenvolveu uma reflexão sobre tradução literal, definida por ele como tradução poética e conseqüentemente criativa. Segundo Eduardo Ferreira<sup>20</sup> (2008), “[...] Nada de traduzir palavra por palavra, Berman invoca uma literalidade distinta. Não algo que possa lembrar o decalque ou a mera reprodução, mas aquela que trabalha sobre a letra (e não apenas sobre o sentido) para tirar da letra a tradução. [...]”.

Nesse sentido, traduzir a letra engloba mais que traduzir a palavra, pois se trata de traduzir o ritmo, as aliterações, os jogos significantes de um texto. (FALEIROS<sup>21</sup>, 2009, pp.145-158).

Seguindo a reflexão expressa na obra *L'Épreuve de l'étranger* (1984), Berman relaciona a questão ética ligada à escolha do tradutor: obra x autor; ou autor x público. Essa escolha tem que ser ética, poética e pensante.

Para Ferreira (2008), “[...] o ético aqui pode significar a busca de vínculo o mais próximo possível com a “verdade” (tal como expressa na letra do texto), enquanto o poético corresponderia ao elemento ao mesmo tempo criativo e fundamente calcado na materialidade das palavras [...]”.

Berman estima que a estratégia de estrangeirização, ou exotização, constitui a verdadeira ética da tradução.

Usando o pensamento de Norma Domingos (2004, p. 2414), as traduções e re-traduições efetuadas devem atentar para as características fono-estilísticas e sintáticas, tais como: rimas internas, aliterações e figuras de estilo dominantes; tipos de frases; jogos de palavras; polissemia de certos termos lexicais; bem como características estruturais, tais como: tipo de pontuação; presença predominante de segmentos poéticos; e campos temáticos representativos.

Abaixo, citaremos os aspectos estilísticos presentes na obra de Baudelaire. Alguns desses aspectos serão analisados no capítulo 4 – RELATÓRIO.

<sup>20</sup> FERREIRA, Eduardo. **Berman e a tradução da letra**. Rascunho, Nov./2008. Disponível em <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/antoine-berman-e-a-traducao-da-letra/>, consultado em 02 de junho de 2014;

<sup>21</sup> FALEIROS, Álvaro. **A crítica da retradução poética**. Revista Itinerários, Araraquara, n. 28, p. 145-158, jan. / jun. 2009. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2146/1764>, consultado em 03 de fevereiro de 2014;

### OPERAÇÕES SINTÁTICAS<sup>22</sup>

|            | FRANCÊS  | PORTUGUÊS   |
|------------|--|---|
| INVERSÕES  | Inversões seguem regras mais rígidas;  | Recurso bastante utilizado em poesia;   |
| SUPRESSÕES |  | Supressão de algum termo da frase: frequente na tradução dos pronomes em português;   |
| PRONOMES   | <p>Pessoas verbais: pronoms de conjugaison – obrigatórios, pois foneticamente as pessoas verbais não são marcadas. Indispensável;</p> <p><i>on</i>: contém ideia de indeterminação de sujeito;</p> <p><i>tu e vous</i>: não existem pronomes de tratamento;</p> <p><i>en</i>: pronome adverbial;</p> | <p>Dispensável no português. Considerado, em geral, falha de estilo;</p> <p>Utilizou-se conjugação do verbo na primeira pessoa do plural; também utilizou-se indeterminação do sujeito;</p> <p>Existem também os pronomes de tratamento, além de tu e vós (você, o senhor, os senhores etc.);</p> <p>corresponde a um substantivo ou pronome regido pela preposição de;</p> |

<sup>22</sup> Quadro comparativo elaborado em sua totalidade de dados retirados do texto de Álvaro Faleiros, 2012, *Traduzir o poema*, pp.98-106.

## ASPECTOS POÉTICOS DA POESIA EM PROSA DE BAUDELAIRE

| <b>FRANCÊS<sup>23</sup></b>  |
|--|
| <p>Por ser o francês o menos poético dos idiomas modernos, adotou-se o poema em prosa contra a versificação silábica e contra a poesia concebida como discurso rimado;</p> <p>Tentativa de voltar ao ritmo;</p> <p>Inserção do humor, ironia, pausa reflexiva;</p> <p>Rica gama de sensações ante o outro: assombro, estupefação, alegria, abismo, serpente, delícia, monstro belo e atroz → repulsa e fascinação;</p> |

### 3.2) A RE-TRADUÇÃO

A prática da re-tradução não é um acontecimento recente, apesar de ser objeto de poucas análises nos estudos tradutológicos. Para tratar desse tópico de nosso trabalho, tomamos por base o trabalho de Álvaro Faleiros (2009), *A crítica da retradução poética*, publicado no periódico Itinerários, Araraquara, n. 28 p. 145-158, jan. / jun. 2009, bem como dos textos de Enrico Monti<sup>24</sup> e Yves Gambier, partes da obra *Autour de la retraduction: Perspectives littéraires européennes*, Orizons (2011), sob a direção de Enrico Monti e Peter Schnyder.

Da análise dos textos citados acima pudemos observar que os autores tratam do assunto de maneira muito semelhante, sem diferentes abordagens, o que vem confirmar a afirmação de que o assunto é realmente pouco analisado nos estudos de tradução.

Retomemos o principal objeto de nossa pesquisa: “**cabará uma nova re-tradução de uma obra traduzida no Brasil oito vezes?**” (Grifamos). Quais são as motivações para uma nova re-tradução? Enrico Monti e Peter Schnyder (2011), apresentam diferentes razões, como atualização, melhoramento ou correção, entre outras razões. No mesmo trabalho Monti (2011),

<sup>23</sup> Quadro elaborado em sua totalidade de dados retirados da obra de Octavio Paz, *O arco e a Lira*, PP. 80-90. O autor apresenta aspectos da língua francesa e da obra de Baudelaire, em comparação com a poesia de poetas de língua inglesa, contemporâneos de Baudelaire. No presente estudo, trataremos dos aspectos relacionados à poesia em prosa de Baudelaire;

<sup>24</sup> MONTI, Enrico et Schnyder, Peter. Introduction – La retraduction, um état des lieux. *Autour de la retraduction: Perspectives littéraires européennes*. Daniel Cohen editeur, 2011, PP. 7-25.

apresenta outra motivação que merece destaque no ato de re-traduzir, ou seja, existe uma periodicidade para a apresentação de uma nova re-tradução? E ainda, qual é a ligação entre uma re-tradução literária e os acontecimentos históricos, as ideologias ou os posicionamentos filosóficos que atravessaram a Europa ao longo do século XX e início do século XXI? Esse último aspecto foi citado só para conhecimento do estudo dirigido por Enrico Monti, uma vez que não será objeto de análise ou estudos no presente trabalho.

Inicialmente deve-se tomar o termo re-traduzir no sentido de “traduzir de novo” (“traduire de nouveau”). Yves Gambier<sup>25</sup> (2011, pp. 49-66), o denomina de “tradução de um texto que é ele mesmo uma tradução”. (“traduction d’un texte qui est lui-même une traduction”). Para o autor, com o passar do tempo, bem como das mudanças de necessidades, das percepções e da língua há a necessidade de re-atualizar uma tradução já estabelecida. O mesmo autor também questiona se uma re-tradução é mesmo uma nova tradução.

Ainda segundo Gambier (2011), as re-traduições podem ocorrer de variadas maneiras, como:

- retorno ao original, como exercício, por exemplo, de se verificar as transformações relacionadas à transferência;
- tradução de outra tradução feita em uma língua diferente da língua original;
- tradução em uma mesma língua, de um mesmo texto de partida, realizada após outra tradução. É esse tipo de re-tradução que nos interessa estudar, no presente trabalho.

Gambier (2011), demonstra que a insatisfação face às traduções existentes justifica uma re-tradução. Essas justificativas ocorrem de várias maneiras, a saber:

- Em razão de omissões ou modificações nas traduções precedentes, motivada pela vontade de restaurar a integridade do texto. No Brasil, por exemplo, bem como em diversos outros países, as traduções oriundas do momento político da ditadura merecem ser re-traduzidas. (Comentário nosso).
- em razão do envelhecimento das traduções. O texto original também envelhece, mas tal envelhecimento ocorre de maneira distinta de suas traduções. Na comparação de Monti (2011, p. 16), as rugas adquiridas pelo texto original o tornam até mais charmoso, enquanto que as imperfeições relacionadas à idade das traduções têm uma propensão particular de torná-las grotescas.

---

<sup>25</sup> GAMBIER, Yves. La retraduction: Ambiguïtés et défis. Autour de la retraduction: Perspectives littéraires européennes. Daniel Cohen editeur, 2011, PP. 49-66.

À parte as mudanças na língua, os tradutores têm cada vez mais recursos que favorecem acesso a pesquisas em relação aos tradutores “antigos” (“anciens”)<sup>26</sup>, mesmo que esses meios e competências não impliquem automaticamente em uma tradução melhor, mas certamente melhoram a compreensão do texto de partida.

Razões de ordem econômica e / ou editorial também podem motivar uma re-tradução. A partir do momento que uma obra entra em domínio público, a tradução pode se tornar mais barata a um editor. Sob o aspecto econômico, os re-tradutores seriam frequentemente menos “bem pagos” que os tradutores, se considerado o fato de que o trabalho seria facilitado (facilité) pelas traduções já existentes. Isso é uma regra geral que não foi objeto de pesquisa neste trabalho.

Álvaro Faleiros (2009, pp.145-158), em seu trabalho *A Crítica da Retradução Poética*, afirma que a re-tradução tem sido objeto de poucas análises, apesar de ser uma prática tão corrente ou mais do que a própria tradução, devido ao constante interesse comercial e acadêmico pelos textos canônicos.

Para o autor, a re-tradução é a “[...] reapropriação de uma obra já traduzida, acrescentando-lhe novas leituras e relevos por meio da reescritura da reescritura; [...]”.

O autor nominou quatro tipos de re-tradução:

a) Tradução indireta que considera uma tradução como verdadeiro texto de partida. Nesse aspecto, Faleiros (2009, p.146), citou o caso da tradução elaborada por Machado de Assis sobre a obra de Edgar A. Poe, que por não dominar a língua inglesa traduziu a obra de Poe tomando como partida uma tradução de Mallarmé para o francês;

b) Re-tradução como autocorreção; esse é o caso da tradução de “O Corvo” de Edgar A. Poe feita por Mallarmé. Segundo Faleiros (2009, pp. 146-147), a tradução de Machado de Assis tomou como texto de partida a segunda versão apresentada por Mallarmé, já considerada re-tradução;

c) Re-tradução como crítica, que propõe uma nova tradução em função de traduções já existentes;

d) A crítica da re-tradução poética, que aqui nos interessa, é o motivo da reflexão do citado trabalho de Álvaro Faleiros.

---

<sup>26</sup> MONTI, Enrico et Schnyder, Peter, 2011, p.16

Ainda sobre o tema, destacamos o estudo do teórico francês Antoine Berman, um dos primeiros autores a refletir sobre a re-tradução. Mauri Furlan<sup>27</sup> (2013, p.293), apresentou a distinção observada por Berman a respeito do espaço e do tempo de tradução:

[...] e há uma distinção importante entre dois espaços e dois tempos de tradução: o das primeiras traduções e o das retraduições (2012: 137). Aquele que retraduz depara-se com pelo menos dois textos: o original e uma tradução. Geralmente, é nesse espaço que a tradução produz suas obras-primas, é nesse espaço que acontece a possibilidade da tradução da letra. Esse literalismo não é o modo fácil e primeiro, mas o modo último. A tradução literal é a expressão de uma intensa relação com a língua materna: a literalidade e a retradução são sinais de uma relação amadurecida com a língua materna, em que essa é capaz de aceitar a língua estrangeira (2012:138). E quanto maior o domínio que o tradutor possua da sua própria língua literária, unido a uma intuição da linguagem como um contínuo de ritmo, de prosódia, de semântica, maior lhe será a possibilidade de abrir-se para tal relação. O que se espere de nós é um pouco mais de ousadia.

Ainda há um tema a ser comentado: Quais as razões de envelhecimento de uma tradução? Gambier (1995), questiona como se dá o envelhecimento de uma tradução, bem como a razão de tal envelhecimento. Nesse aspecto, Faleiros (2009), condensou bem os motivos do envelhecimento das traduções, aposentados por Gambier, destacando:

- surgimento de uma nova edição;
- transformação dos meios de interpretação, como por exemplo a análise genética dos manuscritos;
- novas abordagens teóricas, como as sociológicas e as da recepção; bem como,
- a baixa qualidade da tradução ou de suas re-traduições.

Da leitura da obra de Oseki-Dépré (1999), constatamos que Baudelaire e Mallarmé traduziram o mesmo texto de Poe quase ao mesmo tempo e, de certa maneira, no mesmo estilo. As duas traduções foram muito importantes para a literatura francesa. Do quadro apresentado no capítulo que trata da apresentação da obra pudemos constatar que há oito re-traduições no período compreendido entre 1937 a 2011, no Brasil. Isso sem considerarmos a traduções e re-traduições em língua portuguesa editadas em outros países.

Certamente o que nos motivou a estudar e propor uma re-tradução não foi a questão temporal, uma vez que em apenas 77 anos foram apresentados oito textos traduzidos.

---

<sup>27</sup> FURLAN, Mauri. Texto publicado em decorrência do I Congresso Luso-brasileiro: **Traduzir e publicar os clássicos**. Universidade de Coimbra, em 22/11/2012. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30276/25172>, consultado em 03 de fevereiro de 2014.

A vontade de dar uma nova perspectiva ao texto nos motivou a propor uma re-tradução dos poemas em prosa de Baudelaire. Queríamos imprimir um ritmo mais poético, uma vez que, a nosso ver, as duas traduções estudadas no presente trabalho imprimiram um ritmo em favor do sentido da letra, em seu sentido estrito, deixando em segundo plano o sentido poético presente em toda a obra.

## 4 RELATÓRIO

Entre as questões e problemas apresentados em uma tradução, as estratégias utilizadas por um tradutor apresentam destaque no presente trabalho. Tais estratégias compreendem três elementos, a saber: a escolha do texto; o método adotado para traduzi-lo, entendido aqui como as diferentes decisões tomadas pelo tradutor; e o resultado, ou a decisão. Esses três elementos dependem de fatores diversos e variados, como econômicos, culturais, políticos, históricos e outros. (GUIDÈRE, 2010)<sup>28</sup>

É necessário estudar de maneira sistemática todas as maneiras pela qual o tradutor tenta resolver os problemas semânticos, pragmáticos e estilísticos ao curso desse trabalho de derivação.

Ainda segundo Guidère (2010), em nível micro textual, que trata das unidades lexicais e sintáticas, o tradutor apenas resolve os problemas locais. Já em nível macro textual, o tradutor é levado à tomada de decisões importantes em função de uma estratégia preestabelecida. Para manter a coerência de seu trabalho, o tradutor deve pensar na resolução de seus problemas em nível micro textual em função de sua estratégia em nível macro textual.

Entre a multiplicidade de fatores pode-se distinguir dois grandes tipos de estratégias de tradução, ou seja, de um lado a estratégia fonte que visa confrontar as normas e os valores dominantes na cultura fonte; por outro lado, a estratégia que valoriza a cultura alvo visa submeter os textos estrangeiros aos obstáculos dessa cultura. A primeira é protecionista porque visa preservar a cultura de partida e a outra é assimilacionista porque visa privilegiar a cultura alvo.

A naturalização da obra é a adaptação utilizada pelo tradutor para naturalizar uma obra estrangeira da mesma maneira que um indivíduo adquire a nacionalidade por naturalização, eliminando-se as particularidades mais visíveis para que ele seja admitido no seio da nação. O objetivo é fazer admitir o “estrangeiro” na cultura nacional sem suscitar a polêmica e sem conflitar com a sensibilidade do público. Já a exotização procura guardar na língua alvo os traços característicos da obra estrangeira, como imagens, estilos e valores, objetivando abrir o espírito do público alvo fazendo-lhes sentir o que Berman chama de “l’*épreuve de l’étranger*”.

Segundo Faleiros (2012), “[...] Para Berman, a ética do traduzir reside em não negligenciar o “*contrato* fundamental que une a tradução a seu original [...] que proíbe ir além da textura do original” (grifos do autor A. Berman). E logo abaixo indica que o “projeto ético

---

<sup>28</sup> GUIDÈRE, Mathieu. Introduction à La traductologie. Penser la traduction: hier, aujourd’hui, demain. Bruxelles: De Boeck Université, 2011, p. 97.

da tradução” é “levar às margens da língua para a qual se traduz a obra estrangeira na sua pura estranheza, sacrificando deliberadamente sua [do tradutor] ‘poética’ própria.” Faleiros chama de “risco de palavra” o ato do tradutor desconsiderar uma série de práticas, classificadas por Berman de “[...] hipertextuais (adaptações, pastiches, paráfrases) que podem em alguns casos chegar a determinados movimentos da fala gestualmente tão vivos quanto aqueles do texto fonte [...]”.

Nesse ponto, Faleiros (2012, pp. 171-172), admite não ter refletido as éticas do traduzir quando traduziu o poema XXXVI de Da Morte. Odes mínimas de Hilda Hilst. Esse ato só foi refletido em 2012, quando da elaboração do livro *Traduzir o poema*, onde o autor declarou considerar mais interessante a postura seguida por Meschonnic.

As duas estratégias de tradução apresentam vantagens e inconvenientes. Os desafios estratégicos da tradução ultrapassam o domínio textual para englobar problemas culturais e políticos.

A nossa proposta de trabalho visa guardar os traços característicos da obra estrangeira, conservando os estranhamentos apontados no texto original, sempre que possível, inclusive valorizando a poesia.

Antes de apresentarmos nossos problemas e soluções propostas na tradução dos vinte primeiros poemas em prosa da obra de Baudelaire, trataremos das propostas de Dorothée de Bruchard e Leda Tenório da Motta, pela análise da “introdução” e das “notas” encontradas no trabalho da primeira tradutora, bem como da análise da “apresentação” e das “notas” trazidas por Motta.

A introdução da tradução de Bruchard foi elaborada por Dirceu Villa<sup>29</sup>, que a subdividiu em títulos. Villa não apresentou a tradução de Bruchard, mas sim o autor, Charles Baudelaire, e sua obra *PEQUENOS POEMAS EM PROSA [O SPLEEN DE PARIS]*.

De destaque da introdução elaborada por Villa, elegemos o primeiro dos títulos da introdução à tradução de Bruchard, *Baudelaire, l’homme des foules*, que faz alusão ao título do conto de Edgar Allan Poe. Villa apresenta o autor Baudelaire como sendo “[...] um daqueles casos literários indefiníveis, mesmo porque não tinha simpatia por nenhuma causa, e a “ideia de arte” em seu pensamento possui antes um sentido absoluto, que a separa num corte nítido da

---

<sup>29</sup> “**Dirceu Villa** é poeta, tradutor e mestre em letras pela Universidade de São Paulo. Autor do livro de poemas *Descort* (Hedra, 2003), traduziu *Lustra*, de Ezra Pound e colabora em diversos veículos de imprensa.” Texto extraído da obra de Charles Baudelaire, *PEQUENOS POEMAS EM PROSA [O SPLEEN DE PARIS]* traduzida por Dorothée de Bruchard, 2011.

“ideia de natureza” [...]”. Villa também tratou da crítica requintada de Baudelaire, bem como da predileção pelo autor americano Poe.

O termo “*SPLEEN*” foi tratado especificamente no terceiro título de sua introdução. Villa designou o termo de “tédio existencial”, uma vez que não se trata simplesmente da palavra tédio ou chateação, termos com equivalente em francês: *l’ennui*. Segundo Villa, o termo se aplica diretamente às grandes metrópoles, em especial Paris, que se trata de um “estado mental”.

Com certeza destacamos o título *O POEMA EM PROSA* já citado quando tratamos do tema poesia em prosa.

Da leitura de seu texto, percebe-se que Villa não procurou adotar em seu comentário os termos traduzidos por Bruchard, ou seja, quando ele comenta termos da obra de Baudelaire ele apresenta as traduções, por vezes, distintas dos termos apresentados na tradução de Bruchard. Apresentaremos exemplos, não exaustivos:

“Multidão, solidão: termos iguais e permutáveis, para o poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão tampouco sabe estar só em meio a uma massa **atarefada**. ” (Grifamos). A tradução de Bruchard apresenta o termo *azafamada* para a palavra original *affairée*.

“[...] Nos *Pequenos poemas em prosa*, ele tem o nome daquele topônimo fantasioso da Idade Média, *Cocagne* (Cocanha) [...]”. Bruchard traduz o termo como *terra de promessa*.

Passamos então a analisar as *NOTAS* elaboradas pela tradutora, na intenção de encontrarmos evidências sobre as estratégias de tradução. Bruchard utilizou 51 notas explicativas. Essas notas procuram explicar o texto de Baudelaire, apresentando suas estratégias de tradução. Optamos por apresentar os comentários citados nas *NOTAS* da edição de 1988, por estarem didaticamente melhor estruturadas.

Na parte intitulada *NOTAS*, da edição de 1988, a tradutora apresenta algumas justificativas para suas escolhas de tradução. As situações citadas abaixo se referem às Notas explicativas adotadas pela tradutora Dorothée de Bruchard:

|  |  |
|--|--|
| <p>No poema V – O QUARTO DUPLO,<br/><b>SITUAÇÃO:</b> para o termo <i>Idole</i>, palavra feminina na língua francesa.</p> | <p>ESCOLHA DE DOROTHÉE DE BRUCHARD:<br/>Preferiu manter o gênero feminino em sua tradução, em respeito ao contexto e à estranheza que possa causar. A <i>Ídola</i></p> |
|--|--|

|  |  |
|--|--|
| <p>No poema X – A UMA HORA DA MANHÃ,<br/>SITUAÇÃO: para a palavra <i>Vénustre</i>, em francês, onde Baudelaire reproduz ironicamente a pronúncia da saltadora.</p> | <p>ESCOLHA DE DOROTHÉE DE BRUCHARD:<br/>Preferiu utilizar o termo <i>Vênis</i> para a pronúncia de <i>Vênus</i>.</p> |
|--|--|

|   |   |
|---|---|
| <p>No poema XVIII – CONVITE PARA A VIAGEM, (na edição de 2011, intitulado CONVITE À VIAGEM),<br/>SITUAÇÃO: para o termo <i>Cocagne</i>, em francês,</p> | <p>ESCOLHA DE DOROTHÉE DE BRUCHARD:<br/>A tradutora optou por usar a explicação do termo, considerando como tradução a descrição para <i>terra de promessa</i>.</p> |
|---|---|

|  |  |
|--|--|
| <p>No poema XX – OS DONS DAS FADAS,<br/>SITUAÇÃO: para o termo <i>Mont-de-Piété</i>, em francês,</p> | <p>ESCOLHA DE DOROTHÉE DE BRUCHARD:<br/>A tradutora optou por traduzir como <i>Casa de Penhores</i>.</p> |
|--|--|

Percebe-se que a tradutora apesar de afirmar se importar com a língua de origem, no caso a língua francesa, querendo apresentar a mesma estranheza encontrada no texto de Baudelaire, apresentou traduções explicativas para a língua portuguesa, procurando naturalizar a obra estrangeira.

Leda Tenório da Motta em seu *Prefácio à tradução* faz uma análise da vida e obra de Baudelaire, em especial dos poemas em prosa. No entanto, no último parágrafo a tradutora explica que sua tradução reconhece como trabalho inaugural a versão brasileira de Aurélio Buarque de Holanda (1966), e informa que sua tradução retoma o trabalho iniciado por Holanda. Como ela mesma afirma “[...] Mais atenta, talvez, à letra do texto, que procura não interpretar – e mais sujeita, portanto, às estranhezas do estilo baudelairiano -, procura alcançar, por vias mais atuais, a modernidade que o próprio Baudelaire põe no centro do seu conceito de arte.”

Observa-se que a tradutora se propôs a retomar o trabalho iniciado por Aurélio Buarque de Holanda; se diz mais atenta à letra do texto, sem procurar interpretar, o que implica estar mais atenta às estranhezas do estilo baudelairiano. No entanto, também procura alcançar a modernidade, *por vias mais atuais*.

Ao contrário de Bruchard, Motta apresentou só 12 *Notas*. Tratam-se de notas explicativas, que procuram justificar a escrita baudelairiana.

Da análise do primeiro texto, percebe-se que a tradutora também não observou as pessoas utilizadas no texto original, onde o autor diferencia bem as pessoas da forma *tu* e *vous*.

Também pode-se observar que a tradutora inverteu a ordem das frases. Ela inicia o texto com o destaque de “Diga”. A tradutora prometeu “ficar mais atenta à letra do texto”, mas isso não aconteceu como se percebe do quadro abaixo.

|  |   |
|--|---|
| <p>No texto original temos : « Qui <b>aines-tu</b> le mieux, homme énigmatique, <b>dis ? ton</b> père, <b>ta</b> mère, <b>ta</b> soeur ou <b>ton</b> frère ? »<br/>[...] Je le hais comme <b>vous</b> haïssez Dieu.<br/>(Grifamos)</p> | <p>Motta utiliza várias vezes a mesma forma: “<b>Diga</b>, homem enigmático, de quem <b>gosta</b> mais? De <b>seu</b> pai, de <b>sua</b> mãe, de sua irmã, de <b>seu</b> irmão? ”<br/>[...] Odeio-o como <b>voce</b> odeia a Deus.<br/>(Grifamos)</p> |
|--|---|

No decorrer da apresentação de nossas escolhas, também faremos a apresentação das escolhas das duas tradutoras.

Inicialmente cabe informar que nos exemplos utilizados nos quadros comparativos, adotaremos a seguinte equivalência:

|             |  |
|-------------|--|
| <b>(TO)</b> | Texto original – Francês, 1869;          |
| <b>(NT)</b> | Nossa proposta de texto traduzido, 2014. |
| <b>(LM)</b> | Tradução de Leda Tenório da Motta, 1995; |
| <b>(DB)</b> | Tradução de Dorothée de Bruchard, 2011;  |

Também informamos que usamos como referencial, para efeito de localização do termo ou do trecho analisado, o nº da linha em que ele se encontra citado no texto em anexo, em língua francesa, Anexo C.

Para tratarmos dos aspectos relativos às operações sintáticas, usamos como referencial o estudo de Faleiros (2012), *Traduzir o poema*, pp.98-106. Para os demais aspectos observados em nossa proposta de tradução, bem como dos textos de Bruchard e Motta, apenas por motivo de facilitar a leitura, apresentamos nossas observações seguindo a numeração dos poemas em prosa. Não comentaremos todos os vinte poemas em prosa traduzidos por nós, pelo fato já descrito anteriormente de que por tratar-se de trabalho de conclusão de curso restringiu-se a

aproximadamente 40 laudas, implicando somente o início de pesquisa, sem a expectativa da exaustividade do tema.

Em nossa proposta mantivemos os pronomes de tratamento *tu e vós*, ao contrário das duas traduções utilizadas como base de comparação. As tradutoras apresentaram a forma *você* e *vocês*, na maioria das vezes, sem distinção do uso formal ou não. Note-se que na língua francesa os chamados *pronoms de conjugaison* marcam a pessoa do texto, uma vez que foneticamente as pessoas verbais não são marcadas, por isso tais pronomes são indispensáveis. Na língua portuguesa, o uso do pronome sujeito é, em geral, falha de estilo, pois, também em geral, a pessoa do discurso é marcada pela terminação verbal. (FALEIROS, 2012, p. 101). No entanto, como forma de mantermos o referencial e o ritmo, em várias passagens apresentamos os pronomes *tu e vós*.

|  |  |
|--|--|
| <p><b>(TO)</b> (1869) (Poema em prosa XVI, linhas vinte um e vinte e dois)<br/>« Que regardes-tu là [...]<br/>(Poema em prosa XVI, linha vinte e sete)<br/>[...] et aussi emphatique que vous-même ?<br/>[...]</p> | <p><b>(NT)</b> (2014)<br/>“o que tu olhas aí [...]<br/>[...] e tão enfático quanto vós mesma? [...]</p>  |
| <p><b>(LM)</b> (1995)<br/>“O que está olhando aí [...]<br/>[...] e tão enfático como vós? [...]</p>  | <p><b>(DB)</b> (2011)<br/>“O que está mirando [...]<br/>[...] e tão enfático quanto a senhora? [...]</p> |

O pronome indefinido *on* não possui equivalente no português moderno. Procuramos utilizá-lo com a indeterminação do sujeito ou na primeira pessoa do plural. No poema n. XVIII as três re-traduições apresentaram o pronome *on* como a primeira pessoa do plural. Já no segundo exemplo, o utilizamos como indeterminação do sujeito.

|  |   |
|--|---|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XVIII, linha três)<br>[...] et qu'on pourrait appeler l'Orient de l'Occident, [...] | <b>NT</b> (2014)<br>[...] e que poderíamos chamar de Oriente do Ocidente, [...] |
| <b>LM</b> (1995)<br>[...] que poderíamos chamar o Oriente do Ocidente, [...]   | <b>DB</b> (2011)<br>[...] e que poderíamos chamar de Oriente do Ocidente, [...] |

|   |  |
|---|--|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa V, linhas oito e nove)<br>[...] on les dirait doués d'une vie somnambulique, [...] | <b>NT</b> (2014)<br>[...] dir-se-ia que são mesmo dotados de uma vida sonambúlica, [...] |
| <b>LM</b> (1995)<br>[...] parecem dotados de vida sonambúlica [...]   | <b>DB</b> (2011)<br>[...] parecem dotados de vida sonambúlica, [...]                     |

O pronome adverbial *en* é sempre complemento: de verbo, de adjetivo, de substantivo ou de expressão quantitativa. Em português, corresponde a um substantivo ou pronome regido pela preposição.

|  |  |
|--|--|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XIII, linhas setenta e cinco e setenta e seis)<br>[...] un si noble visage m'en répond. [...] | <b>NT</b> (2014)<br>[...] um tão nobre rosto me responde por isso. [...] |
| <b>LM</b> (1995)<br>[...] um rosto tão nobre é a prova disso. [...]  | <b>DB</b> (2011)<br>[...] um rosto tão nobre o garante. [...]            |

Na língua portuguesa o recurso da inversão sintática é muito utilizado em poesia, ao contrário da língua francesa, em que esse recurso segue regras mais rígidas. A passagem que apresentaremos abaixo foi necessária para evitar *trava-línguas*.

|   |   |
|---|---|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa VII, linha dezesseis)<br>[...] coiffé de cornes et de sonnettes, [...] | <b>NT</b> (2014)<br>[...] ornado de guizos e chifres, [...]         |
| <b>LM</b> (1995)<br>[...] no penteado chifres e guizos, [...]   | <b>DB</b> (2011)<br>[...] cabeça coberta de chifres e guizos, [...] |

No que se refere à supressão de termos, o caso mais destacado na língua portuguesa se dá com frequência em relação aos pronomes.

|  |  |
|--|--|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa II, linhas dez e onze)<br>[...] et elle pleurait dans un coin [...] | <b>NT</b> (2014)<br>[...] e chorava em um canto, [...] |
| <b>LM</b> (1995)<br>[...] e chorava num canto, [...]"  | <b>DB</b> (2011)<br>[...] e chorava a um canto, [...]  |

Baudelaire apresentou seus textos apontando os personagens por meio de pronomes demonstrativos, a exemplo do poema em prosa n. VI – As viúvas. Observe que Motta optou por não usar o pronome demonstrativo no último exemplo:

|   |   |
|---|---|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa VI, linhas oito, nove e dez)<br>[...] ses muscles [...] ses deux vastes griffes<br>[...] sa tête [...] | <b>NT</b> (2014)<br>[...] seus músculos [...] suas duas vastas garras [...] sua cabeça [...]                        |
| <b>LM</b> (1995)<br>[...] seus músculos [...] suas duas vastas garras [...] a cabeça [...]  | <b>DB</b> (2011)<br>[...] seus músculos [...] as duas vastas garras no peito de sua montaria [...] sua cabeça [...] |

A *aliteração* se fundamenta na repetição de consoantes produzindo sons idênticos ou próximos. No exemplo abaixo constatamos que todas as re-traduições apresentaram a mesma figura. (Grifamos)

|   |  |
|---|--|
| <p><b>TO</b> (1869) (Poema em prosa VI, linhas vinte e sete a trinta)</p> <p>“[...] Et pendant quelques instants je m’obstinaï à vouloir comprendre ce mystère ; mais bientôt l’irrésistible indifférence s’abattit sur moi, et j’en fus plus lourdement accablé qu’ils ne l’étaient eux-mêmes par leurs écrasantes Chimères. [...]” (7 sons de “t”);</p> | <p><b>NT</b> (2014)</p> <p>[...] E durante alguns instantes, obstinei-me a querer compreender este mistério; mas logo a irresistível indiferença abateu-se sobre mim e destarte fiquei mais pesadamente afligido quanto eles mesmos por suas esmagadoras Quimeras. [...] (10 sons de “t”);</p> |
| <p><b>LM</b> (1995)</p> <p>“[...] E por instantes obstinei-me em querer compreender o mistério; mas logo a irresistível Indiferença abateu-se sobre mim, e extenuou-me ainda mais do que a eles as esmagadoras Quimeras. [...]” (7 sons de “t”);</p>  | <p><b>DB</b> (2011)</p> <p>“[...] E durante alguns instantes, teimei em tentar compreender aquele mistério; mas em seguida a irresistível Indiferença se abateu sobre mim, e me deixou mais duramente oprimido do que eles próprios por suas esmagadoras Quimeras. [...]” (8 sons de “t”);</p> |

*Sinestesia*, figura de palavra, é outro tipo de metáfora. Consiste em aproximar, na mesma expressão, sensações percebidas por diferentes órgãos dos sentidos. Como na metáfora, trata-se de relacionar elementos de universos diferentes.

|  |   |
|--|---|
| <p><b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XIII, linhas sessenta e sessenta e um)</p> <p>“[...] au gré du vent, un lambeau de musique, [...]”</p> | <p><b>NT</b> (2014)</p> <p>“[...] ao sabor do vento, uma lasca de música, [...]”</p>  |
| <p><b>LM</b> (1995)</p> <p>“[...] ao sabor do vento, um farrapo de música, [...]”</p>  | <p><b>DB</b> (2011)</p> <p>“[...] ao sabor do vento, um retalho de música, [...]”</p> |

Trata-se também de um poema em prosa marcado pela figura de repetição, como podemos constatar da leitura do primeiro parágrafo, em francês marcado pelos termos *par le / par les*, em português por *pelo / do* (Grifamos)

|   |  |
|---|--|
| <p><b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XIII, linhas dois e três)</p> <p>“[...] <b>par</b> l’ambition déçue, <b>par les</b> inventeurs malheureux, <b>par les</b> gloires avortées, <b>par les</b> cœurs brisés, [...]”</p> | <p><b>NT</b> (2014)</p> <p>“[...] <b>pela</b> ambição frustrada, <b>pelos</b> inventores fracassados, <b>pelas</b> glórias abortadas, <b>pelos</b> corações estilhaçados, [...]”</p> |
| <p><b>LM</b> (1995)</p> <p>“[...] <b>pela</b> ambição desiludida, <b>pelos</b> inventores infelizes, <b>pelas</b> glórias abortadas, <b>pelos</b> corações partidos, [...]”</p>   | <p><b>DB</b> (2011)</p> <p>“[...] <b>pela</b> ambição frustrada, <b>pelos</b> inventores frustrados, as glórias abortadas, os corações partidos, [...]”</p>                          |

Há duas situações em nossa proposta de tradução em que optamos por utilizar sentidos pouco usuais de dois termos. O fizemos de maneira consciente para manter o referencial e o ritmo.

O primeiro deles, *cheminée*, utilizado por Baudelaire no poema em prosa n. V – *O quarto de casal*. O termo em português *chaminé* é usado mais comumente para a parte exterior da casa e o termo *lareira* para a parte interna da casa. O poeta define de que parte ele está tratando, no caso, ele se refere à parte interna. Podemos constatar isso quando ele a descreve como “manchada de escarros”; logo deduzimos tratar-se da parte interna, ou lareira. O dicionário Porto<sup>30</sup> (2002, p.176), traz as seguintes equivalências: “cheminée: [...] 1. Chaminé; [...] 3. Chaminé, lareira, fogão de sala; [...]”.

Motta também utilizou-se do mesmo recurso adotado por nós. Bruchard optou por adotar a re-tradução mais corrente no Brasil. A segunda situação será tratada na análise do poema em prosa n. X.

|  |  |
|--|--|
| <p><b>TO</b> (1869) (Poema em prosa V, linha cinquenta)</p> <p>“[...] la cheminée sans flamme [...]”</p> | <p><b>NT</b> (2014)</p> <p>“[...] a chaminé sem flama [...]”</p> |
| <p><b>LM</b> (1995)</p> <p>“[...] a chaminé sem flama [...]”</p>   | <p><b>DB</b> (2011)</p> <p>“[...] a lareira sem chama [...]”</p> |

<sup>30</sup> Dicionário de Francês – Português. Porto: 2002, 832 p.

Também no poema n. V, apresentamos uma proposta de título distinta daquela apresentada por Bruchard, mas igual à escolha de Motta.

|   |   |
|---|---|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa V, título)<br><b>LA CHAMBRE DOUBLE</b> | <b>NT</b> (2014)<br><b>O QUARTO DUPLO</b> |
| <b>LM</b> (1995)<br><b>O QUARTO DE CASAL</b>                            | <b>DB</b> (2011)<br><b>O QUARTO DUPLO</b> |

O termo *jouissance*, que aparece cinco vezes nos vinte textos de Baudelaire, foi traduzido por nós com o sentido de *gozo*. Admitimos o sinônimo *volúpia* apenas no poema em prosa n. IX, caracterizando-se assim a figura de linguagem *polissemia*, para efeito de adequação sonora. Bruchard também utilizou outro termo, distinto de *gozo*, porém sua proposta não causou o mesmo tom poético.

|  |  |
|--|--|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa IX, última linha)<br>“[...] l’infini de la jouissance? [...]” | <b>NT</b> (2014)<br>“[...] o infinito das volúpias? [...]” |
| <b>LM</b> (1995)<br>“[...] o infinito do gozo? [...]”  | <b>DB</b> (2011)<br>“[...] o infinito da fruição? [...]”   |

O segundo termo ao qual optamos por traduzi-lo com sentido pouco usual, *ville*, foi usado no poema em prosa n. X. De acordo com o dicionário Porto (2002, p.793), o termo tem os seguintes significados: “*ville*: [...] 1. Cidade, vila; [...] 2. Município; [...]”

Apesar do termo aceitar três equivalências, sabemos que o poeta se referia à cidade de Paris, no entanto, pela mesma razão adotada no exemplo anterior, optamos por manter o ritmo, assim escolhemos traduzir aquele termo por *vila*. Além das tradutoras quebrarem o ritmo ao optarem pelo uso do termo *cidade*, suas propostas de re-tradução apresentaram o recurso da inversão, o que trouxe também mais uma ruptura sonora do texto.

|  |   |
|--|---|
| <b>TO</b> (1869) (1869) (Poema em prosa X, linha nove)<br>“[...] Horrible vie! Horrible ville ! [...]” | <b>NT</b> (2014)<br>“[...] Horrível vida! Horrível vila! [...]”   |
| <b>LM</b> (1995)<br>“[...] Vida horrível! Cidade horrível! [...]”                                      | <b>DB</b> (2011)<br>“[...] Vida horrível! Cidade horrível! [...]” |

No poema em prosa n. XI propusemos uma inversão nos termos *Eve et Adam*, para evitarmos a figura cacofonia. Observa-se que tanto Bruchard quanto Motta re-traduziram o texto da forma direta, o que causou um som desagradável.

|   |  |
|---|--|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XI, linha trinta e cinco e trinta e seis)<br>“[...] deux descendants d’Eve et d’Adam, [...]” | <b>NT</b> (2014)<br>“[...] dois descendentes de Adão e Eva, [...]” |
| <b>LM</b> (1995)<br>“[...] dois descendentes de Eva e Adão, [...]”  | <b>DB</b> (2011)<br>“[...] dois descendentes de Eva e Adão, [...]” |

No poema em prosa n. XII apresentamos muitas diferenças entre a nossa proposta de re-tradução e as duas outras propostas analisadas. A começar pelo título, re-traduzido de diferentes maneiras. Primeiramente é importante ressaltar que no citado poema em prosa, original, o poeta apresentou a palavra *foule* três vezes, sem contar com o próprio título. Apresentou também o termo *multitude*. De acordo com o dicionário on-line Priberam<sup>31</sup>, **mul·ti·tu·de** (latim *multitudo, -inis*) *substantivo feminino*, significa grande quantidade de seres ou coisas. = MULTIDÃO. Ora, se o termo *multitude* também existe em português, por que não utilizá-lo? Ao usar o termo *multidões* para traduzir o termo *foules*, Motta perdeu o sentido poético, já que não diferenciou os dois termos *foule* e *multitude*. Bruchard atribuiu o termo *massa* para diferenciar de *multidão*. Abes (2010), afirmou que [...] as palavras “massa” e “multidão” não são sinônimas, nem em francês, tampouco em português. [...]”. Foi nesse sentido que denominamos o termo *turba* para *foule* e *multitude* para *multitude*. Trata-se também de um poema em prosa marcado pela figura de repetição, como no primeiro parágrafo, em francês marcado pelo termo *du*, em português por *pelo / do* (polissíndeto). Também encontramos aí a figura de imagística **paradoxo**, aproximando as ideias contrárias *fortuna tão agitada e sua vida tão casta*.

<sup>31</sup> Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, consultado do site <http://www.priberam.pt/dlpo/multitude>, em 4 de fevereiro de 2014.

|  |  |
|--|--|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XII, título)<br>“[...] <b>LES FOULES</b> [...]” | <b>NT</b> (2014)<br>“[...] <b>AS TURBAS</b> [...]” |
| <b>LM</b> (1995)<br>“[...] <b>AS MULTIDÕES</b> [...]”                            | <b>DB</b> (2011)<br>“[...] <b>AS MASSAS</b> [...]” |

|   |  |
|---|--|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XII, linha seis)<br>“[...] Multitude, solitude: [...]” | <b>NT</b> (2014)<br>“[...] Multitude, solitude: [...]” |
| <b>LM</b> (1995)<br>“[...] Multidão, solidão: [...]”                                    | <b>DB</b> (2011)<br>“[...] Multidão, solidão: [...]”   |

|  |   |
|--|---|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XII, linhas quatro e cinco)<br>“[...] le goût <b>du</b> travestissement et <b>du</b> masque, la haine <b>du</b> domicile et la passion <b>du</b> voyage. [...]” | <b>NT</b> (2014)<br>“[...] o gosto <b>pelo</b> travestimento e <b>pela</b> máscara, o ódio <b>pelo</b> domicílio, e a paixão <b>pela</b> viagem. [...]” |
| <b>LM</b> (1995)<br>“[...] o gosto <b>do</b> disfarce e <b>da</b> máscara, o ódio <b>do</b> domicílio e a paixão <b>da</b> viagem. [...]”  | <b>DB</b> (2011)<br>“[...] o gosto <b>pelo</b> disfarce e a máscara, o ódio <b>do</b> domicílio e a paixão <b>pela</b> viagem. [...]”                   |

|  |   |
|--|---|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XII, linhas trinta e dois e trinta e três)<br>“[...] pour leur fortune si agitée et pour leur vie si chaste. [...]” | <b>NT</b> (2014)<br>“[...] por sua fortuna tão agitada e sua vida tão casta. [...]” |
| <b>LM</b> (1995)<br>“[...] sua agitada fortuna e tão casta vida. [...]”  | <b>DB</b> (2011)<br>“[...] com sua sina tão agitada e sua vida tão casta. [...]”    |

O poema em prosa n. XVIII – Invitação à viagem é marcado por repetições. Já no primeiro parágrafo, verificamos as repetições dos termos “pays / país”, que podem também ser

observadas nos demais parágrafos; podemos perceber ainda no parágrafo primeiro as repetições dos sons “an, en / en”.

A tradutora Bruchard optou por modificar totalmente o termo *país*, o que no nosso entender é uma confirmação da estratégia de tradução por naturalizar o texto estrangeiro, no presente caso. Isso é totalmente confirmado pela nota explicativa n. 12 utilizada pela tradutora.

|  |  |
|--|--|
| <p><b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XVIII, linhas um a seis)</p> <p>“[...] Il est un <b>pays</b> superbe, un <b>pays</b> de Cocagne, dit-on, que je rêve de visiter avec une vieille amie. <b>Pays</b> singulier, noyé dans les brumes de notre Nord, et qu’on pourrait appeler l’<b>Orient</b> de l’<b>Occident</b>, la Chine de l’Europe, <b>tant</b> la chaude et capricieuse fantaisie s’y est donné carrière, <b>tant</b> elle l’a patiemment et opiniâtement illustré de ses savantes et délicates végétations. [...]”</p> | <p><b>NT</b> (2014)</p> <p>“[...] Há um <b>país</b> soberbo, um <b>país</b> de Cocanha, como dizem, que eu sonho em visitar com uma velha amiga. <b>País</b> singular, embrenhado nas brumas de nosso norte, e que poderíamos chamar de <b>Oriente</b> do <b>Ocidente</b>, a China da Europa, tanto a cálida e caprichosa fantasia, ali se deu asas, tanto ela <b>paciente</b> e obstinadamente o ilustrou, <b>paciente</b> e teimosamente com suas magistras e delicadas vegetações. [...]”</p> |
| <p><b>LM</b> (1995)</p> <p>“[...] Existe um <b>país</b> soberbo, um <b>país</b> de Cocanha, como dizem, que sonho visitar com uma velha amiga. Um <b>país</b> singular, mergulhado nas brumas do Norte, que poderíamos chamar o <b>Oriente</b> do <b>Ocidente</b>, a China da Europa, de tal modo a quente e caprichosa fantasia fez ali carreira, de tal modo o ilustram, <b>paciente</b> e obstinadamente, suas sábias e delicadas vegetações. [...]”</p>  | <p><b>DB</b> (2011)</p> <p>“[...] Existe uma terra esplêndida, uma terra de promessa, é o que dizem, que eu sonho em visitar com uma velha amiga. Terra singular, imersa nas brumas do nosso norte, e que poderíamos chamar de <b>Oriente</b> do <b>Ocidente</b>, de China da Europa, tanto ali se deu asas a <b>quente</b> e caprichosa fantasia, tanto a ilustrou, <b>paciente</b> e teimosamente, com suas vegetações delicadas e sábias. [...]”</p>  |

Quanto ao título do poema em prosa n. XVIII, podemos verificar que a nossa proposta diverge das duas outras re-traduições. Para mantermos o ritmo, sem perdermos o significado utilizamos o termo *invitação*, sinônimo de *convite* (dicionário de francês – português, Porto (2002)).

|  |   |
|--|---|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XVIII, título)<br><b>L'INVITATION AU VOYAGE</b> | <b>DB</b> (2011)<br><b>O CONVITE À VIAGEM</b> |
| <b>LM</b> (1995)<br><b>CONVITE À VIAGEM</b>                                      | <b>NT</b> (2014)<br><b>INVITAÇÃO À VIAGEM</b> |

No mesmo poema n. XVIII, acreditamos que Baudelaire omitiu o termo *goût* antes de *revenez-y* de Sumatra. Há uma expressão em francês *un goût de revenez-y*, significando *um gosto agradável de*. (Dicionário Porto, 2002p. 680). Ao propormos a tradução *um quê a mais*, trouxemos o termo poético, sugerido por Baudelaire. Motta apresentou uma re-tradução literal, tirando o ar poético existente no poema em prosa em questão. Bruchard aproximou-se do sentido poético.

|   |   |
|---|---|
| <b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XVIII, linha trinta e nove)<br>“[...] un <i>revenez-y</i> de Sumatra. [...]” | <b>NT</b> (2014)<br>“[...] um quê a mais de Sumatra. [...]” |
| <b>LM</b> (1995)<br>“[...] uma lembrança de Sumatra. [...]”   | <b>DB</b> (2011)<br>“[...] reminiscência de Sumatra. [...]” |

No poema em prosa n. XIII, o texto de Bruchard, há um erro de grafia na primeira linha da página 72, na transcrição do texto em francês: “[...] il est [...]”, quando deveria ser *il a*.

Baudelaire apresentou em alguns de seus poemas em prosa o contraste de cores. Exemplo disso podemos ver no poema em prosa n. V – O quarto duplo, quando ao descrever a atmosfera do quarto, o poeta o colore: “[...] Neste a alma banha-se de preguiça, aromatizado pelo lamento e o desejo. - É algo de crepuscular, azuláceo e rosáceo; um sonho de volúpia em meio a um eclipse. [...]”. (Linhas três e quatro da nossa proposta de tradução).

Um dos poemas muito analisado em termos literários, bem como sob o aspecto da tradução / re-tradução é o de número IX – O mau vidraceiro. Giles Jean Abes<sup>32</sup>, 2010, em seu texto *Análise de uma tradução dos pequenos poemas em prosa de Baudelaire* apresenta as cores dos vidros como “[...] uma intervenção que insufla à cidade um momento de beleza artificial: a ilusão das cores que encobre uma sociedade vista em suas entranhas [...]”. O autor também afirma que “[...]o vidro colorido é o pincelar cuidadoso do artista sobre o mundo para livrar-se alguns instantes de seu peso [...]”.

<sup>32</sup> ABES, Gles Jean. *Análise de uma tradução dos pequenos poemas em prosa de Baudelaire*, 2010, p.209.

Abes (2010), elaborou uma análise da tradução do citado poema em prosa. Para tal análise, Abes tomou como base a tradução de Gilson Maurity (2006), e de Dorothée de Bruchard (1988). Em linhas gerais, o sujeito poético gritou irado contra aquele que deveria trazer a cor ao lado negro da vida e não o fez – o mau vidraceiro -: “la vie en beau! ”. Transcrevemos abaixo as traduções apresentadas pelos dois tradutores citados acima, bem como a tradução de Aurélio Buarque de Holanda. Para Abes (2010), as três traduções apresentaram erro que modifica totalmente o sentido do poema, a saber:

|  |  |
|--|--|
| <b>Texto Original</b> (1869) (Poema em prosa IX, linha sessenta e nove)<br>“[...] la vie en beau! [...]” | <b>Dorothée de Bruchard</b> (1988)<br>“[...] a vida bela de ser. [...]”        |
| <b>Gilson Maurity</b> (2006)<br>“[...]a vida é bela! [...]”  | <b>Aurélio Buarque de Holanda</b> (1970)<br>“[...] o lado belo da vida! [...]” |

Apesar de apontar os equívocos das três traduções, Abes (2010), não disponibilizou sua proposta. Somamos às re-traduições analisadas por Abes aquela apresentada por Motta (1995), “a vida bela! ”. Essa proposta também apresenta modificação total do sentido de poema em prosa. Apresentamos, então nossa proposta, que entendemos se encaixar perfeitamente no sentido considerado perdido: “A vida em belo! ”, onde o sujeito poético reivindica algo que represente a beleza da vida sem cor. Essa transformação seria possível pelas cores, que o mau vidraceiro não possuía. La vie en rose! La vie en bleu!

Os poemas em prosa de Baudelaire de maneira geral apresentam histórias de fundo moral, amoral ou imoral, se tomarmos a definição<sup>33</sup> de *moral*, como “aquele que procede com justiça”; *imoral* como “contrário à moral”; e *amoral* como “aquele que não tem senso moral”. Tais textos apresentam, em sua maioria, uma dualidade de ações, em que uma lição pode ser retirada de um acontecimento ou história.

O poeta utilizou-se de um recurso usado por Jean de La Fontaine, quando escreveu e editou suas fábulas entre 1668 a 1693. Essas fábulas giravam em torno de comportamentos humanos representados pelo reino animal e tinham como característica a finalização de fundo moral.

No presente trabalho citaremos apenas quatro poemas em prosa, do nosso universo de vinte, que possuem esse dualismo de ações, bem como as dificuldades das re-traduições aqui estudadas e nossas escolhas.

<sup>33</sup> Dicionário Priberam, disponível em <http://www.priberam.pt>, consultado em 12 de junho de 2014;

|  |  |
|--|--|
| <p><b>TO</b> (1869) (Poema em prosa II, linhas dez a treze)</p> <p>“[...] Alors la bonne vieille se retira dans sa solitude éternelle, et elle pleurait dans un coin, se disant : - « Ah ! pour nous, malheureuses vieilles femmes, l'âge est passé de plaire, même aux innocents ; et <b>nous faisons horreur</b> aux petits enfants que nous <b>voulons</b> aimer ! [...]”</p> | <p><b>NT</b> (2014)</p> <p>“[...] Assim, a boa velha retirou-se à sua solitude eterna, e chorava em um canto, matutando: - “Ah! Para nós, infelizes velhas fêmeas, já passou a idade de agradar, até os inocentes; e <b>causamos horror</b> às criancinhas que <b>desejamos</b> amar! [...]”</p> |
| <p><b>LM</b> (1995)</p> <p>“[...] Então a boa velha recolheu-se em sua solidão eterna, e chorava num canto, e pensava: “Ah, para nós velhas fêmeas infelizes, passou a idade de agradar, até mesmo os inocentes; e <b>horrorizamos</b> as criancinhas que <b>queremos</b> amar! [...]”</p>   | <p><b>DB</b> (2011)</p> <p>“[...] Então a boa velha recolhe-se à sua solidão eterna, e chorava a um canto, pensando: “Ah! Para nós, infelizes velhas e fêmeas, passou a idade de agradar, mesmo aos inocentes e <b>horrorizamos</b> as criancinhas que <b>queremos</b> amar! [...]”</p>          |

No poema em prosa n. II – O desespero da velha, o poeta apresenta o contraste e as semelhanças entre um ser velho e uma criança, que são igualmente frágeis. Ao tentar agradar a criança, percebe que não é aceita, nem mesmo por um ser tão frágil, o que a faz se retirar à sua solitude eterna.

Há algumas diferenças marcáveis, como por exemplo o uso dos verbos querer e desejar. Segundo o psiquiatra espanhol Enrique Rojas,<sup>34</sup> “[...] desejar é pretender algo do ponto de vista imediato, rápido, como satisfazer um capricho ou uma pulsão. Querer [...] é pretender alguma coisa com mais alcance e ter capacidade para adiar a recompensa, saber esperar.” Outra situação que diferencia nossa proposta de re-tradução das re-traduições em estudo é o uso da locução “causamos horror”, no lugar de “horrorizamos”. Procuramos manter o tom poético do texto original.

<sup>34</sup> Definição disponível no sítio [http://www.citador.pt/cact.php?op=10&idcit=829&author=260&desc=Fac\\_o\\_a\\_distincao\\_entre\\_desejar\\_e\\_querer\\_\\_Desejar\\_](http://www.citador.pt/cact.php?op=10&idcit=829&author=260&desc=Fac_o_a_distincao_entre_desejar_e_querer__Desejar_), consultado em 13 de junho de 2014;

O poema em prosa n. XI tem relação direta com a fábula de La Fontaine *Les grenouilles qui demandent un roi*. Com uma linguagem simples, La Fontaine narrou a história de um reino em que os animais não estavam contentes com seu rei. As rãs desse reino pediram a Júpiter um rei. Atendendo ao pedido, Júpiter enviou um barrote. Como ele era inerte, as rãs solicitaram a Júpiter que enviasse um outro rei. Atendido o pedido, dessa vez as rãs tiveram como rei uma ave que as engolia de vez em quando. La Fontaine usou essa passagem para apresentar como moral da história que devemos nos contentar com o que temos, pois a novidade pode ser pior do que aquilo que já possuímos. Usando a mesma lógica, Baudelaire apresenta um sujeito poético descrevendo as insatisfações de sua esposa. No último parágrafo, como que em tom ameaçador, o sujeito poético informa que sua esposa deve se conformar com o que tem, sob pena de receber castigo.

|   |   |
|---|---|
| <p><b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XI, linhas cinquenta e três a sessenta e um)</p> <p>“[...]A vous voir ainsi, ma belle délicate, les pieds dans la fange et les yeux tournés vaporeusement vers le ciel, comme pour lui demander un roi, on dirait vraisemblablement une jeune grenouille qui invoquerait l’idéal. Si vous méprisez le soliveau (ce que je suis maintenant, comme vous savez bien), gare la <i>grue qui vous croquera, vous gobera et vous tuera à son plaisir !</i></p> <p>« Tant poète que je sois, je ne suis pas aussi dupe que vous voudriez le croire, et si vous me fatiguez trop souvent de vos précieuses pleurnicheries, je vous traiterai en femme sauvage, ou je vous jeterai, par la fenêtre, comme une bouteille vide. »</p> | <p><b>NT</b> (2014)</p> <p>“[...] Ao te ver assim, minha bela delicada com os pés na lama e os olhos voltados vaporosamente para o céu como para lhe pedir um rei, imaginar-se-ia uma jovem rã a invocar o ideal. Se tu menosprezas o barrotim (o que sou agora, como sabes bem), toma cuidado com a grua que te picará, te engolirá e te matará, a seu bel-prazer.</p> <p>“Por mais poeta que eu seja, não sou tão estúpido quanto tu gostarias de crê-lo, e se tu me fatigas no mais das vezes com teus <i>preciosos</i> choramingos, eu te tratarei como <i>mulher selvagem</i>, ou te lançarei pela janela, como uma garrafa vazia. ”</p> |
| <p><b>LM</b> (1995)</p> <p>“[...] A vê-la assim, minha bela delicada, os pés no lodo e os olhos vaporosamente voltados para o céu, como</p>   | <p><b>DB</b> (2011)</p> <p>“[...] Ver você assim, minha bela delicada, com os pés no lodo e os olhos etereamente voltados para o céu como a</p>   |

|   |  |
|---|--|
| <p>quem lhe pede um rei, penso num jovem batráquio a invocar o ideal. Se despreza a vigazinha frágil (que é o que eu sou hoje em dia, como você bem sabe), cuidado com a grua <i>que pode trincá-la, comê-la e matá-la a seu gosto!</i></p> <p>“Por mais poeta que seja, não sou tão bobo quanto pensa e se me cansa muito com suas <i>preciosas</i> choradeiras, trato-a como <i>mulher selvagem</i>, ou a jogo pela janela como uma garrafa vazia.”</p> | <p>pedir-lhe um rei, lembra genuinamente uma jovem rã a invocar o ideal. Embora despreze a travezinha (que é o que sou agora, você bem sabe), tome tento com o guindaste <i>que há de trincá-la, tragá-la e matá-la</i><sup>8</sup>, <i>a bel-prazer.</i></p> <p>“Por mais poeta que eu seja, não sou tão crédulo quanto você gostaria de pensar, e se me cansar muito amiúde com seus <i>preciosos</i> choramingos, hei de tratá-la como <i>mulher selvagem</i>, ou jogá-la pela janela, como garrafa vazia.”</p> |
|---|--|

O termo *soliveau* tem o sentido do diminutivo de barrote, bem como se compara ao primeiro rei que Júpiter enviou ao reino das rãs. Barrote é uma viga de madeira. As duas tradutoras apresentaram soluções que alteram o significado do termo, bem como o tipo de material a que se refere. Bruchard ao re-traduzir por *travezinha* e Motta ao re-traduzir por *vigazinha*.

Ainda quanto a esse extrato, nas “Nota n.8” apresentadas, Bruchard faz referência à fábula de La Fontaine. Então, como pode propor a re-tradução de *grue* por *guindaste*? Baudelaire fez uso de termos do reino animal, logo é necessária a associação com animais, no caso uma ave.

No poema em prosa n. XV o poeta apresenta um sujeito poético narrando um fato na primeira pessoa, relacionado com a vida moderna em uma viagem que lhe trazia sensações de muita paz, onde paixões vulgares, como ódio e amor profano, ficaram muito distantes. Nessa atmosfera de perfeita harmonia, o sujeito poético tirou do bolso um grande naco de pão, quando de repente ele avistou em sua frente um ser maltrapilho, devorando o pão com os olhos e sussurrando a palavra *bolo*. O homem oferece uma boa fatia do pão, que rapidamente é aceita pelo pequeno ser maltrapilho. Um outro selvagem aparece e começam a brigar pelo objeto de cobiça: pão / bolo.

Após a briga, o sujeito poético ficou triste por muito tempo refletindo sobre a moral da história: há um país soberbo onde o pão se chama bolo e isso pode desencadear uma guerra fratricida.

Apresentando o último parágrafo, temos:

|   |  |
|---|--|
| <p><b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XV, linhas sessenta a sessenta e cinco)</p> <p>“[...]. Ce spectacle m’avait embrumé le paysage, et la joie calme où s’ébaudissait mon âme avant d’avoir vu ces petits hommes avait totalement disparu ; j’en restai triste assez longtemps, me répétant sans cesse : « Il y a donc un pays superbe où le pain s’appelle du <i>gâteau</i>, friandise si rare qu’elle suffit pour engendrer une guerre parfaitement fratricide ! [...]”</p> | <p><b>NT</b> (2014)</p> <p>“[...]. Esse espetáculo me aluviara a paisagem e a alegria calma onde se gazeteava minha alma antes de ter visto esses pequenos homens havia totalmente desaparecido. Fiquei triste por bastante tempo repetindo-me sem cessar: “há pois um país soberbo onde o pão se chama <i>bolo</i>, guloseima tão rara que ela basta para engendrar uma guerra perfeitamente fratricida! [...]”</p> |
| <p><b>LM</b> (1995)</p> <p>“[...]. Esse espetáculo ensombreceu-me a paisagem e a alegria calma em que se deleitava a minha alma antes de avistar esses pequenos homens desapareceu por completo; por muito tempo fiquei triste, repetindo para mim mesmo sem parar: “E não é que há um país soberbo onde o pão se chama <i>bolo</i> e representa uma iguaria tão rara que é suficiente para engendrar uma guerra perfeitamente fratricida! [...]”</p>                         | <p><b>DB</b> (2011)</p> <p>“[...]. Aquela cena me tinha enevoadado a paisagem, e a alegria calma em que se recreava minha alma antes de ver os homenzinhos desaparecera totalmente. Fiquei um bom tempo triste, me repetindo sem cessar: “Com que então existe uma terra fantástica, onde o pão se chama <i>bolo</i>, iguaria tão rara que é o bastante para gerar uma guerra perfeitamente fratricida! [...]”</p>   |

Nos textos de Bruchard e Motta, *friandise* tornou-se *iguaria* ao invés de *guloseima*. Também, o texto em francês *un pays superbe* foi re-traduzido no texto de Bruchard para *terra fantástica*.

Ainda nessa mesma linha, o poema em prosa n. XIX – *O brinquedinho do pobre* apresenta duas classes sociais: a rica e a pobre, representadas por uma criança rica e uma criança pobre. A grade, característica da vida moderna, está como espaço demarcador das duas classes sociais, bem como o local de percepção dos brinquedos, de cada uma das crianças. A rica com

seus brinquedos caros e a pobre com um brinquedo que seus pais buscaram na própria vida: um rato vivo!

No entanto, como podia deixar de ser, o sujeito poético finaliza a história descrevendo que as duas crianças sorriam fraternalmente uma para outra com dentes de uma igual brancura.

|   |  |
|---|--|
| <p><b>TO</b> (1869) (Poema em prosa XIX, linhas trinta e sete e trinta e oito)</p> <p>“[...] Et les deux enfants se riaient l’un à l’autre fraternellement, avec des dents d’une <i>égale</i> blancheur.”</p> | <p><b>NT</b> (2014)</p> <p>“[...] E as duas crianças riam uma para a outra fraternalmente, com dentes de uma <i>igual</i> brancura.”</p> |
| <p><b>LM</b> (1995)</p> <p>“[...] E as duas crianças riam fraternalmente uma para a outra, com dentes de brancura <i>igual</i>.”</p>  | <p><b>DB</b> (2011)</p> <p>“[...] E as duas crianças riam fraternalmente uma para a outra, com dentes de <i>igual</i> brancura.”</p>     |

Podemos constatar o uso de inversões pelas duas tradutoras, bem como a supressão do artigo “uma”.

Por fim, ainda com relação ao poema em prosa XIX, marcamos a musicalidade presente nesse texto, pela constatação da assonância do som da letra “d” presente no primeiro parágrafo, tanto no original, como em nossa proposta de re-tradução. Já o segundo parágrafo, encontra-se marcado de assonância do som “e”.

Assim, apresentamos alguns extratos do bem diversificado texto de Baudelaire, tendo a certeza de que o assunto é muito importante para o estudo da tradução e que apresentamos apenas algumas pinceladas, ainda que discretas, sobre a riquíssima obra de Baudelaire.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS;

No presente trabalho apresentamos uma nova re-tradução de parte da obra de Charles Baudelaire, *Petits Poèmes en Prose* (Le Spleen de Paris), do original em língua francesa para a língua portuguesa.

Por tratar-se de trabalho de conclusão de curso de graduação, este ficou restrito a aproximadamente quarenta laudas, implicando somente no início da pesquisa, sem expectativa da exaustividade do tema.

O trabalho foi dividido em três partes, a saber:

- A) A apresentação do autor e da obra;
- B) Discussão teórica abordando a tradução do poema em prosa e a re-tradução;
- C) Relatório.

É claro que os citados temas foram apresentados seguidos por uma introdução, uma conclusão, aqui denominada por Considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos (texto original em francês, texto re-traduzido por Dorothée de Bruchard, texto re-traduzido por Leda Tenório da Motta, bem como nossa proposta de re-tradução).

O capítulo destinado à Introdução trouxe o objetivo geral do presente trabalho, ou seja: apresentar a re-tradução para o português dos vinte primeiros poemas em prosa sob o olhar poético, ao contrário de Motta e Bruchard.

Para atingirmos nosso objetivo geral utilizamos as reflexões de Antoine Berman no âmbito dos estudos tradutológicos, onde a tradução abriga o estrangeiro.

Por fim, apresentamos o seguinte questionamento: Caberá uma nova re-tradução de uma obra re-traduzida no Brasil oito vezes?

Baudelaire, como vimos, foi um poeta apreciador e conhecedor de artes de uma maneira geral, inclusive transportando sua experiência de crítico de arte para sua poesia em prosa, a exemplo do poema em prosa de nº XXXV intitulado *Les fenêtres*, não analisado para efeito do estudo tradutológico aqui apresentado.

Também constatamos que o poeta foi tradutor de Edgar Allan Poe e que suas traduções foram muito importantes para o desenvolvimento do movimento simbolista da França.

Refletir a tradução de um texto literário, em especial a poesia em prosa de Charles Baudelaire marcada por ritmo e imagens, em que o artista harmoniza as palavras e a música, implica em traduzir uma variedade de tons e temas inerentes à modernidade da grande cidade de Paris.

O tradutor de textos literários deve representar totalmente a linguagem do texto, não limitando-se apenas à transmissão de informação ou de comunicação de uma língua para outra. No presente caso foram observados e levados em conta os procedimentos estilísticos adotados pelo autor, ou seja procuramos manter as marcas de estilo baudeleriano. Não procuramos modificar as estranhezas do texto para facilitar a leitura, sob pena de desconfigurá-la. Por isso optamos por manter o que causaria estranhamento.

Quanto às questões de caráter rítmico e fônico, percebemos que Baudelaire criou poemas em prosa ricos de imagens construídas por meio de rimas, aliterações, enfim de sutilezas, que ultrapassam o limite da descrição, onde a essência das coisas é demonstrada pela essência das palavras.

A vontade de dar uma nova perspectiva ao texto nos motivou a propor uma re-tradução dos poemas em prosa de Baudelaire. Intencionamos imprimir um ritmo mais poético, uma vez que, a nosso ver, as duas re-traduições estudadas no presente trabalho imprimiram um ritmo deixando em segundo plano o sentido poético presente em toda a obra.

A obra escolhida nos permitiu aplicar o que aprendemos nos quatro anos de estudos da tradução. Ainda que tenhamos re-traduzido só os vinte primeiros poemas em prosa, a re-tradução reflexiva, contrapondo-se aos textos de Bruchard (2011), e Motta (1995), proporcionou a leitura de um texto com ritmo poético, apresentando mais que a narrativa do tema, justificando SIM uma outra re-tradução.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABES, Gilles Jean. **Análise de uma tradução dos pequenos poemas em prosa de Baudelaire**. Anuário de Literatura, Volume 15, Número 02, 2010. Disponível em <<https://www.journal.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/2175-7917.2010v15n2p207/15963>>. Acesso em 11 fev. 2014.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução – A teoria na prática**. 5ª edição. São Paulo: Ática, 2007.
- BAUDELAIRE, Charles. **Petits Poèmes en prose (Le Spleen de Paris)**. Paris : Garnier, 1958.
- \_\_\_\_\_. **Petits Poèmes en prose ; Pequenos poemas em prosa [O Spleen de Paris]**. Trad. de Dorothée de Bruchard. – Florianópolis : Ed. Da UFSC, Aliança Francesa, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Petits Poèmes en prose: O Spleen de Paris: Pequenos poemas em prosa**. Trad. De Leda Tenório da Motta. – Rio de Janeiro: Imago Ed, 1995. 160 p.
- BERNARD, Suzanne. **Le poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos jours**. Paris: Librairie Nizet, 1959.
- BOSI, Viviana. **Baudelaire mau vidraceiro**. Alea, vol. 9, nº 1, Rio de Janeiro, Jan/Jun, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2007000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2007000100008)>. Acesso em 11 fev 2014.
- BRUNET, Jacqueline Nunes. **Une brève lecture du Spleen de Paris, Recueil em prose de Charles Baudelaire**. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1345>>. Acesso em 25 fev 2014.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/multitude>>. Acesso em 4 fev 2014.
- Dicionário de Francês – Português**. Porto: Porto Editora, 2002. 832 p.
- DOMINGOS, Norma. **A prosa villeriana: por uma tradução poética**. Araraquara, SP, FCLAR/UNESP, 2008. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_495.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_495.pdf)>. Acesso em 4 fev 2014.
- FALEIROS, Álvaro. **Traduzir o poema**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. (Coleção estudos literários).
- \_\_\_\_\_. **As flores do mal sem medida: por uma retradução de Charles Baudelaire**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n 19, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A crítica da retradução poética**. Revista Itinerários, Araraquara, n. 28, p. 145-158, jan. / jun. 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2146/1764>>. Acessado em 03 de fev 2014.
- FERREIRA, Eduardo. **Berman e a tradução da letra**. Rascunho, Nov. / 2008. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/antoine-berman-e-a-traducao-da-letra/>>. Acesso em 02 jun 2014.

FURLAN, Mauri. Retraduzir é preciso. In: Congresso Luso-brasileiro: traduzir e publicar os clássicos, 1. 2012, Coimbra. **Anais eletrônicos...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30276/25172>>. Acesso em 03 fev 2014.

GAMBIER, Yves. **La retraduction: Ambiguïtés et défis.** Autour de la retraduction: Perspectives littéraires européennes. Daniel Cohen editeur, 2011.

GUIDÈRE, Mathieu. **Introduction à la traductologie.** Penser la traduction : hier, aujourd'hui, demain. 2 ed. Bruxelles : Groupe De Boeck, 2011. 176 p.

JARRETY, Michel et autres. **Lexique des termes littéraires.** Paris : Éd. Gallimard, 2001. 475 p.

LAUREL, Maria Hermínia Amado. **Le spleen de paris, petits poèmes en prose** : “crise de vers”, “crise de prose”. Revista Máthesis, n 10. Coimbra: Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras, 2001. Disponível em <[https://pombalina.sib.uc.pt/en/artigo/le\\_spleen\\_de\\_paris\\_petits\\_po%C3%A8mes\\_en\\_prose\\_crise\\_de\\_vers\\_crise\\_de\\_prose](https://pombalina.sib.uc.pt/en/artigo/le_spleen_de_paris_petits_po%C3%A8mes_en_prose_crise_de_vers_crise_de_prose)>. Acesso em 15 fev 2014.

LE DANTEC, Y. –G., **Baudelaire œuvres complètes.** Librairie Gallimard, 1954.

**LE ROBERT MICRO** : Dictionnaire de la langue française, poche. 2006. 1506 p.

MONTI, Enrico et Schnyder, Peter. Introduction – **La retraduction, um état des lieux. Autour de la retraduction** : Perspectives littéraires européennes. Daniel Cohen editeur, 2011.

MUNIZ, Maria Julia de Carvalho e. **Traité de l'Harmonie de Rameau:** traduction commentée de la préface. Monografia (Letras-Língua e Literatura Francesa) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. **Théories et pratiques de la traduction littéraire.** Paris: Armand Colin, 1999. 283 p.

POUND, Ezra. **Abc of reading** ; Abc da literatura. Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. – São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

SANDRAS, Michel. **Lire le poème en prose.** Paris: Dunod, 1995. (Coll. Lettres sup).

TEYSSIER, Paul. **Dictionnaire de Littérature Brésilienne.** 1 ed. Paris : Presses Universitaire de France, 2000. 108 p.

**APÊNDICE A – PEQUENOS POEMAS EM PROSA (O SPLEEN DE PARIS) –  
CHARLES BAUDELAIRE  
NOSSA PROPOSTA DE TRADUÇÃO**

**I O ESTRANGEIRO**

- A quem tu mais amas, homem enigmático? Diz, logo! Teu pai, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?
- Não tenho nem pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.
- Teus amigos?
- Vós vos servis, ai, de uma palavra, cujo sentido permaneceu-me, até este dia, desconhecido.
- Tua pátria?
- Ignoro em qual latitude ela se situa.
- À beleza?
- Eu a amaria, com certeza, deusa e imortal.
- Ao ouro?
- Por ele, tenho ódio, tal como vós tendes por Deus.
- Ah! O que tu amas, pois, extraordinário estrangeiro?
- Amo as nuvens...as nuvens que passam...ao longe...ao longe...as maravilhosas nuvens!

**II O DESESPERO DA VELHA**

A velhinha engelhada sentiu-se tão contente ao ver essa linda criança, a quem todos faziam festa, a quem todo mundo queria agradecer; esse lindo ser, tão frágil como ela, a velhinha, e, assim como ela, sem dentes nem cabelos, sequer.

E ela aproximou-se dele, querendo lhe fazer risinhos e carinhas agradáveis. Mas, a criança apavorada se debatia sob os carinhos da boa senhora decrepita e enchia a casa com seus ganidos.

Assim, a boa velha retirou-se à sua solitude eterna, e chorava em um canto, matutando:  
- “Ah! Para nós, infelizes velhas fêmeas, já passou a idade de agradecer, até aos inocentes; e causamos horror às criancinhas que desejamos amar! ”

### III O “CONFITEOR” DO ARTISTA

Como os fins dos dias no outono são penetrantes! Ah! penetrantes até a dor! Pois há certas sensações deleitosas cuja intensidade a vaguidão não exclui; e não há ponta mais afiada como a do Infinito.

Grande deleite é afogar o olhar na imensidão do céu e do mar! Solidão, silêncio, incomparável castidade do azul! Uma pequena vela tremulando no horizonte e que por sua pequenez e seu isolamento imita minha irremediável existência, melodia monótona do marulho, todas essas coisas pensam por mim, ou penso por elas (pois na grandeza do devaneio, o *eu* se perde veloz!); elas pensam, digo eu, mas musical e pitorescamente sem argúcias, sem silogismos, sem deduções.

Todavia, esses pensamentos, quer saiam de mim ou se lancem das coisas, tornam-se logo intensos por demais. A energia na volúpia cria um mal-estar e um sofrimento positivo. Meus nervos, tensos demais, não liberam nada além que vibrações estridentes e dolorosas.

E agora a profundidade do céu me consterna, sua limpidez me exaspera. A insensibilidade do mar, a imutabilidade do espetáculo revoltam-me... Ah! é preciso eternamente sofrer ou fugir eternamente ao belo?

Natureza, encantadora sem piedade, rival sempre vitoriosa, deixa-me! Para de tentar meus desejos e meu orgulho! O estudo do belo é um duelo onde o artista grita de pavor antes de ser vencido.

### IV UM FANFARRÃO

Era a explosão do novo ano, caos de lama e de neve, atravessado por mil carroças, resplandecendo de brinquedos e balas, formigando de cupidezes e desesperanças, delírio oficial de uma grande vila, feito para perturbar o cérebro do mais forte solitário.

Em meio a esse furdunço e a essa algazarra, um burrico trotava vivamente, atormentado por um grosseirão armado de um chicote.

Enquanto o burrico contornava a quina de um passeio, um belo senhor em luvas, lustrado, cruelmente engravatado e aprisionado em vestes tão novas, inclinou-se cerimoniosamente diante da humilde besta e lhe disse tirando-lhe o chapéu: “desejo-te um ano bom e feliz!” depois se virou para não sei quais companheiros com um ar de fatuidade, como a pedir-lhes que juntassem sua aprovação ao seu contentamento.

O burrico não viu esse belo fanfarrão e continuou a correr com zelo para onde lhe chamava seu dever.

De minha parte, fui tomado subitamente de uma incomensurável raiva contra esse magnífico imbecil que a mim pareceu concentrar em si todo o espírito da França.

### V) O QUARTO DUPLO

Um quarto que evoca um devaneio, um quarto verdadeiramente *espiritual*, cuja atmosfera estagnante matiza-se levemente em rosa e azul.

Neste a alma banha-se de preguiça, aromatizado pelo lamento e o desejo. - É algo de crepuscular, azuláceo e rosáceo; um sonho de volúpia em meio a um eclipse.

Os móveis têm formas alongadas, prostradas, enlanguescidas. Os móveis têm o ar de sonhar; dir-se-ia que são mesmo dotados de uma vida sonambúlica, como o vegetal e o mineral. Os linhos falam uma língua muda, como as flores, como os céus, como os sóis poentes.

Nas paredes nenhuma abominação artística. Relativamente ao sonho puro, à impressão não analisada, a arte definida, a arte positiva é uma blasfêmia. Aqui, tudo tem a suficiente claridade e a deliciosa obscuridade da harmonia.

Um ínfimo odor da seleção mais requintada, a qual se mescla uma mui leve umidade, nada nesta atmosfera onde o espírito adormecido é acalentado por sensações de estufa quente.

A musselina chove em abundância frente às janelas e à cama; expande-se em cascatas nevosas. Sobre esta cama está deitada Ídolo, a soberana dos sonhos. Mas como ela está aqui? Quem a trouxe? Que poder mágico a instalou em tal trono de devaneios e de volúpia? Que importa? Ela está aqui! Eu a reconheço!

Bem aqui, esses olhos, cuja flama atravessa o crepúsculo; essas sutis e terríveis pupilas, que reconheço por sua assustadora malícia! Elas atraem, elas subjagam, elas devoram o olhar do imprudente que as contempla. Eu as estudei deveras, essas estrelas negras que convocam a curiosidade e a admiração.

A que demônio benevolente devo o estar assim rodeado de mistério, de silêncio, de paz e de perfumes? Ó beatitude! Aquilo que nomeamos geralmente vida, mesmo em sua expansão mais bem-aventurada, nada tem em comum com esta vida suprema da qual tenho agora ciência e que saboreio, minuto por minuto, segundo por segundo!

Não! Não há mais minutos! Não há mais segundos! O tempo desapareceu; quem reina é a Eternidade, uma eternidade de deleites!

Mas um golpe terrível, pesado, ressoou na porta e, como nos sonhos infernais, pareceu-me que eu recebia uma enxadada no estômago.

Em seguida, um Espectro entrou. Um meirinho que vem me torturar em nome da lei, uma infame concubina que vem chorar miséria e juntar as trivialidades da sua vida às dores da minha; ou então o faz-tudo de um diretor de jornal que reclama o restante do manuscrito.

O quarto paradisíaco, ídolo, a soberana dos sonhos, a *Sílfide*, como dizia o grande René, toda essa magia desapareceu sob golpe mortal desferido pelo Espectro.

Horror! Lembro-me! Lembro-me! Sim! Este pardieiro, este domicílio do eterno tédio, é bem o meu. Aqui estão os móveis tolos, poeirentos, sem quinas; a chaminé sem flama e sem brasa, manchada de escarros, as tristes janelas, onde a chuva traçou sulcos na poeira; os manuscritos, rasurados ou incompletos; o calendário onde o lápis marcou as datas sinistras!

E esse perfume de um outro mundo, do qual eu me inebriava com sensibilidade aprimorada, ai! Substituído por um fétido odor de tabaco misturado a não sei que nauseabundo mofo. Aqui respiramos agora o ranço da desolação.

Neste mundo estreito, mas tão pleno de desgosto, um só objeto conhecido me sorri: a garrafinha de láudano, uma velha e terrível amiga; ai! Como todas as amigas, fecunda de carícias e perfídias.

Ó! Sim! O Tempo reapareceu; o Tempo agora reina soberano; e com o hediondo velhote retornou todo o seu demoníaco cortejo de Lembranças, Lamentos, Espasmos, Medos, Angústias, Pesadelos, Cóleras e Neuroses.

Eu vos asseguro que os segundos agora são forte e solenemente acentuados, e cada um, jorrando do pêndulo, diz: “Eu sou a Vida, a insuportável, a implacável Vida!”

Não há, senão, um segundo na vida humana cuja missão é anunciar a boa nova, a boa nova que causa em cada um inexplicável medo.

Sim! O Tempo reina; ele reassumiu sua brutal ditadura. E me impele, como se eu fosse um boi, com seu duplo ponteiro. – “Eia, Vamos! Jumento! Eia, vamos! Escravo! Vamos! viva, condenado!”

## VI) CADA QUAL COM SUA QUIMERA

Sob um grande céu cinza, numa grande planície empoeirada, sem caminhos, sem relvados, sem um cardo, sem uma urtiga, encontrei vários homens que caminhavam curvados.

Cada um deles carregava nas costas uma enorme Quimera, tão pesada quanto um saco de farinha ou carvão, ou o equipamento de um infante romano.

Mas a monstruosa besta não era um peso inerte, ao contrário, envolvia e oprimia o homem com seus músculos elásticos e possantes; agrafava-se com suas duas vastas garras no peito de sua montaria; sua cabeça fabulosa sobrepunha-se na frente do homem, como um desses capacetes horríveis pelos quais os antigos guerreiros contavam acirrar o terror do inimigo.

Questionei um desses homens e lhe perguntei aonde iam assim. Respondeu-me que de nada sabia, nem ele nem os outros, mas que evidentemente iam para algum lugar, já que eram impelidos por uma invencível necessidade de caminhar.

Coisa curiosa de se notar: nenhum desses viajantes tinha o ar irritado com a besta fera suspensa em seu pescoço e colada em suas costas; diríamos que ele a considerava como parte de si mesmo. Todos esses semblantes fatigados e sérios não testemunhavam nenhum desespero; sob a cúpula *spleenética* do céu, os pés mergulhados na poeira de um solo tão desolado quanto este céu, eles caminhavam com a fisionomia resignada de quem está condenado a sempre esperar.

E o cortejo passou ao meu lado e se embrenhou na atmosfera do horizonte, no lugar onde a superfície rotunda do planeta se furta à curiosidade do olhar humano.

E durante alguns instantes, obstinei-me a querer compreender este mistério; mas logo a irresistível indiferença abateu-se sobre mim e destarte fiquei mais pesadamente afligido quanto eles mesmos por suas esmagadoras Quimeras.

## VII – O TOLO E A VÊNUS

Que admirável dia! O vasto parque se solapa sob o olhar solferino do sol, como a juventude sob a dominação do amor.

O êxtase universal das coisas não se exprime por nenhum somido; as próprias águas estão como adormecidas. Bem diferente das festas humanas, esta aqui é uma orgia silenciosa.

Dir-se-ia que uma luz sempre crescente faz cada vez mais cintilarem os objetos; que as flores excitadas ardem pelo desejo de rivalizar com o azul do céu pela energia de suas cores; e que o calor que torna visível os perfumes, que os faz subirem como fumo rumo ao astro.

Todavia, neste gozo universal, percebi um ser aflito.

Aos pés de uma colossal Vênus, um desses loucos artificiais, um desses bufões voluntários, encarregados de fazer rirem os reis, quando o Remorso ou o Tédio os obseda, enfarpelado com uma veste brilhosa e ridícula, ornado de guizos e chifres, bem encolhido junto ao pedestal, levanta olhos cheios de lágrimas para a Deusa imortal.

E seus olhos dizem: “Eu sou o último e mais solitário dos homens, privado de amor e de amizade, e bem inferior nisso ao mais imperfeito dos animais. Todavia sou feito também para compreender e sentir a Beleza imortal! Ah! Deusa! Tende piedade de minha tristeza e de meu delírio!”

Mas a implacável Vênus olha ao longe, algo qualquer, com seus olhos de mármore.

## VIII O CÃO E O FRASCO

“Meu belo cão, meu bom cão, meu querido totó, aproxima-te e vem respirar um excelente perfume que comprei no melhor perfumista da vila.”

E o cão, abanando o rabo, o que é, creio eu, nesses pobres seres o sinal correspondente ao riso e ao sorriso, aproxima-se e pousa curiosamente seu focinho húmido sobre o frasco destampado. Depois, recuando subitamente com temor, late para mim à maneira de censura.

“Ah! miserável cão, se eu te houvesse oferecido um pote de excrementos, tu o terias farejado com deleites e quiçá devorado. Assim, tu mesmo, indigno companheiro de minha triste vida, assemelhas-te ao público, a quem não se deve jamais apresentar perfumes delicados que o exaspere, mas imundices minuciosamente escolhidas.

## IX O MAU VIDRACEIRO

Há naturezas puramente contemplativas e totalmente impróprias à ação, que todavia sob um incógnito e misterioso impulso, agem às vezes com uma rapidez, da qual elas mesmas se teriam julgado incapazes.

Como quem receando encontrar em seu senhorio uma notícia lastimável, rodeia covardemente por uma hora diante de sua porta sem ousar entrar, como quem guarda por quinze dias uma carta sem deslacrá-la, ou resigna-se, apenas ao cabo de seis meses, a operar uma

atitude há um ano necessária, sentem-se às vezes bruscamente precipitados para a ação, por uma força irresistível, como a flecha de um arco. O moralista e o médico, que pretendem tudo saber, não podem explicar donde vem tão subitamente uma tão louca energia a essas almas preguiçosas e voluptuosas, e como, incapazes de cumprir as tarefas mais simples e mais necessárias, elas encontram em certo minuto uma coragem luxuosa para executar os atos mais absurdos e, deveras, até os mais perigosos.

Um dos meus amigos, o mais inofensivo sonhador que já existiu, pôs uma vez fogo em uma floresta para ver, dissera ele, se o fogo pegaria com tanta facilidade tanto quanto geralmente se afirma. Dez vezes seguidas a experiência falhou, mas na undécima ela tão grande sucesso obteve.

Um outro acenderá um charuto ao lado de um barril de pólvora, *para ver, para saber, para tentar o destino*, para forçar a si mesmo a dar prova de energia, para se fazer de brincalhão, para experimentar os prazeres da ansiedade, para nada, por capricho, por indolência.

É uma espécie de energia que jorra do tédio e do devaneio; e aqueles em quem ela se manifesta tão inopinadamente são, em geral, como já disse, os mais indolentes e mais sonhadores dos seres.

O outro, tímido a tal ponto que baixa os olhos até mesmo diante dos olhares dos homens, a tal ponto que precisa reunir toda a sua pobre vontade para entrar em um café ou passar diante de uma bilheteria de um teatro onde os atendentes lhe parecem investidos da majestade de Minos, de Éaco ou de Radamanto lançará bruscamente os braços em torno do pescoço de um velhinho que estiver passando ao seu lado e o beijará com entusiasmo diante da turba estarecida.

Por quê? Porque...porque essa fisionomia lhe era irresistivelmente simpática? Quiçá; contudo, é mais legítimo supor que ele mesmo não sabe porquê.

Fui, mais de uma vez, vítima dessas crises e desses ímpetos que nos autorizam a crer que Demônios maliciosos deslizam em nós e nos fazem cumprir, sem que saibamos, suas mais absurdas vontades.

Certa manhã levantara-me amuado, triste, cansado do ócio e impelido, parecia-me, a fazer grandes coisas, uma ação de estrondo; e abri a janela: Que lástima!

(Observai, eu vos rogo, que o espírito de mistificação, que em algumas pessoas não é o resultante de um trabalho ou de uma combinação, mas de uma inspiração fortuita, muito participa, mesmo que pelo ardor do desejo, desse humor, histérico segundo os médicos, satânico segundo os que pensam um pouco melhor que os médicos, que nos impele sem resistência a uma turba de ações perigosas ou inconvenientes.)

A primeira pessoa que avistei na rua foi um vidraceiro, cujo grito estridente, discordante, subiu até a mim com a pesada e imunda atmosfera parisiense. Ser-me-ia, aliás, impossível dizer por que fui tomado, em respeito desse pobre homem, por um ódio tão súbito quanto despótico.

“- Ei!, ei!” gritei-lhe para subir. Entretanto, eu refletia que, não sem alguma gaiatice, que, o quarto sendo no sexto piso e sendo a escadaria muito estreita, o homem deveria provar alguma dificuldade em operar sua ascensão, e enganchar em muitos lugares as pontas de sua frágil mercadoria.

Por fim ele apareceu: examinei curiosamente todos os seus vidros e lhe disse: “Como? Tu não tens vidro de cor? Vidros rosa, vermelhos, azuis, vidros mágicos, vidros do paraíso? Como tu és imprudente! Tu ousas caminhar pelos bairros pobres e não tem sequer vidros que façam ver a vida em belo!” E eu o empurrei vivamente para a escada, onde ele ia tropeçando, vociferando.

Aproximei-me da sacada e tomei um pequeno vaso de flores e, quando o homem reapareceu na saída da porta, deixei cair perpendicularmente meu engenho de guerra sobre a reborda posterior de seus ganchinhos. E o choque o derrubando, ele acabou por quebrar sob suas costas toda a sua pobre fortuna ambulatória que provocou o ruído estrondoso de um palácio de cristal arrasado pelo raio.

E embriagado com minha loucura, gritei-lhe furiosamente: “A vida em belo! A vida em belo!”

Essas brincadeiras nervosas não são sem perigo e podemos, no mais das vezes, pagar caro por elas. Mas o que importa a eternidade da danação para quem encontrou em um segundo o infinito das volúpias?

## **X À UMA HORA DA MANHÃ**

Enfim! Sozinho! Não se ouve mais que o movimento de alguns fiacres atrasados e fatigados. Por horas à fio, possuiremos o silêncio, senão o repouso. Enfim!, a tirania da face humana desapareceu, e não sofrerei mais senão por mim mesmo.

Enfim! É-me pois permitido relaxar em um banho de trevas! Primeiro, uma dupla volta na fechadura. Parece-me que essa volta de chave aumentará minha solidão e fortificará as barricadas que me separam atualmente do mundo.

Horrível vida! Horrível vila! Recapitulemos o dia: ter visto vários homens letrados, dentre os quais um me perguntou se podíamos ir à Rússia por via terrestre (para ele, sem dúvida, a Rússia era uma ilha); ter discutido generosamente com o diretor de uma revista, que a cada

objeção respondia: “Eis aqui o partido das pessoas honestas, o que implica que todos os outros jornais sejam redigidos por biltres; ter saudado umas vinte pessoas, dentre as quais quinze lhes são ignotas; ter distribuído apertos de mão, na mesma proporção, e isso sem ter tomado a precaução de comprar luvas; ter subido para matar o tempo durante uma pancada na casa de uma dançarina que me pediu para lhe desenhar um traje de *Venustre*; ter cortejado um diretor de teatro que me disse ao dispensar-me: “Tu farias talvez bem dirigir-te a Z...; este é o mais lerdo, o mais tolo e o mais célebre dos meus autores, com ele tu poderias talvez chegar a qualquer coisa. Vai vê-lo e depois veremos; ter-me envaidecido (por quê?). Com várias ações vis que eu jamais cometi, e ter covardemente negado alguns outros malfeitos que cumpri com alegria, delito de fanfarronada, crime pelo respeito humano; ter recusado a um amigo um serviço fácil e dado uma recomendação escrita a um perfeito bobão. Ufa! Terá terminado bem?”

Descontente com todos e descontente de mim, eu gostaria bem de me resgatar e me orgulhar um pouco no silêncio e na solidão da noite. Almas dos que amei, almas dos que cantei, fortificai-me, sustentai-me, afastai-me de mim as mentiras e os vapores que corrompem o mundo. E vós, Senhor, meu Deus! Concedei-me a graça de produzir alguns belos versos que me provem a mim mesmo que eu não sou o último dos homens, que não sou inferior aos que menosprezo!

## **XI A MULHER SELVAGEM E A SENHORINHA**

Em verdade, minha cara, tu me fatigas sem medida e sem piedade. Alguém diria ao te ouvir respirar que tu sofres mais que as colhedoras sexagenárias e que as velhas mendicantes que recolhem cascas de pão nas portas das tabernas.

Se ao menos teus suspiros expressassem remorsos, eles te dariam a honra, mas eles apenas traduzem a saciedade do bem-estar e a prostração do repouso. E ademais tu não cessas de derramar-te em palavras inúteis: “Ama-me muito! Preciso tanto! Consola-me aqui! Acaricia-me ali!” Presta atenção! Quero tentar te curar; talvez encontremos um meio por dois sóis, no meio de uma festa, e sem ir muito longe.

“Consideremos bem, eu te rogo, esta sólida jaula de ferro por trás da qual se agita, berrando feito um danado, sacudindo as barras feito um orangotango exasperado pelo exílio, imitando, à perfeição, ora os saltos circulares do tigre, ora os desajeitos estúpidos do urso branco, esse monstro peludo cuja forma imita tão vagamente a tua.

“Esse monstro é um desses animais que chamamos geralmente de “meu anjo”, quer dizer uma mulher. O outro monstro, aquele que grita aos berros com um bastão na mão é um

marido. Ele acorrentou sua mulher legítima como uma fera e a exhibe nos subúrbios nos dias de feira, com a permissão dos magistrados, nem preciso dizer.

“Prestai bem atenção! Vede com qual veracidade (não simulada, quiçá!) ela rasga lebres vivas e aves piantes que o seu cornaca lhe lança. “Vamos, diz ele, “não se deve comer todo nosso bem em um só dia e, com estas sábias palavras, ele lhe arranca cruelmente a presa, cujas tripas despregadas permanecem por um instante enganchadas nos dentes da besta feroz, da mulher, quero dizer.

Vamos! Uma boa varada para acalmá-la! Pois ela dardeja com olhos terríveis de cobiça sobre o alimento retirado. Grande Deus! A vara não é uma vara de cena! Vós ouviste ressoar a carne, apesar do pelo postiço? Além disso, os olhos lhe saindo do rosto, ela urra mais *naturalmente*. Em sua raiva ela faísca por inteiro, como o ferro que batemos.

“Tais são os modos conjugais desses dois descendentes de Adão e Eva, essas obras de vossas mãos, oh! Meu Deus! Essa mulher é incontestavelmente infeliz, embora, apesar de tudo, quiçá os gozos titilantes da glória não lhe sejam desconhecidos. Há infelicidades mais irremediáveis e sem compensação. Mas no mundo onde ela foi jogada, ela jamais pôde crer que a mulher merecesse um outro destino.

“Agora, para nós dois, cara preciosa! Ao ver os infernos de que o mundo está povoado, o que tu queres que eu pense de teu lindo inferno, tu que repousas apenas em tecidos tão suaves quanto tua pele, comes apenas carne cozida e para quem um doméstico hábil se encarrega de cortar os pedaços?

“E que podem significar pra mim todos esses pequenos suspiros que inflam teu peito perfumado, robusta coquete? E todas essas afetações aprendidas nos livros, e esta infatigável melancolia feita para inspirar ao espectador um sentimento bem diferente da que é a piedade? Em verdade, toma-se, as vezes, a vontade de te ensinar o que é a verdadeira infelicidade.

“Ao te ver assim, minha bela delicada com os pés na lama e os olhos voltados vaporosamente para o céu como para lhe pedir um rei, imaginar-se-ia uma jovem rã a invocar o ideal. Se tu menosprezas o barrotim (o que sou agora, como sabes bem), toma cuidado com a *grua que te picará, te engolirá e te matará, a seu bel-prazer*.

“Por mais poeta que eu seja, não sou tão estúpido quanto tu gostarias de crê-lo, e se tu me fatigas no mais das vezes com teus preciosos choramingos, eu te tratarei *como mulher selvagem*, ou te lançarei pela janela, como uma garrafa vazia.

## XII AS TURBAS

Não é dado a qualquer um tomar um banho de multidão. Desfrutar da turba é uma arte; e aquele lá só pode fazer, às expensas do gênero humano, um regabofe de vitalidade, a quem uma fada insuflou em seu berço o gosto pelo travestimento e pela máscara, o ódio pelo domicílio, e a paixão pela viagem.

Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis, pelo poeta ativo e fecundo, que não sabe povoar sua solidão, não sabe tampouco ser só em uma turba atarefada.

O poeta goza desse incomparável privilégio: de poder ser à sua guisa ele mesmo e outrem. Como essas almas errantes que procuram um corpo, entra quando quer na personagem de cada um. Só para si, tudo é vacante e se certos lugares lhe parecem estar fechados, é porque aos seus olhos eles não valem à pena serem visitados.

O caminheiro solitário e pensativo tira uma singular euforia dessa universal comunhão. Aquele que esposa facilmente a turba conhece gozos fervorosos, dos quais serão eternamente privados o egoísta, fechado como um cofre, e o preguiçoso, recolhido como um molusco. Ele adota como suas, toda a profissão, toda a alegria, toda a amargura e toda a miséria que a circunstância lhe apresenta.

O que os homens chamam amor é bem pequeno, restrito e frágil, se comparado a tal inefável orgia, a tal santa prostituição da alma que se dá por inteiro, poesia e caridade, ao imprevisto que se mostra, ao desconhecido que passa.

É bom ensinar, às vezes, aos bem-aventurados deste mundo, mesmo que seja apenas para humilhar por um instante seu orgulho tolo, que há bem-aventuranças superiores às suas, mais amplas e mais refinadas. Os fundadores de colônias, os pastores de pessoas, os padres missionários exilados no confim do mundo, conhecem sem dúvida algo dessas misteriosas euforias; e, no seio da vasta família que seu gênio concebeu eles devem rir às vezes daqueles que se queixam delas por sua fortuna tão agitada e sua vida tão casta.

## XIII AS VIÚVAS

Vauvenargues diz que nos jardins públicos há áreas frequentadas principalmente, pela ambição frustrada, pelos inventores fracassados, pelas glórias abortadas, pelos corações estilhaçados, por todas essas almas tumultuosas e fechadas em quem troam ainda os últimos suspiros de um temporal, e que recuam para longe do olhar insolente dos gaiatos e dos ociosos. Essas retiradas umbrosas são os encontros marcados dos estropiados da vida.

É sobretudo a esses lugares que o poeta e o filósofo adoram dirigir suas ávidas conjecturas. Há neles um repasto certo. Pois se há um lugar que eles desdenham visitar, como há pouco insinuava, é sobretudo o júbilo dos ricos. Tal turbulência no vazio não tem nada que os atraia. Ao contrário, eles se sentem irresistivelmente enlevados a tudo que é fraco, arruinado, contristado, órfão.

Um olho experiente aí jamais se engana. Em tais traços, rígidos ou abatidos, nesses olhos cavos e esmaecidos ou brilhantes dos derradeiros lampejos da luta, nessas rugas profundas e numerosas, nesses passos tão lentos ou tão sôfregos ele decifra de pronto as inumeráveis lendas do amor enganado, do devotamento desprezado, dos esforços não recompensados, da fome e do frio humildemente, silenciosamente suportados.

Vós, alguma vez, notastes viúvas nesses bancos solitários, viúvas pobres? Que elas estejam em luto ou não, é fácil reconhecê-las. Aliás, há sempre no luto do pobre algo que falta, uma ausência de harmonia que o torna mais aflitivo. Ele é forçado a regatear com sua dor. O rico carrega a sua por completo.

Qual é a viúva mais triste e mais entristecedora, a que arrasta pela mão um garoto com quem ela não pode partilhar seu devaneio, ou aquela que está totalmente só? Não sei... Certa vez fui levado a seguir por longas horas a fio uma velha aflita dessa espécie; essa rígida, reta, sob um pequeno xale roto, carregava em todo o seu ser uma altivez de estoica.

Ela estava evidentemente condenada, por uma absoluta solitude a hábitos de velho celibatário e o caráter masculino de seus modos acresciam um picante misterioso a sua austeridade. Não sei em qual miserável café e de qual maneira ela almoçava. Eu a segui até o gabinete de leitura, e a espiei por longo tempo enquanto ela procurava nas gazetas, com olhos ativos, outrora queimados pelas lágrimas, notícias de um interesse potente e pessoal.

Por fim, à tarde, sob um céu de outono charmoso, um desses céus de onde descem em turba as saudades e as lembranças, ela se sentou afastada num jardim para ouvir longe da turba um desses concertos com os quais a música dos regimentos gratifica o povo parisiense.

Eis aí, sem dúvida, o pequeno deboche dessa velha inocente (a dessa velha purificada), a consolação bem ganha de um desses pesados dias sem amigo, sem conversa, sem alegria, sem confidente, que Deus deixava cair sobre ela, há muitos anos, quiçá! trezentos e sessenta e cinco vezes por ano.

Mais uma outra:

Não posso, jamais, me impedir de lançar um olhar, senão universalmente simpático, ao menos curioso, sob a turba de párias que se premsam em torno de um recinto de um concerto público. A orquestra lança noite adentro cantos de festa, de triunfo, ou de volúpia. Os vestidos

se arrastam espelhando; os olhares se cruzam; os ociosos fatigados de não terem feito nada, se balançam, fingindo degustar indolentemente a música. Aqui, nada de rico, de feliz; nada que não respire e inspire o desleixo e o prazer de se deixar viver; nada, exceto o aspecto dessa turfa que se apoia lá sob a barreira exterior, apanhando grátis, ao sabor do vento, uma lasca de música, e olhando a faiscante fornalha interior.

É sempre algo interessante esse reflexo da alegria do rico no fundo do olho do pobre. Mas nesse dia, em meio ao povo vestido de batas de chita da Índia, notei um ser cuja nobreza causava um fulgurante contraste com toda a trivialidade circundante.

Era uma mulher grande, majestosa, tão nobre em seu ar que não lembro ter visto uma semelhante nas coleções de aristocráticas belezas do passado. Um perfume de altiva virtude emanava de toda a sua pessoa. Seu rosto, triste e magro, estava em perfeito acordo com o grande luto com o qual ela estava vestida. Ela também - como a plebe a qual ela se misturara e que ela não via - olhava o mundo luminoso com um olho profundo e escutava meneando suavemente a cabeça.

Singular visão! “Certamente” pensei comigo, essa pobreza, se pobreza há, não deve admitir a economia sórdida; um tão nobre rosto me responde por isso. Por que então ela permanece voluntariamente em um meio onde ela cumpre uma tarefa tão fulgurante?”

Mas ao passar curiosamente junto a ela, acreditei adivinhar a razão para tal. A grande viúva segurava pela mão uma criança como ela vestida de negro. Por mais módico que fosse o preço da entrada, esse preço bastava, quiçá, para pagar uma das necessidades do pequeno ser, melhor ainda, uma superfluidade, um brinquedo.

E ela terá retornado a pé, meditativa e sonhadora, só, sempre só; pois a criança é turbulenta, egoísta, sem suavidade e sem paciência, e nem mesmo pode, como o puro animal, como o cachorro e o gato, servir de confidente às dores solitárias.

#### **XIV O VELHO SALTIMBANCO**

Por todo lado se exibia, se espalhava, se gazeteava o povo em férias. Era uma dessas solenidades com as quais, por um longo tempo, contam os saltimbancos, os prestidigitadores, os domadores de animais e os vendedores ambulantes, para compensar os tempos ruins do ano.

Naqueles dias, parece-me que o povo esquece tudo, a dor e o trabalho; fica igual criança. Para os pequenos, é um dia de folga, é o horror da escola adiado por vinte e quatro horas. Para os grandes, é um armistício concluído com as potências malfazejas da vida, um intervalo na contenda e na luta universais.

O homem do mundo, ele mesmo, e o homem ocupado com trabalhos espirituais, escapam dificilmente da influência desse jubileu popular. Eles absorvem, sem o querer, sua parte dessa atmosfera de desleixo. Para mim, não deixo jamais, como verdadeiro Parisiense, de passar em revista todas as barracas que se empavonam em tais épocas solenes.

Elas travavam entre si em verdade uma concorrência formidável: pipilavam, mugiam, uivavam. Era uma mistura de gritos, de detonações de cobre e explosões de foguetes. Os caudas vermelhas e os Patetas convulsionavam os traços de suas faces trigueiras, empedernidas pelo vento, a chuva e o sol; lançavam com o aprumo dos artistas seguros de seus efeitos, palavras galhofeiras e gracejos de um cômico sólido e carregado, como o de Molière. Os Hércules, orgulhosos da enormidade de seus membros, sem fronte e sem crânio, como os orangotangos, se espreguiçavam majestosamente sobre os maiôs lavados na véspera para a circunstância. As dançarinas belas, como fadas ou princesas, saltavam e cabriolavam sob o fogo das lanternas que enchiam suas saias de centelhas.

Tudo era só luz, poeira, gritos, alegria, tumulto; uns gastavam, outros ganhavam, uns e outros igualmente gaiatos. As crianças se suspendiam nos saiotos de suas mães para obter algum bastão de açúcar, ou subiam sobre os ombros de seus pais para verem melhor um escamoteador deslumbrante como um deus. E por toda parte circulava, dominando todos os perfumes, um odor de fritura que era como um incenso dessa festa.

Ao fim, no extremo fim da fileira de barracas como se envergonhado ele mesmo tivesse se exilado de todos esses esplendores vi um pobre saltimbanco, arqueado, caduco, decrépito, uma ruína de homem, encostado a um dos mourões de sua tenda; uma tenda mais miserável que aquela do selvagem mais embrutecido e da qual duas pontas de vela corredias e fumegantes clareavam muito bem ainda o desfrute.

Por toda parte a alegria, o ganho, o deboche; por toda parte, a certeza do pão para os amanhã; por toda parte a explosão frenética da vitalidade. Aqui, a miséria absoluta, a miséria enfarpelada, para cúmulo do horror, em frangalhos cômicos, onde a necessidade, bem mais que a arte, havia introduzido o contraste. Ele não ria, o miserável! Não chorava, não dançava, não gesticulava, não gritava; não cantava nenhuma canção, nem alegre, nem lamentável, não implorava. Era mudo e imóvel. Havia renunciado, havia abdicado. Seu destino estava cumprido.

Mas que olhar profundo, inesquecível, ele caminhava na turba e nas luzes, cuja maré movente se detinha a poucos passos de sua repulsiva miséria! Senti minha garganta apertada pela mão terrível da histeria, e pareceu-me que meus olhares eram ofuscados por essas lágrimas rebeldes que não querem cair.

Que fazer? Para que serve perguntar ao desafortunado qual curiosidade, qual maravilha ele tinha para mostrar nessas trevas fétidas, por trás de sua cortina rasgada? Na verdade, eu não ousava; e, mesmo que a razão de minha timidez tivesse que vos fazer rir, eu confessarei que receava humilhá-lo. Por fim, acabei de me resolver em depositar, ao passar, algum dinheiro sobre uma dessas tábuas, esperando que ele adivinhasse minha intenção, quando um grande refluxo do povo, causado por não sei qual distúrbio, me arrastou para longe dele.

E, ao me virar, obsedado por tal visão, procurei analisar minha súbita dor e pensei comigo: acabo de ver a imagem do velho homem de letras que sobreviveu à geração da qual ele foi o brilhante animador; do velho poeta sem amigos, sem família, sem filhos, degradado por sua miséria e pela ingratidão pública, e em cuja barraca o mundo esquecido não quer mais entrar!.

## XV O BOLO

Eu estava viajando. A paisagem em meio da qual eu estava situado era de uma grandeza e de uma nobreza irresistíveis. Passou-se, sem dúvida, nesse momento algo em minha alma. Meus pensamentos voltavam com uma leveza igual à da atmosfera; as paixões vulgares, tais como o ódio e o amor profano, me apareciam agora tão distanciadas quanto às nuvens que desfilavam no fundo dos abismos sob meus pés; minha alma me parecia tão vasta e tão pura quanto a cúpula do céu pela qual eu estava envolto; e a lembrança das coisas terrestres chegava ao meu coração deveras enfraquecida e diminuída, como o som do cincorro das bestas imperceptíveis que passavam longe, bem longe, sobre a vertente de uma outra montanha. Sobre o pequeno lago imóvel, negro por sua imensa profundidade, passava às vezes a sombra de uma nuvem, como o reflexo do manto de um gigante aéreo que voa através do céu. E lembro-me de que essa sensação solene e rara, causada por um grande movimento perfeitamente silencioso, me enchia de uma alegria misturada ao medo. Em suma, eu me sentia, graças à entusiasmante beleza da qual eu estava rodeado, em perfeita paz comigo mesmo e com o universo; acredito até que em minha perfeita beatitude, e em meu total esquecimento de todo o mal terrestre, chegara assim a não mais achar tão ridículos os jornais que pretendem que o homem nasceu bom – quando, a matéria incurável ao renovar suas exigências, pensei em reparar a fadiga e saciar o apetite causados por uma tão longa ascensão. Tirei de meu bolso um grande naco de pão, uma cumbuca de couro e um frasco de um certo elixir que os boticários vendiam naqueles tempos aos turistas para misturá-lo, na ocasião, com água de neve.

Eu cortava tranquilamente meu pão, quando um levíssimo somido me fizera erguer os olhos. Diante de mim encontrava-se um pequeno ser maltrapilho, negro, desganhado, cujos olhos cavos, ariscos e como que suplicantes, devorava o naco de pão. E eu o ouvi suspirar, com uma voz baixa e rouca, a palavra: *bolo!* Não consegui segurar o riso ao ouvir o nome com que ele queria honrar meu pão quase branco, e cortei para ele uma bela fatia que lhe ofereci. Lentamente, ele se aproximou, não afastando dos olhos o objeto da sua cobiça; depois agarrando o naco com sua mão, recuou vivamente, como se tivesse receado que minha oferta não fosse sincera ou que dela já tivesse arrependido.

Mas, no mesmo instante, ele foi derrubado por outro pequeno selvagem, saído não sei de onde, e tão perfeitamente semelhante com o primeiro, que poderíamos tê-lo tomado por seu irmão gêmeo. Juntos rolaram pelo chão, disputando o precioso prêmio, nenhum querendo sem dúvida sacrificar a metade dela por seu irmão. O primeiro, exasperado, empunhou o segundo pelos cabelos; este lhe agarrou a orelha com os dentes, e cuspiu um pequeno pedaço sangrento junto com um soberbo termo de sua língua. O legítimo proprietário do bolo tentou afundar suas pequenas garras nos olhos do usurpador; por sua vez, este aplicou todas as suas forças para estrangular seu adversário com uma mão, enquanto com a outra tratava de deslizar em seu bolso o prêmio do combate. Mas, reavivado pelo desespero, o vencido se reergueu e fez rolar o vencedor por terra com uma cabeçada no estômago. Para quê descrever uma luta hedionda que durou na verdade muito mais tempo do que suas forças infantis pareciam prometê-lo? O bolo viajava de mão em mão e mudava de bolso a cada instante; ai que dó! Ele mudava também de volume; e quando, enfim, extenuados, ofegantes, ensanguentados, eles pararam por impossibilidade de continuar, já não havia, para dizer a verdade, nenhum motivo para batalha: o naco de pão havia desaparecido e estava disperso em migalhas semelhantes aos grãos de areia aos quais ele se misturara.

Esse espetáculo me aluviara a paisagem, e a alegria calma onde se gazeteava minha alma antes de ter visto esses pequenos homens havia totalmente desaparecido. Fiquei triste por bastante tempo repetindo-me sem cessar: “há pois um país soberbo onde o pão se chama *bolo*, guloseima tão rara que ela basta para engendrar uma guerra perfeitamente fraticida!”

## **XVI O RELÓGIO**

Os chineses veem a hora no olho dos gatos.

Um dia um missionário, passeando pelo subúrbio de Nanquim, percebeu que havia esquecido seu relógio, e perguntou a um rapazote que horas eram.

O menino do império celestial hesitou de início; depois, voltando a pergunta, respondeu: “vou dizê-lo para o senhor”. Poucos instantes depois, ele reapareceu segurando em seus braços um imenso gato e olhando-o, como se diz, no branco dos olhos, afirmou sem hesitar: “não é ainda totalmente meio-dia” – o que era verdade.

Quanto a mim, se me inclino para a bela felina, a tão bem nomeada, que é a um só tempo a honra de seu sexo, o orgulho do meu coração e o perfume do meu espírito, que seja noite, que seja dia, na plena luz ou na sombra opaca, no fundo de seus olhos adoráveis, vejo sempre a hora distintamente, sempre a mesma, uma hora vasta, solene, grande como o espaço, sem divisões de minutos nem de segundos – uma hora imóvel que não é marcada nos relógios, e entretanto leve como um suspiro, rápida como uma olhadela.

E se algum importuno viesse me perturbar, enquanto meu olhar repousava sobre esse deleitoso quadrante, se algum Gênio desonesto e intolerante, algum Demônio do contratempo viesse me dizer: “o que tu olhas aí com tanto apuro? O que tu buscas nos olhos desse ser? E tu aí vês a hora mortal, pródigo e vadio?” eu responderia sem hesitar:

“Sim, vejo a hora; é a eternidade!”

Não é, madame, que há aqui um madrigal, verdadeiramente meritório, e tão enfático quanto vós mesma? Em verdade, tive tanto prazer em bordar essa pretenciosa galanteria, que não vos pedirei nada em troca.

## **XVII UM HEMISFÉRIO EM UMA CABELEIRA**

Deixa-me respirar, por longo tempo, longo tempo, o odor de teus cabelos, mergulhar neles toda minha face como um homem sedento na água de uma nascente, e agitá-los com minha mão como um lenço odorante, para sacudir lembranças no ar.

Se tu pudesses saber tudo o que vejo! Tudo o que sinto! Tudo o que ouço em teus cabelos! Minha alma viaja pelo perfume assim como a alma dos outros homens pela música.

Teus cabelos contêm todo um sonho, pleno de velames e mastreações; contêm grandes mares com monções que me levam para encantadores climas, onde o espaço é mais azul e mais profundo, onde a atmosfera é perfumada pelos frutos, pelas folhas e pela pele humana.

No oceano de tua cabeleira, entrevejo um porto que fervilha de cantos melancólicos, de homens vigorosos de todas as nações, e de navios de todas as formas que ressaltam suas finas e complexas arquiteturas sob um céu imenso, onde se espreguiça o eterno calor.

Nas carícias de tua cabeleira, reencontro os langores das longas horas passadas sobre um sofá, no quarto de um belo navio, embalados pelo balanço imperceptível do porto, entre vasos de flores e as alcarrazas refrescantes.

Na ardente lareira de tua cabeleira, respiro o odor do tabaco mesclado a ópio e açúcar; na noite de tua cabeleira, vejo resplandecer o infinito do azul tropical; sobre as orlas penujadas de tua cabeleira, inebrio-me com os odores combinados do alcatrão, do almíscar e do óleo de coco.

Deixa-me morder, por longo tempo, tuas tranças densas e negras. Quando mordisco teus cabelos cacheados e rebeldes, parece-me que estou a comer lembranças.

### XVIII INVITAÇÃO À VIAGEM

Há um país soberbo, um país de Cocanha, como dizem, que eu sonho em visitar com uma velha amiga. País singular, embrenhado nas brumas de nosso norte, e que poderíamos chamar de Oriente do Ocidente, a China da Europa, tanto a cálida e caprichosa fantasia, ali se deu asas, tanto ela paciente e obstinadamente o ilustrou, paciente e teimosamente com suas magistrais e delicadas vegetações.

Um verdadeiro país de Cocanha, onde tudo é belo, rico, tranquilo, honesto; onde o luxo tem prazer a se mirar na ordem; onde a vida é abundante e suave de respirar; de onde a desordem, a turbulência e o imprevisto estão excluídos; onde a felicidade é casada com o silêncio; onde a própria cozinha é poética, abundante e excitante a uma só vez; onde tudo vos evoca, meu caro anjo.

Tu conheces essa doença febril que se apossa de nós nas frias misérias, essa nostalgia do país que ignoramos, essa angústia de curiosidade? Há um rincão que te evoca, onde tudo é belo, rico, tranquilo e honesto, onde a fantasia edificou e decorou uma China ocidental, onde a vida é suave de se respirar, onde a felicidade é casada com o silêncio. É lá que é preciso ir viver, é lá que é preciso ir morrer!

Sim, é lá que é preciso ir respirar, sonhar e prolongar as horas pelo infinito das sensações. Um músico escreveu *A Invitação à Valsa*, qual é aquele que comporá *A Invitação à Viagem*, que possamos oferecer à mulher amada, a irmã que elegemos?

Sim, é nessa atmosfera que seria bom viver – lá, onde as horas mais lentas contêm mais pensamentos, onde os relógios soam a felicidade em uma mais profunda e mais significativa solenidade.

Sobre placas luminosas, ou em sobre couros dourados e de soturna riqueza, vivem discretamente pinturas beatas, calmas e profundas, como as almas dos artistas que as criaram. Os sóis poentes, que colorem tão ricamente a sala de jantar ou o salão, são tamisados por belos linhos ou por essas altas janelas trabalhadas que o prumo divide em numerosos compartimentos. Os móveis são amplos, curiosos, bizarros, armados de fechaduras e segredos como almas refinadas. Os espelhos, os metais, os linhos, a ourivesaria e a faiança ai executam para os olhos uma sinfonia muda e misteriosa e de todas as coisas, de todos os cantos, das fissuras das gavetas e das dobras dos linhos, escapam um perfume singular, um quê a mais de Sumatra, que é como a alma do apartamento.

Um verdadeiro país de Cocanha, eu te digo, onde tudo é rico, limpo e luminoso, como uma bela consciência, como uma magnífica bateria de cozinha, como uma esplêndida ourivesaria, como uma joia sarapintada! Os tesouros do mundo lá afluem como na casa do homem laborioso e que bem mereceu o mundo inteiro. País singular, superior aos outros, como a Arte o é à Natureza, onde esta é reformada pelo sonho, onde ela é corrigida, embelezada, refundida.

Como eles buscam, como eles ainda buscam, como recuam sem cessar os limites de sua felicidade, esses alquimistas da horticultura. Como eles propõem prêmios de sessenta e de cem mil florins para quem resolver seus ambiciosos problemas! De minha parte, encontrei minha *tulipa negra e minha dália azul!*

Flor incomparável, tulipa redescoberta, alegórica dália, é lá, não é? Nesse belo país tão calmo e tão sonhador, que seria preciso ir viver e florir? Tu não serias enquadrada em tua analogia e não poderias te mirar para falar como os próprios místicos em tua própria *correspondência?*

Sonhos! Sempre sonhos! E quanto mais a alma é ambiciosa e delicada, mais os sonhos se distanciam do possível. Cada homem carrega em si sua dose de ópio natural, incessantemente secretada e renovada e, do nascimento à morte, quanto contamos nós de horas preenchidas pelo gozo positivo, pela ação bem-sucedida e determinada? Viveremos jamais, passaremos jamais nesse quadro que pintou meu espírito, esse quadro que te evoca?

Esses tesouros, esses móveis, esse luxo, essa ordem, esses aromas, essas flores milagrosas, tu és isso? Isso ainda é tu, esses grandes rios e canais tranquilos. Esses enormes navios que eles carregam, tão carregados de riquezas e de onde sobem os cantos monótonos da manobra, são meu pensamento que dormem e que rolam sobre o teu seio. Tu os conduzes suavemente para o mar, que é o Infinito, ao mesmo tempo que refletas as profundezas do céu na limpidez da tua bela alma – e quando fatigados pelo marulho e empanturrados dos produtos

do Oriente, eles retornam ao porto natal, são ainda meus pensamentos enriquecidos que regressam do infinito rumo a ti.

### **XIX O BRINQUEDINHO DO POBRE**

Quero dar a ideia de um divertimento inocente. Há tão poucas distrações que não sejam culpáveis!

Quando vós sairdes de manhã com a intenção determinada de flunar pelas grandes estradas, enchei vossos bolsos com pequenas invenções de um sol – tais como o polichinelo achatado movido por um só fio, os forjadores que batem a bigorna, o cavaleiro e seu cavalo, cuja calda é um assobio – e ao longo das tabernas, ao pé das árvores, fazei com eles homenagem às crianças desconhecidas e pobres que vós encontrardes. Vós vereis seus olhos crescerem desmesuradamente. Primeiro elas não ousarão pegar; duvidarão de sua felicidade. Depois, suas mãos agarrarão vivamente o presente e fugirão como fazem os gatos que vão comer longe de vós o naco que vós lhes destes, pois aprenderam a desafiar o homem.

Em uma estrada, por trás da grade de um vasto jardim, em cujo extremo aparecia a brancura de um lindo castelo tocado pelo sol, encontrava-se uma criança bela e viçosa, vestida com suas roupas de campestres de tanta galhardia.

O luxo, o desleixo e o espetáculo habitual da riqueza tornam essas crianças tão lindas, que acreditaríamos que elas são feitas de uma outra massa diferente das crianças da mediocridade ou da pobreza.

Ao lado dela jazia sobre a relva um brinquedinho esplêndido, tão viçoso quanto seu mestre, envernizado, dourado, trajando um vestido púrpuro e coberto de plumas e miçangas. Mas a criança não se ocupava com seu brinquedinho preferido, e eis o que ela olhava:

Do outro lado da grade, na estrada, entre os cardos e as urtigas, havia uma outra criança, suja, definhada, fuliginosa, uma dessas marmotas-párias de quem um olho imparcial descobriria a beleza se, com o olho do conhecedor adivinha uma pintura ideal sob um verniz de carroceiro, ele o limpasse com a repugnante pátina da miséria.

Através dessas barras simbólicas separando dois mundos, a grande estrada e o castelo, a criança pobre mostrava à criança rica seu próprio brinquedinho, que esta examinava avidamente como um objeto raro e desconhecido. Ora, esse brinquedinho que o pequeno sujismundo agitava e sacudia em uma caixa engradada, era um rato vivo! Os pais por economia, sem dúvida, haviam buscado o brinquedinho na própria vida.

E as duas crianças riam uma para a outra fraternalmente, com dentes de uma *igual* brancura.

## XX OS DONS DAS FADAS

Era uma grande assembleia das fadas para proceder à partilha dos dons entre todos os recém-nascidos, que vieram à vida nas últimas vinte e quatro horas.

Todas essas antigas e caprichosas Irmãs do Destino, todas essas mães bizarras da alegria e da dor, eram muito diversas: umas tinham um ar soturno e rabugento; outras um ar folgazão e malicioso; umas, jovens, que haviam sempre sido jovens; outras, velhas, que haviam sempre sido velhas.

Todos os pais que tem fé nas Fadas vieram, cada um trazendo seu recém-nascido nos braços.

Os Dons, as Faculdades, os bons Acasos, as Circunstâncias invencíveis, ficavam acumulados ao lado do Tribunal, como os prêmios sobre o estrado em uma distribuição de prêmios. O que havia aqui de particular é que os Dons não eram a recompensa por algum esforço, mas bem ao contrário, uma graça concedida àquele que não havia ainda vivido, uma graça que podia determinar seu destino e tornar-se tanto a fonte de sua graça quanto de sua desgraça.

As pobres Fadas eram atarefadíssimas, pois a turba dos solicitantes era grande e o mundo intermediário localizado entre o homem e Deus é submetido, assim como nós, à terrível lei do Tempo e de sua infinita posteridade, os Dias, as Horas, os Minutos, os Segundos.

Em verdade, elas eram tão desconcertadas, aturdidas, quanto ministros em dia de audiência ou empregados do Monte-de-piedade, quando uma festa nacional autoriza as retiradas gratuitas. Creio mesmo que elas olhavam de quando em vez, o ponteiro do relógio com tanta impaciência quanto os juízes humanos, que magistrando desde a manhã não podem se impedir de sonhar com a ceia, com a família, e com suas queridas pantufas. Se na Justiça sobrenatural há um pouco de precipitação e de acaso, não nos espantemos que sejam o mesmo, às vezes, na justiça humana. Nós mesmos seríamos nesse caso injustos juízes.

Também foram cometidas nesse dia algumas gafes que poderíamos considerar como bizarras, se a prudência, mais do que o capricho, fosse o carácter distintivo eterno das Fadas.

Assim, o poder de atrair magneticamente a fortuna foi adjudicado ao herdeiro único de uma família riquíssima, que não sendo dotado de nenhum senso de caridade, não mais que de

alguma cobiça pelos bens mais visíveis da vida, devia se encontrar mais tarde prodigiosamente embaraçado com seus milhões.

Assim foram dados o amor pelo Belo e o Poder poético ao filho de um obscuro morto de fome, mineiro de profissão, que não podia de nenhuma maneira ajudar as faculdades nem aliviar as necessidades de sua deplorável progeneritura.

Esqueci-me de vos dizer que a distribuição, nesses casos solenes, é sem apelação e que nenhum dom pode ser recusado.

Todas as Fadas se levantavam acreditando que a sua corveia estava cumprida; pois não restava mais nenhum presente, nenhuma largueza a lançar a toda essa arraia humana -, quando um bravo homem, um pobre pequeno comerciante, creio eu, se levantou e agarrando o seu vestido de vapores multicolores, da Fada que estava mais ao seu alcance, exclamou:

“Pois bem, Senhora! Vós nos esqueceis! Falta ainda o meu pequeno! Eu não quero ter vindo para nada.”

A Fada podia ter ficado embaraçada, pois não restava *mais nada*. Entretanto, lembrou-se a tempo de uma lei bem conhecida, embora raramente aplicada no mundo sobrenatural, habitada por essas deidades impalpáveis amigas do homem e geralmente constrangidas a se adaptarem a suas paixões, tais como as Fadas, os Gnomos, as Salamandras, as Sílides, os Silfos, as Nixas, os Ondinos e as Ondinas, - quero falar da lei que concede às Fadas em um caso semelhante a este, quer dizer, o caso de esgotamento dos quinhões, a faculdade de dar mais um, suplementar e excepcional, conquanto que ela tenha imaginação suficiente para criá-lo de imediato.

Logo, a boa Fada respondeu, com um aprumo digno de sua posição: “Eu dou a teu filho...eu lhe dou...o Dom de agradar!”

“Mas agradar como? Agradar? Agradar por quê? Perguntou obstinadamente o pequeno lojista, que era sem dúvida um desses raciocinadores tão comuns, incapazes de se levar até a lógica do Absurdo”.

“Porque sim! Porque sim! ” Repliou a Fada, irada, virando-lhe as costas; e, alcançando o cortejo de suas companheiras, disse a elas: “Como vós achais esse francesinho vaidoso que quer compreender tudo e, que tendo obtido para seu filho o melhor dos quinhões, ousa ainda interrogar e discutir o indiscutível? ”

**ANEXO A – BAUDELAIRE - PEQUENOS POEMAS EM PROSA [O SPLEEN DE  
PARIS] – DOROTHÉ DE BRUCHARD**

**I – O ESTRANGEIRO**

- A quem você ama mais, homem enigmático, me diga: seu pai, sua mãe, sua irmã ou seu irmão?
- Não tenho pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.
- Seus amigos?
- Está usando uma palavra cujo sentido para mim permanece até hoje desconhecido.
- Sua pátria?
- Ignoro sob que latitude está situada.
- A beleza?
- Eu a amaria com prazer, deusa e imortal.
- O ouro?
- Eu o odeio como o senhor odeia a Deus.
- Ei! O que é então que você ama, extraordinário estrangeiro?
- Amo as nuvens... as nuvens que passam... lá, lá, adiante... as maravilhosas nuvens!

**II – O DESESPERO DA VELHA**

A velhinha enrugadinha se sentiu toda faceira ao ver a linda criança a quem todos faziam festa, a quem todo o mundo queria agradar; aquele lindo ser tão frágil, como ela, a velhinha e, também como ela, sem dentes e sem cabelo.

E aproximou-se, querendo fazer gracinhas e trejeitos simpáticos.

Mas a criança apavorada se debatia sob as carícias da boa mulher decrépita, e enchia a casa com seus ganidos.

Então a boa velha recolheu-se à sua solidão eterna, e chorava a um canto, pensando: “Ah! Para nós, infelizes velhas fêmeas, passou a idade de agradar, mesmo aos inocentes; e horrorizamos as criancinhas que queremos amar!”

### III – O “CONFITEOR” DO ARTISTA

Que penetrantes são os finais de dia no outono! Ah! Penetrantes até a dor! Pois certas sensações deliciosas há das quais o indefinido não exclui a intensidade; e ponta mais aguçada não há do que aquela do Infinito.

Grande delícia está de mergulhar o olhar na imensidão do céu e do mar! Solidão, silêncio, incomparável castidade do azul! Uma pequena vela estremecendo no horizonte e que por sua pequenez e seu isolamento imita minha irremediável existência, melodia monótona do marulho, todas estas coisas pensam por mim, ou eu penso por elas (pois na grandeza do devaneio, o *eu* se perde depressa!); elas pensam, digo, mas musical e pitorescamente, sem argúcias, sem silogismos, sem deduções.

Estes pensamentos, porém, quer surjam de mim, quer jorrem das coisas, em seguida se tornam demasiado intensos. A energia na volúpia cria um mal-estar e um sofrimento positivo. Meus nervos demasiado tensos já não produzem mais que vibrações doloridas e estridentes.

E agora me consterna a profundidade do céu; sua limpidez me exaspera. A insensibilidade do mar, a imutabilidade do quadro me revoltam... Ah! Será preciso penar eternamente, ou o belo eternamente evitar? Natureza, feiticeira sem dó, rival sempre vitoriosa, me deixe! Pare de tentar meu orgulho e meus desejos! O estudo do belo é um duelo em que o artista grita de pavor antes de ser vencido.

### IV – UM ENGRAÇADINHO

Era a explosão do ano novo: caos de lama e de neve, sulcado por mil carruagens, resplandecendo de brinquedos e balas, formigando de cupidezes e desesperos, delírio oficial de uma cidade grande, feito para perturbar o cérebro do mais forte solitário.

Em meio àquele burburinho e alarido, trotava um burrico com vivacidade, atormentado por um grosseirão armado de um chicote.

O burrico ia dobrando uma esquina quando um belo senhor enluvado, lustrado, cruelmente engravatado e aprisionado em roupas novas em folha inclinou-se ceriomiosamente perante o humilde animal e lhe disse, tirando o chapéu: “Desejo-lhe um bom e feliz ano-novo!”, voltando-se depois para não sei que companheiros com um ar de fatuidade, como a pedir-lhes que unissem sua aprovação ao seu contentamento.

O burrico não viu o belo engraçadinho e continuou a correr com zelo para onde o chamava seu dever.

Quanto a mim, fui subitamente tomado de uma incomensurável raiva pelo magnífico imbecil, que me pareceu concentrar em si todo o espírito da França.

## V – O QUARTO DUPLO

Um quarto que semelha um devaneio, um quarto realmente *espiritual*, cuja atmosfera estagnante é levemente colorida de azul e cor-de-rosa.

A alma nele toma um banho de preguiça, aromatizado de pena e desejo. - É algo crepuscular, azulado e rosado; um sonho de volúpia durante um eclipse.

Os móveis têm formas alongadas, prostradas, enlanguescidas. Os móveis parecem sonhar; parecem dotados de vida sonambúlica, como o vegetal e o mineral. Os tecidos falam uma língua muda, como as flores, os céus, os sóis poentes.

Nas paredes, nenhuma abominação artística. Se comparada ao sonho puro, à impressão não analisada, a arte definida, a arte positiva é uma blasfêmia. Aqui, tudo tem a suficiente claridade e a deliciosa obscuridade da harmonia.

Uma infinitésima fragrância da gama mais preciosa, a que se vem juntar muito leve umidade, vai nadando nesta atmosfera onde o espírito sonolento é embalado por sensações de estufa quente.

A musselina chove em abundância frente às janelas e à cama, se expande em cascatas nevadas. Nesta cama, está deitada a Ídola, a soberana dos sonhos. Mas como ela veio parar aqui? Quem a trouxe? Que poder mágico a instalou neste trono de volúpia e devaneios? Que importa? Ela está aqui! Eu a reconheço.

São mesmo seus olhos, cuja chama atravessa o crepúsculo; sutis e terríveis olhinhos, que reconheço por sua assustadora malícia! Atraem, subjagam, devoram o olhar do imprudente que os contempla. Com frequência estudei essas estrelas negras que clamam por curiosidade e admiração.

A que demônio benigno devo o estar assim rodeado de mistério, silêncio, paz e perfumes? Oh, beatitude! Isso que geralmente chamamos de vida nada tem em comum, mesmo em sua expansão mais venturosa, com esta vida suprema da qual tenho ciência agora, e que saboreio minuto a minuto, segundo a segundo!

Não! Já não existem minutos! Já não existem segundos! O tempo desapareceu; quem reina é a Eternidade, uma eternidade de delícias!

Mas uma batida terrível, pesada, ressoou na porta e, qual nos sonhos infernais, tive a impressão de levar uma enxadada no estômago.

E então, um Espectro entrou. Um bedel vindo me torturar em nome da lei, uma infame concubina vindo clamar miséria e somar as trivialidades de sua vida às dores da minha; ou então o estafeta de um diretor de jornal cobrando a sequência do manuscrito.

O quarto paradisíaco, a ídola, a soberana dos sonhos, a Sílfide, como dizia o grande René, esta magia toda desapareceu com a batida brutal do Espectro.

Horror! Estou lembrando! Sim! Estou! Este casebre, morada do eterno tédio, é realmente o meu. Eis os móveis tolos, poeirentos, truncados; a lareira sem chama e sem brasa, manchada de cuspe; as tristes janelas em que a chuva traçou sulcos na poeira; os manuscritos, rasurados ou incompletos; a folhinha em que o lápis marcou as datas sinistras!

E este aroma de outro mundo, com que eu me embriagava com sensibilidade aprimorada, ai! foi substituído por um fétido cheiro de fumo misturado a não sei que nauseabundo bolor. Respira-se agora aqui o ranço da desolação.

Neste mundo estreito, mas tão cheio de desencanto, um único objeto conhecido me sorri: a garrafinha de láudano, uma velha e terrível amiga e, ai! Como todas as amigas, fecunda em carícias e traições.

Oh! Sim! O Tempo reapareceu; o Tempo agora reina soberano; e com o hediondo velho, voltou todo o seu demoníaco cortejo de Lembranças, Desgostos, Espasmos, Medos, Angústias, Pesadelos, Raivas e Neuroses.

Garanto que os segundos agora são forte e solenemente acentuados, e cada um deles diz, brotando do relógio: “Eu sou a Vida, a insuportável, a implacável Vida!”

Há na vida humana um único Segundo cuja missão é anunciar uma *boa nova*, a boa nova que causa em todos nós um medo inexplicável.

Sim! O Tempo reina; ele retomou sua brutal ditadura. E me empurra, como se eu fosse um boi, com seu duplo aguilhão. - “Ora! Eia! Burrico! Ora, sue, escravo! Ora, viva, danado!”

## VI – CADA QUAL COM SUA QUIMERA

Sob um vasto céu cinzento, numa vasta planície poeirenta, sem caminhos, sem gramados, sem uma urtiga, sem um cardo, deparei com vários homens que andavam curvados.

Cada um deles carregava nas costas uma enorme Quimera, pesada como um saco de farinha ou carvão, ou como os apetrechos de um soldado da infantaria romana.

Mas a monstruosa besta não era um peso inerte; pelo contrário, envolvia e oprimia o homem com seus músculos elásticos e possantes; enganchava-se com as duas vastas garras no peito de sua montaria; sua cabeça fabulosa sobressaía acima da frente do homem, como um

daqueles capacetes horríveis com que os guerreiros antigos contavam acirrar o terror do inimigo.

Interroguei um desses homens, e perguntei-lhe aonde iam assim. Respondeu-me que de nada sabia, nem ele nem os outros, mas que evidentemente iam para algum lugar, já que eram impelidos por uma invencível necessidade de andar.

Coisa curiosa de se notar: nenhum dos viajantes parecia irritado com a besta feroz pendurada em seu pescoço e grudada em suas costas; até parecia considerá-la como parte de si mesmo. Todos aqueles rostos cansados e sérios não demonstravam nenhum desespero; sob a cúpula *spleenética* do céu, os pés mergulhados na poeira de um solo tão desolado quanto este céu, caminhavam com o semblante resignado de quem está condenado a ter sempre esperança.

E o cortejo passou ao meu lado e afundou na atmosfera do horizonte, no lugar em que a superfície arredondada do planeta se esquivava à curiosidade do olhar humano.

E durante alguns instantes, teimei em tentar compreender aquele mistério; mas em seguida a irresistível Indiferença se abateu sobre mim, e me deixou mais duramente oprimido do que eles próprios por suas esmagadoras Quimeras.

## VII – O LOUCO E A VÊNUS

Que dia admirável! O vasto parque se pasma sob o olho ardente do sol, como a juventude sob a dominação do Amor.

O êxtase universal das coisas não se expressa por ruído algum; as próprias águas estão como adormecidas. Bem diferente das festas humanas, esta é uma orgia silenciosa.

Dá a impressão que uma luz sempre crescente faz mais e mais resplandecerem os objetos; que as flores excitadas ardem no desejo de competir com o azul do céu pela energia de suas cores, e que o calor, tornando os aromas visíveis, os faz subir como fumaça rumo ao astro.

Em meio a este gozo universal, porém, avistei um ser aflito.

Aos pés de uma Vênus colossal, um desses loucos artificiais, desses bufões voluntários incumbidos do riso dos reis quando o Remorso ou o Tédio os obceca, vestindo um traje vistoso e ridículo, cabeça coberta de chifres e guizos, todo encolhido junto ao pedestal, ergue os olhos cheios de lágrimas para a Deusa imortal.

E seus olhos dizem: “Sou o último e o mais solitário dos humanos, privado de amor e de amizade, e nisto bem inferior ao mais imperfeito dos animais. No entanto, também eu fui criado para entender e sentir a imortal Beleza! Ah! Deusa! Tende piedade da minha tristeza e do meu delírio!

Mas a implacável Vênus olha ao longe, para não sei o quê, com seus olhos de mármore.

### **VIII – O CÃO E O FRASCO**

“Meu bom cão, meu belo cão, meu querido cachorrinho, aproxime-se e venha cheirar um perfume excelente, comprado na melhor perfumaria da cidade.”

E o cão, meneando a cauda, o que, acredito, é nestas pobres criaturas o sinal correspondente ao riso e ao sorriso, se aproxima e traz, curioso, seu úmido focinho ao frasco destampado; então, subitamente recuando de terror, late para mim em forma de censura.

“Ah! cão miserável, se eu lhe tivesse oferecido um pacote de excrementos, você o teria farejado com delícia, e talvez devorado. Assim, mesmo você, companheiro indigno de minha triste vida, se parece com o público, ao qual não se deve jamais apresentar delicados perfumes que o exasperam, mas lixo cuidadosamente escolhido.”

### **IX - O MAU VIDRACEIRO**

Existem naturezas puramente contemplativas e totalmente impróprias para a ação que, no entanto, movidas por algum misterioso e desconhecido impulso, agem às vezes com uma rapidez de que elas próprias se julgariam incapazes.

Como quem, temendo encontrar com o zelador uma notícia aflitiva, ronda por uma hora covardemente frente à porta de casa sem ousar entrar, como quem guarda durante quinze dias uma carta sem abri-la, ou só ao fim de seis meses se conforma em efetuar um empreendimento necessário desde um ano, elas se sentem às vezes bruscamente precipitadas para a ação por uma força irresistível, qual a flecha de um arco. O moralista e o médico, que afirmam saber de tudo, não podem explicar de onde vem tão de súbito uma tão louca energia nessas almas preguiçosas e voluptuosas, e como é que elas, incapazes de cumprir as coisas mais simples e mais necessárias, encontram em dado momento uma coragem de luxo para executar os atos mais absurdos e até, muitas vezes, os mais perigosos.

Um dos meus amigos, o mais inofensivo sonhador que já existiu, ateou fogo certa vez a uma floresta, para ver, dizia, se o fogo pegava tão facilmente como se costuma afirmar. Dez vezes consecutivas, a experiência falhou; na décima primeira, porém, foi por demais bem sucedida.

Outro poderá acender um charuto do lado de um barril de pólvora, *para ver, para saber, para tentar o destino*, para forçar a si mesmo a dar provas de energia, para dar uma de jogador, para experimentar os prazeres da ansiedade, por nada, por capricho, por desocupação.

É uma espécie de energia que jorra do tédio e do devaneio; e aqueles em quem se manifesta tão inopinadamente são em geral, como disse, os mais indolentes e sonhadores dos seres.

Outro, tímido a ponto de baixar os olhos mesmo diante do olhar dos homens, de precisar juntar toda a sua pobre vontade para entrar num bar ou passar em frente a uma bilheteria de teatro, onde os fiscais lhe parecem investidos da majestade de Minos, Éaco e Radamanto, irá se jogar bruscamente nos braços de um velho que estiver passando ao seu lado, e o beijará com entusiasmo ante a multidão espantada.

Por quê? Porque... porque esta fisionomia lhe era irresistivelmente simpática? Talvez; mas é mais legítimo supor que ele próprio não saiba o por quê.

Fui vítima, mais de uma vez, destas crises e impulsos que nos autorizam a crer que Demônios maliciosos se insinuam dentro de nós e nos fazem cumprir, à revelia, suas mais absurdas vontades.

Certa manhã, levantei-me aborrecido, triste, cansado de ociosidade e levado, assim me pareceu, a efetuar algo grande, uma ação de brilho; e infelizmente, abri a janela!

(Queiram, por favor, observar que o espírito de mistificação, que em certas pessoas não é fruto de um trabalho ou de uma combinação, e sim de uma inspiração fortuita, tem parte, muito, mesmo que apenas pelo ardor do desejo, neste humor, histérico segundo os médicos, satânico segundo os que pensam um pouco melhor que os médicos, que nos impele sem resistência a uma porção de ações perigosas ou inconvenientes.)

A primeira pessoa que avistei na rua foi um vidraceiro, cujo grito penetrante, dissonante, chegou-me através da pesada e suja atmosfera parisiense. Seria, aliás, impossível dizer por que fui tomado, em relação ao pobre homem, de um ódio tão repentino quanto despótico.

“Ei, ei” e eu lhe gritei que subisse. Entretanto eu refletia, não sem certa alegria, que, ficando o quarto no sexto andar e sendo a escada bastante estreita, o homem devia estar experimentando certa dificuldade em efetuar sua ascensão, e esbarrando em diversos lugares os ângulos de sua frágil mercadoria.

Ele enfim apareceu: examinei com curiosidade todas as suas vidraças e lhe disse: “Mas como? Você não tem vidros coloridos? Vidros cor-de-rosa, vermelhos, azuis, vidros mágicos, vidros de paraíso? Que atrevido é você! Ousa passear pelos bairros pobres e nem sequer tem

vidros que tornem a vida bela de se ver!” E o empurrei energicamente para a escada, na qual tropeçou, resmungando.

Aproxime-me da sacada, agarrei um vasinho de flores e, quando o homem reapareceu no vão da porta, deixei cair perpendicularmente meu engenho de guerra na borda traseira das suas forquilhas, Desabando com o choque, ele acabou de destroçar sob suas costas toda a sua pobre fortuna ambulativa, que produziu o ruído estrondoso de um palácio de cristal estilhaçado por um raio.

E embriagado por minha loucura, gritei-lhe furiosamente: “A vida bela de se ver! A vida bela de se ver!”

Essas brincadeiras nervosas não são isentas de perigo, e pode-se às vezes pagar caro por elas. Mas o que importa a eternidade da danação a quem encontrou num segundo o infinito da fruição?

## **X – À UMA HORA DA MANHÃ**

Enfim! Só! Já não se ouve mais que o movimento de alguns fiacres retardados e estafados. Durante algumas horas, possuiremos o silêncio, se não o repouso. Enfim! Desapareceu a tirania da face humana, e já não sofrerei senão por mim mesmo.

Enfim! É-me então permitido repousar num banho de trevas! Primeiro, duas voltas na fechadura. Parece-me que girar a chave aumentará minha solidão e fortificará as barricadas que me separam atualmente do mundo.

Vida horrível! Cidade horrível! Recapitulemos o dia: ter visto vários homens de letras, um deles me tendo perguntado se era possível ir à Rússia por via terrestre (vai ver, ele achava que a Rússia era uma ilha); ter prodigamente discutido com o diretor de uma revista, que a cada objeção respondia: - “Aqui é o partido das pessoas honestas, o que implica em todos os outros jornais serem redigidos por patifes; ter cumprimentado umas vinte pessoas, quinze das quais me são desconhecidas; ter distribuído apertos de mão na mesma proporção, e isto sem ter tomado a precaução de comprar luvas; ter entrado, para matar o tempo durante um aguaceiro, na casa de uma saltadora que me rogou lhe desenhasse um traje de Vênus; ter cortejado um diretor de teatro, que me disse, ao dispensar-me: - “Talvez fosse bom você dirigir-se a Z... ; é o mais pesado, o mais bobo e o mais famoso dos meus autores, com o qual você talvez pudesse chegar a alguma coisa. Vá vê-lo, e então veremos”; ter-me gabado (por que?) de diversas más ações que nunca cometi, e ter covardemente negado alguns outros malfeitos que cumpri com

alegria, delito de fanfarronada, crime de respeito humano; ter recusado a um amigo um fácil favor, e dado uma recomendação por escrito a um perfeito malandro. Ufa! Será que acabou?

Descontente com todos e descontente comigo, gostaria de me redimir e me orgulhar um pouco, no silêncio e na solidão da noite. Almas daqueles que amei, almas daqueles que cantei, fortaleçam-me, sustentem-me, afastem de mim a mentira e os vapores corruptores do mundo. E vós, Senhor, meu Deus! Concedei-me a graça de produzir alguns poucos versos belos, que provem a mim mesmo que não sou o último dos homens, que não sou inferior àqueles que desprezo!

## **XI A MULHER SELVAGEM E A PEQUENA-AMANTE**

“Você realmente, minha cara, me cansa sem medida e sem dó. Até diria, quem a ouvisse suspirar, que você sofre mais que as respigadeiras sexagenárias e as velhas mendigas que juntam cascas de pão na porta das tabernas.

“Se ao menos seus suspiros expressassem remorsos, algum jus lhe fariam; mas só traduzem a saciedade do bem-estar e o langor do repouso. Você, além disso, não cessa de derramar-se em palavras inúteis: “Me ame muito! Preciso tanto! Me console daqui! Me acaricie dali!” Pois olhe!, quero tentar curá-la; a maneira, talvez a encontremos por dois tostões, em meio a uma festa, e sem ir muito longe.

“Atentemos, lhe suplico, para esta sólida gaiola de ferro dentro da qual se agita, berrando feito um condenado, sacudindo as grades feito um orangotango exasperado pelo exílio, imitando com perfeição ora os saltos circulares do tigre, ora os rebotados estúpidos do uso branco, este monstro peludo cuja forma imita um tanto vagamente a sua.

“Este monstro é um desses animais que chamamos geralmente de “meu anjo”, ou seja, uma mulher. O outro monstro, o que grita desesperadamente com um bastão na mão, é um marido. Ele acorrentou sua mulher legítima como um bicho e a exhibe pelos subúrbios nos dias de feira, com a permissão dos magistrados, é escusado dizer.

“Preste bem atenção! Veja com que voracidade (talvez não simulada!) ela lacera os coelhos vivos e aves cacarejantes que lhe joga o seu cornaca. “Ora”, diz ele, “não deve comer sua fortuna toda num só dia” e, com estas sábias palavras, arranca-lhe cruelmente sua presa, cujas tripas desenroladas ficam por um instante penduradas nos dentes do animal feroz, quero dizer, da mulher.

“Ora, vamos! Uma pancada para acalmá-la! Pois ela está fitando seus terríveis olhos de cobiça no alimento tirado. Santo Deus! O bastão não é um bastão de brincadeira! Você ouviu

ressoar a carne, apesar do pelo postiço? Assim, os olhos agora estão lhe saindo das órbitas, ela está berrando “mais naturalmente”. Em sua raiva, está faiscando inteirinha, feito o ferro que se malha.

“Tais são os costumes conjugais desses dois descendentes de Eva e Adão, essas obras de vossas mãos, oh!, meu Deus! Essa mulher é incontestavelmente infeliz, se bem que talvez, afinal, os gozos melindrosos da glória não lhe sejam desconhecidos. Existem infelicidades mais irremediáveis e sem compensação. Mas no mundo em que ela foi jogada, nunca teve como acreditar que a mulher merecesse outro destino.

“Nós dois, agora, cara preciosa! Ao ver os infernos de que o mundo está povoado, o que vai querer que eu pense do seu bonito inferno, você que só descansa em tecidos suaves como sua pele, só come carne cozida para quem um hábil criado toma o cuidado de cortar os pedaços?”

“E que significado podem ter para mim todos os pequenos suspiros que enchem seu peito perfumado, robusta coquete? E todas essas afetações aprendidas nos livros, e esta incansável melancolia feita para inspirar no espectador um sentimento tão distinto da piedade? Na verdade, às vezes sinto ganas de ensinar-lhe o que é a real desventura.

“Ver você assim, minha bela delicada, com os pés no lodo e os olhos etereamente voltados para o céu como a pedir-lhe um rei, lembra genuinamente uma jovem rã a invocar o ideal. Embora despreze a travezinha (que é o que sou agora, você bem sabe), tome tento com o guindaste *que há de trincá-la, tragá-la e matá-la*<sup>8</sup>, a *bel-prazer*.

“Por mais poeta que eu seja, não sou tão crédulo quanto você gostaria de pensar, e se me cansar muito amiúde com seus *preciosos* choramingos, hei de tratá-la como *mulher selvagem*, ou jogá-la pela janela, como garrafa vazia.”

## XII AS MASSAS

Não é dado a qualquer um tomar banho de multidão. Desfrutar da massa é uma arte e só poderá fazer, às custas do gênero humano, uma orgia de vitalidade, aquele a quem uma fada terá insuflado no berço o gosto pelo disfarce e a máscara, o ódio do domicílio e a paixão pela viagem.

Multidão, solidão: termos iguais e permutáveis, para o poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão tampouco sabe estar só em meio a uma massa azafamada.

Goza o poeta desse incomparável privilégio de poder ser, a *bel-prazer*, ele próprio e outrem. Igual a essas almas errantes em busca de um corpo, ele entra, quando quer, na

personagem de qualquer um. Para ele apenas, tudo está vacante; e se alguns lugares lhe parecem estar fechados, é que a seus olhos não valem a pena ser visitados.

O andarilho solitário e pensativo tira uma embriaguez singular desta universal comunhão. Quem desposa facilmente a massa conhece gozos febris, dos quais serão eternamente privados o egoísta, trancado como um cofre, e o preguiçoso, internado como um molusco. Ele adota como suas todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que a circunstância lhe apresenta.

O que os homens denominam amor é bem pequeno, restrito e frágil, se comparado a esta inefável orgia, a esta santa prostituição da alma que se dá por inteiro, poesia e caridade, ao imprevisível que se mostra, ao desconhecido que passa.

É bom ensinar, às vezes, aos venturosos deste mundo, mesmo que só para humilhar por um instante seu orgulho tolo, que existem venturas superiores às suas, mais amplas e refinadas. Os fundadores de colônias, os pastores de povos, os padres missionários exilados no fim do mundo, decerto conhecem algo destas misteriosas embriaguezes; e, no seio da vasta família que seu gênio construiu para si, eles por vezes devem rir dos que se compadecem com sua sina tão agitada e sua vida tão casta.

### XIII AS VIÚVAS

Diz Vauvenargues que nos jardins públicos há alamedas frequentadas sobretudo pela ambição frustrada, pelos inventores frustrados, as glórias abortadas, os corações partidos, por todas essas almas tumultuosas e fechadas em que ainda trovejam os últimos suspiros de uma tormenta, e que recuam para longe do olhar insolente dos faceiros e ociosos. Esses retiros sombrios são os pontos de encontro do estropeados da vida.

É de preferência para esses lugares que o poeta e o filósofo gostam de dirigir suas ávidas conjeturas. Há neles um alimento certo. Pois se existe um lugar que eles desdenham visitar, como eu há pouco insinuava, é sobretudo a alegria dos ricos. Tal turbulência no vazio nada tem que os atraia. Pelo contrário, sentem-se irresistivelmente impelidos por tudo aquilo que é órfão, frágil, arruinado, entristecido.

Um olhar experimentado nunca se engana. Nos traços tensos ou abatidos, nos olhos fundos e apagados ou luzindo os derradeiros clarões da luta, nas rugas profundas e várias, nos andares tão lentos ou sôfregos, ele logo decifra as incontáveis lendas do amor traído, da afeição desagradecida, dos esforços não recompensados, da fome e do frio humilde, silenciosamente suportados.

Você alguma vez, nesses bancos solitários, avistou viúvas, viúvas pobres? Que estejam, ou não, usando luto, é fácil reconhecê-las. Sempre existe, aliás, no luto do pobre alguma coisa que falta, uma ausência de harmonia que o torna mais aflitivo. O pobre é obrigado a regatear sua dor. O rico ostenta a sua em grande escala.

Qual a viúva mais triste e mais entristecedora, a que traz pela mão um pimpolho com quem não pode partilhar seu devaneio, ou aquela que está totalmente só? Não sei... Aconteceu-me uma vez seguir por longas horas uma velha aflita dessa espécie; ela, tesa, tensa, sob um xale surradinho, trazia em todo o seu ser o orgulho dos estoicos.

Estava evidentemente condenada, por absoluta solidão, a hábitos de velho celibatário, e o caráter masculino de seus modos juntava à sua austeridade um misterioso sabor. Não sei em que bar miserável e de que jeito ela almoçou. Eu a segui até o gabinete de leitura, e me demorei a espiar enquanto ela buscava nas gazetas, com olhos ativos, outrora queimados pelas lágrimas, notícias de um interesse possante e pessoal.

À tarde, enfim, sob um encantador céu de outono, desses céus de que chovem multidões de saudades e recordações, sentou-se à parte num jardim para escutar, longe da multidão, um desses concertos cuja música de regimento gratifica o povo parisiense.

Esta era, decerto, a devassidão daquela velha inocente (ou daquela velha purificada), o consolo bem merecido de um desses pesados dias sem amigo, sem conversa, sem alegria, sem confidente, que Deus deitava sobre ela, desde vários anos talvez, trezentas e sessenta e cinco vezes ao ano.

Outra ainda:

Nunca consigo evitar dar uma olhada, se não universalmente simpática, pelo menos curiosa, na multidão de párias que se amontoam junto ao cercado de um concerto público. A orquestra joga noite adentro cantos de festa, triunfo ou volúpia. Os vestidos arrastam pelo chão, reverberando; os olhares se cruzam; os ociosos, cansados de nada terem feito, bamboeiam fingindo degustar indolentemente a música. Aqui, nada que não seja rico, feliz; nada que não respire e inspire a despreocupação e o prazer de deixar-se viver; nada exceto o aspecto daquela turba encostada lá adiante, na cerca externa, recolhendo de graça, ao sabor do vento, um retalho de música, e fitando a resplandecente fornalha interna.

Sempre é interessante este reflexo da alegria do rico no fundo dos olhos do pobre. Naquele dia, porém, em meio ao povo vestido de aventais e de chita, avistei uma criatura cuja nobreza causava vistoso contraste com toda a trivialidade em redor.

Era uma mulher alta, majestosa, e tão nobre em todo o seu porte que não lembro ter visto alguma que a igualasse no elenco das aristocráticas beldades do passado. Um perfume de

altiva virtude emanava de toda a sua pessoa. Seu rosto, triste e emagrecido, estava em plena concordância com o luto cerrado que a revestia. Também ela, como a plebe à qual se misturava e que não via, fitava o mundo luminoso com um olhar profundo e escutava meneando suavemente a cabeça.

Visão singular! “Seguramente”, pensei, “essa pobreza, se pobreza houver, não deve tolerar a economia sórdida; um rosto tão nobre o garante. Por que será que fica voluntariamente num ambiente em que destoa tão visivelmente?”

Mas passando, curioso, perto dela, julguei adivinhar o motivo. A alta viúva segurava pela mão uma criança, vestida de preto como ela; por módico que fosse o preço da entrada, este preço talvez bastasse para pagar uma necessidade da criaturinha, ou melhor ainda, uma superfluidade, um brinquedo.

E ela terá voltado a pé para casa, meditando e sonhando, só, sempre só; pois a criança é turbulenta, egoísta, sem doçura e sem paciência, e nem sequer pode, como o puro animal, como o cão e o gato, servir de confidente aos sofrimentos solitários.

#### **XIV O VELHO SALTIMBANCO**

Por toda parte se espalhava se espraiaava, se recreava o povo em férias. Era uma dessas solenidades com que contam, por um bom tempo, os saltimbancos, fazedores de truques, mostradores de animais e vendedores ambulantes, para compensar as más temporadas do ano.

Nesses dias, tenho impressão que o povo esquece tudo, a dor e o trabalho; torna-se igual às crianças. Para os pequenos é um dia feriado, é o horror da escola remetido a vinte e quatro horas. Para a gente grande é um armistício concluído com as forças malignas da vida, uma trégua na contenda e na luta universais.

O próprio homem mundano, e o homem ocupado com trabalhos espirituais, dificilmente escapam da influência deste jubileu popular. Absorvem, sem querer, a parte que lhes cabe desta atmosfera de despreocupação. Quanto a mim, como legítimo parisiense, nunca deixo de passar em revista todas as barracas que se exibem nessas épocas solenes.

Elas tratavam, na verdade, um concorrência formidável: piavam, bramiam, uivavam. Era uma mescla de gritos, detonações de cobre e explosões de foguetes. Palhaços e farsistas<sup>11</sup> convulsavam as feições de seus rostos queimados, enrugados pelo vento, pela chuva e pelo sol; lançavam, com o aprumo dos comediantes seguros do efeito que causam, gracejos e brincadeiras de uma comicidade forte e pesada, como a de Molière. Os Hércules, orgulhosos da enormidade de seus membros, sem testa e sem crânio como orangotangos, se espreguiçavam

majestosamente dentro de malhas lavadas na véspera para a circunstância. As dançarinas, lindas como fadas ou princesas, saltavam e cabriolavam à chama das lanternas que enchia suas saias de faíscas.

Tudo era apenas luz, poeira, gritos, alegria, tumulto; uns gastavam, outros ganhavam, uns e outros igualmente alegres. As crianças penduravam-se na saia das mães para pedir algum pirulito, ou subiam nos ombros dos pais para melhor enxergar um ilusionista deslumbrante feito um deus. E por toda parte circulava, dominando todos os aromas, um cheiro de fritura que era como o incenso desta festa.

Na ponta, bem na ponta da fileira de barracas, como se, envergonhado, tivesse exilado a si próprio daqueles esplendores todos, avistei um pobre saltimbanco, encurvado, caduco, decrépito, uma ruína humana, encostado num dos mourões de sua palhoça, palhoça mais miserável que a do mais embrutecido selvagem, da qual dois tocos de vela, escorrendo e fumegando, ainda iluminavam bem demais o desespero.

Por toda parte a alegria, o ganho, a devassidão; por toda parte a certeza do pão dos amanhãs; por toda parte a explosão frenética da vitalidade. Aqui, a miséria absoluta, a miséria revestida, para cúmulo do horror, de andrajos cômicos, nos quais a necessidade, bem mais do que a arte, introduzira o contraste. Ele não ria, o miserável! Não chorava, não dançava, não gesticulava, não gritava; não cantava canção nenhuma, alegre ou lamentável, não implorava. Estava parado e mudo. Ele renunciara, abdicara. Seu destino estava dado.

Mas que olhar profundo, inesquecível, ele espriava na multidão e nas luzes, cuja vaga movediça detinha-se a poucos passos de sua repulsiva miséria! Senti minha garganta apertar-se na mão terrível da histeria, e pareceu que meus olhares se ofuscavam com essas lágrimas rebeldes que não querem cair.

Que fazer? De que serviria perguntar ao infeliz qual a curiosidade, a maravilha que ele tinha para mostrar naquelas trevas malcheirosas, detrás de sua cortina lacerada? Na verdade, eu não ousava; e, tivesse de os fazer rir a razão de minha timidez, confesso que temia humilhá-lo. Afinal, estava decidindo deixar, ao passar, algum dinheiro sobre uma das tábuas, esperando que ele percebesse minha intenção, quando um grande refluxo de povo, causado por não sei que confusão, arrastou-me para longe dali.

E, indo embora, obcecado por aquela visão, tentei analisar minha dor repentina e pensei comigo mesmo: acabo de ver a imagem do velho homem de letras que sobreviveu à sua geração, de que foi o brilhante animador; do velho poeta sem amigos, sem família, sem filhos, degradado por sua miséria e pela ingratidão do público, e em cuja barraca o mundo esquecido não quer mais entrar.

## XV O BOLO

Eu viajava. A paisagem na qual eu me encontrava era de uma grandeza e uma nobreza irresistíveis. Algo delas decerto passou naquele momento para minha alma. Meus pensamentos esvoaçavam com uma leveza igual à da atmosfera; as paixões vulgares, como o ódio e o amor profano, me pareciam agora tão distantes como as névoas que resvalavam no fundo do abismo aos meus pés; minha alma me parecia tão vasta e tão pura como a cúpula do céu que me envolvia; e a lembrança das coisas terrestres só me chegava ao coração enfraquecida e diminuída, como o som da sineta dos gados imperceptíveis que passavam longe, bem longe, na vertente de outra montanha. Sobre o pequeno lago imóvel, negro em sua imensa profundez, passava às vezes a sombra de uma nuvem, qual reflexo do manto de um gigante aéreo a voar pelo céu. E lembro que esta sensação solene e rara, causada por um vasto movimento perfeitamente silente, me enchia de uma alegria entremeada de medo. Em suma, eu me sentia, graças à entusiasmante beleza de que estava cercado, em perfeita paz comigo e com o universo; acho até que, em minha perfeita beatitude e em meu total esquecimento de todo o mal terrestre, chegara a não mais julgar tão ridículos os jornais que afirmam que o homem nasceu bom – quando, a matéria incurável renovando suas exigências, pensei em reparar o cansaço e aliviar o apetite causados por tão longa ascensão. Puxei do bolso um pedaço grande de pão, uma xícara de couro e um frasco de um certo elixir que os farmacêuticos vendiam naquele tempo aos turistas para ser oportunamente misturado com água de neve.

Eu cortava tranquilamente meu pão, quando um levíssimo ruído me fez erguer os olhos. Em pé na minha frente estava um serzinho andrajoso, negro, desgrenhado, cujos olhos cavos, ferozes e como que suplicantes, devoravam o pedaço de pão. E eu o ouvi suspirar, com uma voz baixa e rouca, a palavra: *bolo!* Não pude deixar de rir ao escutar a apelação com que ele tinha a bondade de honrar meu pão quase branco, e cortei para ele uma boa fatia que lhe ofereci. Devagar, ele se acercou, sem tirar os olhos do objeto da sua cobiça; então, agarrando o pedaço, recuou depressa, como temendo que minha oferta não fosse sincera ou que eu já me estivesse arrependendo.

Mas, naquele instante, foi derrubado por outro selvagenzinho, surgido de não sei onde, e tão absolutamente parecido com o primeiro que poderia ser tomado por seu irmão gêmeo. Juntos rolaram pelo chão, disputando a preciosa presa, nenhum deles querendo, decerto, renunciar à metade pelo irmão. O primeiro, exasperado, empunhou o segundo pelos cabelos; este lhe agarrou a orelha com os dentes, cuspidando um pedacinho sangrento junto com uma fantástica praga em gíria. O legítimo proprietário do bolo tentou enfiar suas garrinhas nos olhos

do usurpador; este, por sua vez, empregou toda a sua força para estrangular seu adversário com uma das mãos, enquanto com a outra tentava enfiar no bolso o prêmio do combate. Mas, reatizado pelo desespero, o vencido se reergueu e fez rolar por terra o vencedor com uma cabeçada no estômago. De que serviria descrever uma luta hedionda que, em verdade, durou mais tempo do que pareciam prometer suas forças infantis? O bolo viajava de mão em mão e mudava de bolso a todo instante; mas, ai!, mudava também de volume; e quando afinal, extenuados, ofegantes, ensaguentados, pararam por impossibilidade de continuar, já não havia, a bem dizer, nenhum motivo para batalha: o pedaço de pão sumira, e estava disperso em farelos semelhantes aos grãos de areia a que se misturava.

Aquela cena me tinha enevado a paisagem, e a alegria calma em que se recreava minha alma antes de ver os homenzinhos desaparecera totalmente. Fiquei um bom tempo triste, me repetindo sem cessar: “Com que então existe uma terra fantástica, onde o pão se chama *bolo*, iguaria tão rara que é o bastante para gerar uma guerra perfeitamente fraticida!”

## XVI O RELÓGIO

Os chineses veem as horas no olho dos gatos.

Um missionário, passeando um dia pela periferia de Nanquim, percebeu que tinha esquecido o relógio, e perguntou a um menino que horas eram.

O garoto do celeste Império primeiro hesitou; depois, reconsiderando, respondeu: “Já vou lhe dizer”. Passados alguns instantes, voltou trazendo no colo um gato bem grande, e, olhando para ele, para dentro dos seus olhos, como se diz, afirmou sem hesitar: “Ainda não é bem meio-dia” – o que era verdade.

Quanto a mim, se me debruço sobre a bela Felina, a tão bem denominada, que é a um só tempo a honra do seu sexo, o orgulho do meu coração e o perfume do meu espírito, quer de noite, quer de dia, em plena luz ou na sombra opaca, no fundo de seus olhos adoráveis sempre vejo distintamente a hora, sempre a mesma, uma hora vasta, solene, do tamanho do espaço, sem divisões em minutos ou segundos – uma hora imóvel não marcada nos relógios, porém leve como um suspiro, veloz como uma espiada.

E se algum importuno me viesse perturbar, estando o meu olhar repousando neste gracioso mostrador, se algum Gênio desonesto e intolerante, algum Demônio do contra-tempo me viesse dizer: “O que está mirando com tanto cuidado? O que está buscando nos olhos deste ser? Você neles vê as horas, mortal pródigo e vadio? eu responderia sem hesitar:

“Sim, vejo as horas; são a Eternidade”.

Não será este madrigal, madame, realmente meritório, e tão enfático quanto a senhora? Em verdade, tal foi meu prazer em tecer este pretensioso galanteio, que nada em troca hei de pedir-lhe.

## **XVII UM HEMISFÉRIO NUMA CABELEIRA**

Me deixe respirar, por longo, longo tempo, o cheiro dos seus cabelos, mergulhar neles meu rosto inteiro como um homem sedento na água de uma fonte, e agitá-los com a mão como a um lenço cheiroso, para sacudir lembranças no ar.

Se você soubesse tudo o que vejo! Tudo o que sinto! Tudo o que escuto em seus cabelos! Minha alma viaja pelo perfume como a de outros homens viaja pela música.

Seus cabelos contêm todo um sonho, repleto de velas e mastros; contêm vastos mares cujas monções me conduzem a encantadoras regiões, onde o espaço é mais azul e mais profundo, onde a atmosfera é perfumada pelas frutas, pelas folhas e pela pele humana.

No oceano de sua cabeleira, entrevejo um porto fervilhando de cantos melancólicos, homens vigorosos de todas as nações, e navios de todas as formas recortando suas finas e complicadas estruturas num céu imenso, onde se estira o calor eterno.

Nas carícias da sua cabeleira, revivo os langores de longas horas passadas num sofá, no quarto de um belo navio, embaladas pela imperceptível arfagem do porto, entre vasos de flores e moringas refrescantes.

Na ardente lareira da sua cabeleira, respiro o cheiro do fumo mesclado de ópio e açúcar; na noite da sua cabeleira, vejo refulgir o infinito do azul tropical; nas margens de penugem da sua cabeleira, me embriago com os cheiros combinados de alcatrão, almíscar e óleo de coco.

Me deixe morder, por longo tempo, suas tranças pesadas e negras. Quando mordisco seus cabelos maleáveis e rebeldes, me sinto comendo lembranças.

## **XVIII CONVITE À VIAGEM**

Existe uma terra esplêndida, uma terra de promessa, é o que dizem, que eu sonho em visitar com uma velha amiga. Terra singular, imersa nas brumas do nosso norte, e que poderíamos chamar de Oriente do Ocidente, de China da Europa, tanto ali se deu asas a quente e caprichosa fantasia, tanto a ilustrou, paciente e teimosamente, com suas vegetações delicadas e sábias.

Verdadeira terra de promessa, onde tudo é belo, rico, tranquilo, honesto; onde o luxo sente prazer em mirar-se na ordem; onde a vida é grassa e doce de respirar; onde a desordem, a turbulência e o imprevisto estão excluídos; onde a felicidade está casada com o silêncio; onde a própria comida é poética, a um só tempo gordurosa e excitante; onde tudo se parece com você, meu caro anjo.

Você conhece essa doença febril que toma conta de nós nas frias misérias, essa nostalgia da terra que ignoramos, essa angústia da curiosidade? Existe um lugar que se parece com você, onde tudo é belo, rico, honesto e tranquilo, onde a fantasia construiu e decorou uma China ocidental, onde a vida é doce de se respirar, onde a felicidade está casada com o silêncio. É lá que é preciso ir viver, é lá que é preciso ir morrer!

Sim, é lá que é preciso ir respirar, sonhar e alongar as horas pelo infinito das sensações. Um músico escreveu *O convite à valsa*, quem é que irá compor *O convite à viagem*, que se possa ofertar à mulher amada, à irmã dileta?

Sim, é nesta atmosfera que seria bom viver – lá, onde as horas mais lentas contêm mais pensamentos, onde os relógios batem a felicidade com solenidade mais profunda e expressiva.

Em painéis cintilantes, ou em couros dourados e de sombria riqueza, vivem discretamente pinturas beatas, profundas e calmas como as almas dos artistas que as criaram. Os sóis poentes, que tão ricamente colorem a sala de jantar ou de visitas, são filtrados por lindos tecidos ou por essas altas janelas lavradas que o chumbo comparte em diversas divisões. Os móveis são amplos, curiosos, estranhos, dotados de fechaduras e segredos como almas refinadas. Os espelhos, os metais, os tecidos, a ourivesaria e a faiança executam para os olhos uma silente e misteriosa sinfonia; e de todas as coisas, de todos os recantos, das fissuras das gavetas e das pregas dos tecidos, desprende-se um aroma singular, *reminiscência* de Sumatra, que é como a alma do apartamento.

Verdadeira terra de promessa, estou dizendo, onde tudo é rico, limpo e luzente, como uma bela consciência, como suntuosa bateria de cozinha, como esplêndida ourivesaria, como joia colorida! Ali os tesouros do mundo afluem, como na casa do homem laborioso que bem mereceu do mundo inteiro. País singular, superior aos demais, como é a Arte superior à Natureza, quando esta é reformada pelo sonho, é corrigida, embelezada, refundida.

Que busquem, continuem buscando, que estendam sem cessar os limites de sua felicidade, estes alquimistas da horticultura! Que proponham prêmios de setenta e cem mil florins a quem resolver seus ambiciosos problemas! Quanto a mim, encontrei minha *tulipa negra* e minha *dália azul*!

Flor incomparável, tulipa reencontrada, alegórica dália, não é lá, nesta terra linda, tão calma e sonhadora, que seria preciso ir viver e florescer? Você não se enquadraria com a sua analogia, e não se poderia mirar, para falar como falam os místicos, sem sua própria *correspondência*?

Sonhos! Sempre sonhos! E quanto mais ambiciosa e delicada é a alma, mais os sonhos a afastam do possível. Todo homem traz em si sua dose de ópio natural, incessantemente secretada e renovada e, do nascimento à morte, quantas horas contamos preenchidas de gozo positivo, de ação bem-sucedida e decidida? Será que ainda iremos viver, passar algum dia para este quadro que meu espírito pintou, este quadro que se assemelha você?

Estes tesouros, móveis, este luxo, esta ordem, os aromas, as flores milagrosas, são você. Também são você esses grandes rios e canais tranquilos. Esses enormes navios que eles levam, todos repletos de riquezas e de onde se elevam os monótonos cantos da manobra, são meus pensamentos que dormem ou rolam sobre o seu seio. Você os conduz suavemente para o mar, que é o Infinito, refletindo as profundezas do céu na limpidez de sua alma linda – e quando, cansados do marulho e cevados dos produtos do Oriente, eles voltam ao porto natal, são também meus pensamentos enriquecidos voltando do Infinito a você.

## **XIX O BRINQUEDO DO POBRE**

Quero dar a ideia de um divertimento inocente. Há tão poucas diversões que não sejam culposas! Quando sair pela manhã com a resoluta intenção de vagar pelas estradas, encha seus bolsos de miúdos inventos de um tostão – tais como o simples polichinelo puxado por um só fio, os ferreiros que batem a bigorna, o cavaleiro com seu cavalo, cuja cauda é um apito – e pelas tabernas, embaixo das árvores, faça uma oferenda às crianças desconhecidas e pobres que encontrar. Via ver como arregalam extraordinariamente os olhos. Primeiro, não vão se atrever a tocá-lo; vão duvidar da própria sorte. Depois, vão agarrar avidamente o presente e fugir, como fazem os gatos que vão comer longe de você o bocado que você lhes deu, tendo aprendido a desconfiar do homem.

Numa estrada, atrás do portão gradeado de um vasto jardim, ao fundo do qual aparecia a brancura de um belo castelo fustigado pelo sol, estava uma criança bonita e viçosa, trajando essas roupas campestres de tanta faceirice.

O luxo, a despreocupação e a visão habitual da riqueza tornam essas crianças tão bonitas que parecem ter sido moldadas numa massa distinta da dos filhos da mediocridade ou da pobreza.

A seu lado, jazia na relva um brinquedo maravilhoso, tão viçoso quanto o dono, envernizado, dourado, vestindo uma roupa púrpura e coberto de plumas e miçangas. Mas a criança não dava atenção ao seu brinquedo preferido, e eis o que ela olhava:

Do outro lado da cerca, na estrada, entre os cardos e as urtigas, estava outra criança, suja, raquítica, fuliginosa, um desses moleques-párias de que um olhar imparcial descobriria a beleza se, assim como o olhar do entendido intui uma pintura ideal sob um verniz de segeiro, removesse a pátina repulsiva da miséria.

Através dessas grades simbólicas que apartam dois mundos, a estrada e o castelo, a criança pobre mostrava à criança rica o seu próprio brinquedo, que esta examinava avidamente como a um objeto raro e ignorado. Ora, o tal brinquedo, que o moleque sujinho aticava, agitava e chacoalhava numa caixa gradeada, era um rato vivo! Os pais, por economia decerto, tinham tirado o brinquedo da própria vida.

E as duas crianças riam fraternalmente uma para a outra, com dentes de *igual* brancura.

## XX OS DONS DAS FADAS

Era uma grande assembleia das fadas, para proceder à partilha dos dons entre todos os recém-nascidos, vindos à vida desde vinte e quatro horas.

Aquelas antigas e caprichosas Irmãs do Destino, estranhas Mães da alegria e da dor, eram todas bastante distintas: umas tinham um ar sombrio e carrancudo; outras, um ar faceiro e esperto; umas, jovens que sempre tinham sido jovens; outras, velhas que sempre tinham sido velhas.

Todos os pais que têm fé nas Fadas tinham vindo, trazendo cada qual seu recém-nascido nos braços.

Os Dons, as Faculdades, os bons Acasos, as Circunstâncias invencíveis, estavam acumulados ao lado do tribunal, como os prêmios sobre o estrado numa festa de fim de ano letivo. O que havia ali de singular é que os Dons não eram a recompensa por algum esforço mas, muito pelo contrário, uma graça concedida àquele que ainda não vivera, uma graça que podia determinar seu destino e tanto se tornar fonte de sua infelicidade como de sua felicidade.

As pobres Fadas estavam muito atarefadas, pois a massa dos solicitantes era grande e o mundo intermediário, situado entre o homem e Deus, está sujeito, como nós, à terrível lei do Tempo e sua infinita posteridade, os Dias, as Horas, os Minutos, os Segundos.

Na verdade, estavam tão atordoadas como ministros em dia de audiência ou funcionários do *Mont-de-Piété* quando uma festa nacional autoriza os desempenhos gratuitos. Acho até que,

vez ou outra, olhavam para o ponteiro do relógio com a mesma impaciência com que juízes humanos, em audiência desde cedo, não podem evitar de sonhar com o jantar, a família e seus caros chinelos. Se existe, na justiça sobrenatural, um pouco de precipitação e de acaso, não estranhemos que o mesmo se dê às vezes na justiça humana. Ou nós mesmos é que estaremos sendo juízes injustos.

De modo que foram cometidos neste dia uns disparates que poderíamos considerar como estranhos, se a prudência, mais que o capricho, fosse o caráter distintivo, eterno, das Fadas.

Assim é que o poder de atrair magneticamente a riqueza foi adjudicado ao herdeiro único de uma família muito rica, o qual, não tendo sido dotado de nenhum senso de caridade, nem tampouco de cobiça pelos bens mais visíveis da vida, haveria de se ver mais tarde tremendamente embaraçado com seus milhões.

Assim é que foram dados o amor da Beleza e o Poder poético ao filho de um obscuro indigente, canteiro de profissão, que não podia, de forma alguma, estimular as faculdades nem suprir as necessidades de sua deplorável descendência.

Esqueci de dizer que a distribuição, nestes casos solenes, é sem apelação, e nenhum dom pode ser recusado.

Todas as fadas iam se levantando, pensando estar cumprida a tarefa – pois não restava nenhum presente, nenhuma dádiva a jogar àquela escória humana –, quando um bom homem, acho que um pobre comerciantezinho, levantou-se e, segurando o vestido de vapores multicores da Fada que estava mais a seu alcance, exclamou:

“Ei, Senhora! Estão querendo de nós! Ainda falta o meu menino! Não quero ter vindo para nada...”

A Fada bem que podia ficar embaraçada; pois não restava mais *nada*. No entanto, lembrou a tempo de uma lei bem conhecida, se bem que raramente aplicada, do mundo sobrenatural, habitado por estas deidades impalpáveis, amigas do homem e muitas vezes forçadas a se adaptarem a suas paixões, tais como as Fadas, Gnomos, Salamandras, Sífides, Silfos, Nixas, Ondinos, quero dizer, a lei que concede às Fadas em caso semelhante, ou seja, de esgotamento dos prêmios, a faculdade de ainda dar mais um, suplementar e excepcional, desde que todavia ela tenha imaginação suficiente para criá-lo de imediato.

De modo que a boa Fada respondeu, com um aprumo digno de sua classe: “Dou a teu filho... eu lhe dou... o *Dom de agradar!*”

“Mas agradar como? Agradar...? Agradar por quê? perguntou insistentemente o pequeno lojista, que era decerto um desses raciocinadores tão comuns, incapazes de se alçar à lógica do Absurdo.”

“Porque sim! Porque sim!”, replicou a Fada, irritada, dando-lhe as costas; e, juntando-se ao cortejo de suas companheiras, dizia-lhes: !”O que acham deste francezinho vaidoso que quer entender tudo e, tendo obtido para o filho o melhor de todos os prêmios, ainda se atreve a questionar e discutir o Indiscutível?”

**ANEXO B – CHARLES BAUDELAIRE - O SPLEEN DE PARIS - PEQUENOS  
POEMAS EM PROSA – LEDA TENÓRIO DA MOTTA**

## 1

*O ESTRANGEIRO*

- **DIGA**, homem enigmático, de quem gosta mais? De seu pai, de sua mãe, de sua irmã, de seu irmão?

- Não tenho pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.
- Amigos?
- Você usa de palavra cujo sentido até aqui desconheço.
- Pátria?
- Ignoro a que latitude se situa.
- Beleza?
- Deusa e imortal, de bom grado a amaria!
- O ouro?
- Odeio-o como você odeia a Deus.
- Mas de que gosta então, estrangeiro extraordinário?
- Das nuvens...as nuvens que passam...lá longe...lá longe...as maravilhosas nuvens!

## 2

*O DESESPERO DA VELHA*

A velhinha encarquilhada ficou toda contente vendo a linda criança a que todos faziam festa, que todo mundo queria agradar; o pequeno ser, tão frágil como ela, a velhinha, como ela sem dentes e sem cabelos.

E chegou perto, com risinhos e caras.

Mas a criança assustada debatia-se sob as carícias da mulher decrépita, enchendo a casa com seus guinchos.

Então a boa velha recolheu-se em sua solidão eterna, e chorava num canto, e pensava: “Ah, para nós velhas fêmeas infelizes, passou a idade de agradar, até mesmo os inocentes; e horrorizamos as criancinhas que queremos amar!”

## 3

*O CONFITEOR DO ARTISTA*

COMO são penetrantes os fins de tarde de outono! Ah, penetrantes até a dor! Pois há sensações deliciosas que mesmo vagas não excluem a intensidade; e não há ponta mais atilada que a do Infinito.

Que grande delícia afogar o olhar na imensidão do céu e do mar! Solidão, silêncio, incomparável castidade do azul! um pequeno veleiro tremulante no horizonte, que imita em sua pequenez e isolamento minha existência irremediável, melodia monótona das vagas, todas essas coisas pensam por mim, ou penso eu por elas (pois na grandeza do devaneio o “eu” logo se perde!); pensam, dizia, mas musicalmente e pitorescamente, sem argúcias, sem silogismos, sem deduções.

Entretanto, esses pensamentos, que venham de mim ou se elevem das coisas, tornam-se logo demasiado intensos. A energia na volúpia cria um mal-estar e um positivo sofrimento. Meus nervos, por demais tensos, só fazem produzir dolorosas e gritantes vibrações.

E agora consterna-me a profundidade do céu, exaspera-me sua limpidez. Revoltam-me a insensibilidade do mar, a imutabilidade do espetáculo... Ah! será preciso sofrer eternamente, ou eternamente fugir do belo? Natureza encantadora e impiedosa, rival sempre vitoriosa, deixa-me! Pára de tentar meus desejos e meu orgulho! O estudo do belo é um duelo em que o artista grita de pavor antes de se ver vencido.

## 4

*O ENGRAÇADINHO*

ERA a explosão do ano novo: caos de lama e neve, atravessado de mil carruagens, resplandecente de brinquedinhos e balas, abarrotado de cupidez e desespero, delírio oficial de uma grande cidade, feito para perturbar o cérebro do mais forte solitário.

No meio da confusão e do alarido, um asno trotava vivaz, tangido por um brutamontes armado de chicote.

Como fosse o asno virar a esquina de uma calçada, um belo cavalheiro enluvado, envernizado, cruelmente engravatado e aprisionado em roupas novas, cerimoniosamente inclina-se diante do humilde animal e, tirando o chapéu, lhe diz: “Desejo-lhe um ano bom e feliz!”, depois volta-se enfatuado para não sei que companheiros, como a pedir-lhes aval para o seu contentamento.

O asno não viu esse engraçadinho e continuou zeloso no encalço do dever.

Quanto a mim, fui subitamente tomado de incomensurável gana contra esse magnífico imbecil, que me pareceu concentrar em sua pessoa todo o espírito da França.

## 5

*O QUARTO DE CASAL*

UM quarto que se assemelha a um sonho, um quarto verdadeiramente “espiritual”, em que a atmosfera estagnada tinge-se levemente de rosa e azul.

A alma toma ali dentro um banho de preguiça, aromatizado de pena e de desejo. É algo de crepuscular, de azulado e róseo; um sonho de volúpia durante um eclipse.

Os móveis têm formas alongadas, prostradas, enlanguescidas. Os móveis parecem sonhar; parecem dotados de vida sonambúlica, como o vegetal e o mineral. Os tecidos falam línguas mudas, como as flores, como os céus, como os sóis poentes.

Nas paredes, nenhuma abominação artística. Relacionada ao sonho puro, à impressão não analisada, a arte definida, a arte positiva é uma blasfêmia. Tudo aqui tem a suficiente clareza e a deliciosa obscuridade da harmonia.

Um odor infinitesimal da mais rara qualidade, a que se mistura uma levíssima umidade, nada nessa atmosfera em que sensações de estufa quente embalam o espírito sonolento.

Chove musselina diante das janelas e da cama; espalha-se em cascatas de neve. Sobre a cama está deitado o Ídolo, o soberano dos sonhos. Mas como estar aqui? Quem o trouxe? que mágico poder o terá instalado neste trono de devaneios e volúpia? Que importa? Aí está ele – o reconheço.

Sim, ai estão aqueles olhos cuja flama atravessa o crepúsculo, aqueles sutis e terríveis *mirantes* que pela malícia reconheço! Eles atraem, subjagam, devoram o olhar do imprudente que os contempla. Tenho estudado muito essas estrelas negras que comandam a curiosidade e a admiração.

A que benevolente demônio devo a circunstância de achar-me assim rodeado de mistério, de silêncio, de paz e de perfumes? Ó beatitude! O que geralmente chamamos vida, mesmo em sua melhor expansão, nada tem a ver com essa suprema vida que agora conheço e saboreio, minuto por minuto, segundo por segundo!

Não! Não há minutos, não há segundos! O tempo desapareceu; é a Eternidade que reina, uma eternidade de delícias!

Mas soa um golpe terrível, pesado, na porta e, como nos sonhos infernais, parece-me que recebo uma pá no estômago.

E logo entra um Espectro. É um meirinho que vem me atormentar em nome da lei; uma infame concubina que vem chorar miséria e somar as trivialidades de sua vida às dores da minha; ou então o salta-pocinhas do diretor de um jornal que reclama a continuação de um manuscrito.

O quarto paradisíaco, o ídolo, o soberano dos sonhos, a *Sílfide*, como dizia o grande René, toda essa magia desaparece com o golpe brutal do espectro.

Horror! estou me lembrando! estou me lembrando! Sim, esta pocilga, este pardieiro, esta morada do tédio eterno é bem a minha. Aí estão os móveis tolos, empoados, embeijados; a chaminé sem flama e sem brasa, suja de escarros; as tristes janelas em que a chuva marcou rastros na poeira; os manuscritos, rasurados ou incompletos; o almanaque em que o lápis marcou datas sinistras!

E aquele perfume do outro mundo que me inebriava com aperfeiçoada sensibilidade foi trocado – lástima! – por um cheiro fétido de tabaco, acrescido de não sei que nauseabundo mofo.

Respira-se agora aqui o ranço da desolação.

Neste mundo estreito mas repleto de desgosto, só um objeto me sorri: a garrafinha de láudano; velha e terrível amiga, pródiga como todas as amigas em carícias e traições.

Sim, sim! o Tempo reapareceu; o Tempo agora reina soberano; e vem com o hediondo velho seu demoníaco cortejo de Lembranças, Penas, Espasmos, Paúras, Angústias, Pesadelos, Cóleras, Neuroses.

Posso garantir que os segundos são agora forte e solenemente acentuados e cada um, jorrando do relógio, diz: “Eu sou a Vida, a insuportável, a implacável Vida!”

Só um segundo na vida humana tem a missão de anunciar uma boa nova, a *boa nova* que causa em todos nós um medo inexplicável.

Sim! o Tempo reina; retomou sua ditadura brutal. E me empurra, como um boi, com seu duplo agulhão. – “Upa!, burro! Sua, escravo! Vive, amaldiçoado!”

## 6

*CADA UM COM SUA QUIMERA*

**SOB** um vasto céu acinzentado, numa vasta planície empoeirada, sem caminhos, sem grama, sem cardo nenhum, sem uma urtiga, encontrei homens que caminhavam curvados.

Cada um trazia nas costas uma enorme Quimera, tão pesada como um saco de farinha ou de carvão, ou a mochila de um infante romano.

Mas o monstruoso animal não era um peso inerte; ao contrário, envolvia e oprimia o homem com seus músculos elásticos e potentes; enganchava-se com suas duas garras enormes no peito da montaria; a cabeça fabulosa ultrapassava a frente do homem, como um desses capacetes horríveis com que os antigos guerreiros contavam aterrar o inimigo.

Interroguei um desses homens e lhe perguntei onde iam assim. Respondeu-me que ninguém sabia de nada, nem ele nem os outros; mas que evidentemente a alguma parte iam, já que eram empurrados por uma invencível vontade de marchar.

Coisa curiosa: nenhum dos viajantes revelava irritação contra a besta feroz montada em seu pescoço e colada às suas costas; parecia que a consideravam como parte de si mesmos. Nenhum desses rostos cansados e sérios dava sinal de desespero; sob a cúpula spleenática do céu, os pés mergulhados na poeira de um solo tão desolado quanto o céu, caminhavam com a fisionomia resignada dos condenados a esperar para sempre.

E o cortejo passou a meu lado e afundou na atmosfera do horizonte, naquela parte em que a superfície arredondada do planeta subtrai-se à curiosidade do olhar humano.

E por instantes obstinei-me em querer compreender o mistério; mas logo a irresistível Indiferença abateu-se sobre mim, e extenuou-me ainda mais do que a eles as esmagadoras Quimeras.

## 7

*O BOBO E A VÊNUS*

**QUE** dia admirável! O vasto parque desfalece sob o olho ardente do sol, como a mocidade sob o domínio do Amor.

O êxtase universal das coisas não se exprime por barulho algum; as próprias águas estão como que adormecidas. Bem ao contrário das festas humanas, aqui a orgia é silenciosa.

Parece que uma luz sempre crescente faz cintilar cada vez mais os objetos; que as flores excitadas queimam de desejo de rivalizar com o azul do céu pela energia de suas cores, e que o calor, tornando visíveis os perfumes, os faz subir como fumaça até o astro.

No entanto, percebi nesse gozo universal um ser aflito.

Aos pés de uma Vênus colossal, um desses bobos artificiais, um desses bufões voluntários encarregados de fazer rir os Reis quando o Remorso ou o Tédio os obseda, vistosa e ridiculamente vestido, no penteado chifres e guizos, todo encolhido contra o pedestal, ergue os olhos cheios de lágrimas para a Deusa imortal.

E seus olhos dizem: - “Sou o último e o mais solitário dos humanos, o que privado de amor e de amizade, e é assim bem inferior ao mais imperfeito animal. E no entanto, também eu sou feito para compreender e sentir a imortal Beleza! Deusa!, tem piedade da minha tristeza e do meu delírio!”

Mas a implacável Vênus fita ao longe não sei quê com seus olhos de mármore.

## 8

*O CÃO E O FRASCO*

“MEU belo cão, meu bom cão, meu querido totó, aproxime-se e venha respirar um excelente perfume comprado no melhor perfumista da cidade.”

E o cão, mexendo o rabo, o que é, acho, nesses pobres seres, o sinal correspondente ao riso e ao sorriso, aproxima-se e curiosamente pousa o úmido nariz no frasco aberto; depois, subitamente recuando de pavor, late para mim, à guisa de reprovação.

“Ah, miserável cão, se lhe tivesse oferecido um embrulho de excrementos o teria farejado com delícia e talvez devorado. Assim, até você, indigno companheiro de minha triste vida, se parece com o público, a quem nunca se devem apresentar perfumes delicados que o exasperem, mas somente imundícies cuidadosamente escolhidas.”

## 9

*O MAU VIDRACEIRO*

**H**Á naturezas puramente contemplativas e perfeitamente inaptas para a ação que, no entanto, sob uma misteriosa impulsão, agem por vezes com rapidez de que se julgariam incapazes.

Quem teme encontrar no zelador uma notícia ruim e ronda covardemente uma hora em frente à porta sem ousar entrar, quem leva quinze dias para abrir uma carta, ou seis meses para tomar uma providência necessária um ano atrás, sente-se às vezes bruscamente impellido a uma ação por uma força irresistível como a flecha de um arco. O moralista e o médico, que tudo pretendem saber, não saberiam explicar de onde vem subitamente uma tão louca energia a essas almas preguiçosas e voluptuosas, nem como incapazes de realizar as coisas mais simples e necessárias, encontram num minuto uma coragem de luxo para executar atos os mais absurdos e muitas vezes até mesmo perigosos.

Um de meus amigos, o mais inofensivo dos sonhadores que já existiram, certa vez ateou fogo numa floresta, para ver, dizia ele, se o fogo pegava com a facilidade que geralmente se propala. Dez vezes, a experiência não funcionou; mas na décima-primeira ela deu certo, e foi além do esperado.

Algun outro haverá de acender um charuto ao lado de um barril de pólvora, *para ver, para saber, para tentar o destino*, para obrigar a si mesmo a dar provas de energia, para bancar

o jogador, para conhecer os prazeres da ansiedade, para nada, por capricho, por falta do que fazer.

Trata-se de uma espécie de energia que brota do tédio e do devaneio; e aqueles em quem tão inopinadamente se manifesta são, em geral, como disse, os mais indolentes e os mais sonhadores dos seres.

E um tímido, ao ponto de baixar os olhos até para os olhares dos homens, ao ponto de ter que reunir toda a sua pouca vontade para poder entrar num café ou passar na frente de um teatro, onde os porteiros lhe parecem vestidos da majestade de Minos, Éaco e Radamante, saltará de sopetão no pescoço de um velho ao lado e o beijará entusiasmado diante da multidão atônita.

Por quê? Porque...porque essa fisionomia lhe era irresistivelmente simpática? Talvez; mais legítimo porém é supor que nem ele mesmo sabe por quê.

Mais de uma vez fui vítima dessas crises e desses elãs, que nos permitem pensar que Demônios maliciosos insinuam-se em nós e nos fazem realizar, à revelia, suas mais absurdas vontades.

Certa manhã, levantara-me aborrecido, triste, farto de meu próprio ócio e propenso, parecia-me, a fazer algo de grande, uma ação notável; abri a janela, por infelicidade!

(Observem, lhes peço, que o espírito de mistificação, que em algumas pessoas não é o resultado de um trabalho ou de uma combinação mas de uma inspiração fortuita, tem muito, quando mais não fosse pelo ardor do desejo, desse humor, histérico segundo os médicos, satânico segundo os que pensam um pouco melhor do que os médicos, que nos leva sem resistência a mil ações perigosas ou inconvenientes.)

A primeira pessoa que vi na rua foi um vidraceiro, cujo pregão cortante, dissonante, me chegou através da pesada e suja atmosfera parisiense. É-me aliás impossível dizer por que fui tomado, em relação a esse pobre homem, de ódio tão repentino e despótico.

“Ei! Ei!” gritei-lhe que subisse. Entretanto refletia, não sem algum contentamento, que, ficando o quarto no sexto andar e sendo a escada bastante estreita, seria difícil para o homem operar sua ascensão sem enganchar por toda parte os ângulos de sua frágil mercadoria.

Finalmente apareceu-me: examinei curiosamente todos os vidros e lhe disse: “Mas como? Não tem vidros de cor? Vidros cor de rosa, vermelhos, azuis, vidros mágicos, vidros do paraíso? Como é descarado! Ousa passear pelos bairros pobres sem ao menos trazer vidros que tornem a vida bela!” E o empurrei vivamente para a escada, onde tropeçou resmungando.

Cheguei até o balcão, apanhei um vasinho de flores e, quando o homem reapareceu na soleira da porta, deixei cair perpendicularmente meu engenho de guerra sobre a parte de trás de seu fardo; o choque o derrubou e ele acabou de quebrar sobre as costas toda a sua pobre fortuna ambulatória, que fez o barulho estrondoso de um palácio de cristal arreventado por um raio.

E inebriado com minha loucura, gritei-lhe furiosamente: “que tornem a vida bela! a vida bela!”

Essas brincadeiras nervosas não deixam de comportar algum perigo, podemos pagar caro por elas. Mas que importa a eternidade da danação para quem encontrou num segundo o infinito do gozo?

## 10

## À UMA DA MANHÃ

ENFIM! Sozinho! Já não se ouvem mais que alguns fiacres rodando, retardados e estenuados. Por algumas horas, teremos silêncio, senão repouso. Enfim! Sumiu a tirania da face humana e agora só quero sofrer por conta própria.

Enfim! – agora posso descansar num banho de trevas. Antes de mais nada, uma dupla volta na fechadura. Parece-me que virar assim a chave aumentará minha solidão e fortificará as barricadas que atualmente me separam do mundo.

Vida horrível! Cidade horrível! Recapitulemos a jornada: ter encontrado muitos homens de letras, um dos quais perguntou-me se se podia ir até a Rússia por terra (com certeza tomava a Rússia por uma ilha); ter discutido generosamente com um diretor de revista que, a cada objeção, respondia: “Isto aqui é lugar de gente honesta”, o que implica que todos os jornais são redigidos por malandros; ter cumprimentado umas vinte pessoas, quinze das quais não conheço; ter distribuído apertos de mão na mesma proporção, e isso sem tomar a precaução de comprar luvas; ter subido, para matar o tempo, enquanto caía uma pancada de chuva, até o quarto de uma bailarina que me pediu para lhe desenhar um traje de Vênus; ter feito a corte a um diretor de teatro que me disse, pondo-me para fora: “Faria bem, talvez, em dirigir-se a Z...; é o mais estúpido, o mais tolo, o mais célebre de todos os meus autores, com ele talvez consiga alguma coisa. Procure-o e depois veremos”; ter-me gabado (por quê?) de várias más ações que nunca cometi e negado covardemente outras que com alegria perpetrei, delito de fanfarronada, crime de respeito humano; ter recusado um serviço fácil a um amigo e dado uma recomendação por escrito a um perfeito palhaço; ufa! será que terminou?

Descontente de todos e descontente de mim, queria me redimir e ter algo de que me orgulhar no silêncio e na solidão da noite. Almas dos que amei, almas dos que cantei, amparai-me, afastai de mim a mentira e os vapores corruptíveis deste mundo; e vós, Senhor meu Deus!, concedei-me a graça de produzir alguns belos versos que me provem que não sou o último dos homens, que não sou inferior aos que desprezo!

## 11

## A MULHER SELVAGEM E A AMANTEZINHA

“FRANCAMENTE, minha cara, você me cansa além da conta e sem dó; quem a ouve suspirar haveria de dizer que sofre mais que as catadoras de papel sexagenárias e as velhas mendigas que recolhem pedaços de pão à porta dos cabarés.

“Se ao menos seus suspiros exprimissem remorso, a honrariam um pouco; mas só traduzem a saciedade do bem-estar e a prostração do repouso. De mais a mais, você se estende em palavras inúteis: ‘Goste de mim, preciso tanto! Me console daqui, me acaricie dali!’ Está bem, vou tentar curá-la; talvez encontremos a maneira, por dois soldos, no meio de uma festa, e sem ter que ir muito longe.

“Peço-lhe que considere com atenção aquela sólida jaula de ferro dentro da qual se debate, urrando como um amaldiçoado, sacudindo as grades como um orangotango exasperado pelo exílio, imitando à perfeição tanto os saltos circulares do tigre quanto os requebros estúpidos do urso branco, aquele monstro peludo cuja forma imita um tanto vagamente a sua.

“O monstro é desses animais que geralmente chamamos ‘meu anjo!’, quer dizer, uma mulher. O outro monstro, o que grita como um louco, é um marido. Acorrentou a mulher legítima como um animal e a exhibe nos subúrbios nos dias de feira, com a permissão dos magistrados, inútil dizer.

“Cuidado! Veja com que voracidade (talvez não simulada!) ela estraçalha coelhos vivos e aves piosas que lhe arremessa o domador. ‘Ora, vamos’, ele lhe diz, ‘não coma tudo de uma vez’, e com essas palavras prudentes arranca-lhe cruelmente a presa, cujas tripas enroladas pendem por um átimo dos dentes da besta-fera, quero dizer, da mulher.

“Vamos! uma boas varadas para acalmá-la! pois dardeja terríveis olhos de cobiça para o alimento retirado. Santo Deus! A vara não é uma vara de teatro, ouviu como a carne estalou, apesar do pêlo postiço? E agora saltam-lhe os olhos da cara, ela urra *mais naturalmente*. Em sua raiva, solta chispas pelo corpo todo, feito ferro batido.

“Tais são os hábitos conjugais desses dois descendentes de Eva e Adão, obras de vossas mãos, ó meu Deus! Essa mulher é incontestavelmente infeliz, embora talvez, depois de tudo, não desconheça o gozo arrepiante da glória. Há desgraças mais irremediáveis e sem compensação. Mas no mundo em que foi jogada, nunca lhe ocorreu que a mulher merecesse outro destino.

“E agora, voltando a nós, caríssima! Diante dos infernos que povoam o mundo, que quer que eu pense de seu belo inferno, você que só repousa sobre tecidos macios como sua pele, que

só come da carne bem cozida, cortada em pedaços pela diligência de um hábil empregado doméstico?

“Que podem significar para mim todos esses pequenos suspiros que incham seu peito perfumado, minha robusta coquete? E todas essas afetações aprendidas nos livros, e essa infatigável melancolia, feita para inspirar no espectador sentimento bem diverso da piedade? Na verdade, tenho vontade de lhe ensinar, às vezes, o que é a verdadeira desgraça.

“A vê-la assim, minha bela delicada, os pés no lodo e os olhos vaporosamente voltados para o céu, como quem lhe pede um rei, penso num jovem batráquio a invocar o ideal. Se despreza a vigazinha frágil (que é o que eu sou hoje em dia, como você bem sabe), cuidado com a grua *que pode trincá-la, comê-la e matá-la a seu gosto!*

“Por mais poeta que seja, não sou tão bobo quanto pensa e se me cansa muito com suas *preciosas* choradeiras, trato-a como *mulher selvagem*, ou a jogo pela janela como uma garrafa vazia.”

## 12

### AS MULTIDÕES

NÃO é dado a qualquer um mergulhar na multidão: tal desfrute é uma arte, e só faz, às expensas do gênero humano, esse lauto banquete de vitalidade quem desde o berço recebeu de uma fada o gosto do disfarce e da máscara, o ódio do domicílio e a paixão da viagem.

Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar a própria solidão também não sabe estar só entre a gente atarefada.

O poeta goza desse incomparável privilégio de poder, quando lhe agrada, ser ele mesmo e um outro. Como essas almas errantes que buscam um corpo, ele entra, se quiser, na personagem de alguém. Só para ele tudo está disponível; e se certos lugares lhe parecem vedados, é que não merecem, a seus olhos, receber uma visita.

O passeante solitário e pensativo extrai uma singular embriaguez dessa universal comunhão. Quem facilmente desposa a multidão conhece prazeres febris, de que eternamente se privarão o egoísta, fechado como um cofre, e o preguiçoso, internado como um molusco. Já ele chama a si todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que lhe apresente a circunstância.

Aquilo a que os homens chamam amor é coisa bem pequena, restrita e frágil, se comparada a essa inefável orgia, a essa santa prostituição da alma entregue por inteiro, poesia e caridade, ao imprevisto que surge, ao desconhecido que passa.

Convém ensinar às vezes aos felizes deste mundo, ainda que só para humilhar por um segundo seu orgulho tolo, que há felicidades superiores às suas, mais vastas e refinadas. Os fundadores de colônias, os pastores de povos, os padres missionários exilados no fim do mundo sabem algo, por certo, dessa misteriosa embriaguez; e no seio da vasta família que seu gênio formou, devem rir às vezes dos que deploram sua agitada fortuna e tão casta vida.

### 13

#### AS VIÚVAS

**DIZ** Vauvernagues que nos jardins públicos existem aléias principalmente assombradas pela ambição desiludida, pelos inventores infelizes, pelas glórias abortadas, pelos corações partidos, por todas essas almas tumultuosas e fechadas em que resmungam ainda os últimos suspiros de uma tempestade, que se furtam aos olhares dos felizes e dos ociosos. Esses retiros sombrios são o ponto de encontro dos estropiados da vida.

É principalmente para essas partes que o poeta e o filósofo gostam de dirigir suas ávidas conjecturas. Há ali um pasto seguro. Pois se há um lugar cuja visita desprezam, como insinuei antes, é principalmente a alegria dos ricos. Essa turbulência no vazio nada tem que os atraia. Ao contrário, sentem-se irresistivelmente atraídos por tudo o que é frágil, arruinado, contristado, órfão.

Um olho experiente não se engana nunca. Naqueles traços rígidos ou abatidos, naqueles olhos fundos e embaciados, ou que ainda refletem os últimos clarões da luta, naquelas rugas profundas e numerosas, naqueles passos tão lentos ou sincopados, rapidamente decifra todas as inumeráveis legendas do amor enganado, do devotamento não reconhecido, dos esforços não recompensados, da fome e do frio humildemente, silenciosamente suportados.

Já viu alguma vez essas viúvas nesses bancos solitários, essas viúvas pobres? De luto ou não, é fácil reconhecê-las. Aliás, há sempre no luto do pobre algo que falta, uma ausência de harmonia que o torna mis pungente. É obrigado a economizar na dor. O rico ostenta a sua em grande estilo.

Qual a viúva mais triste e mais entristecedora, a que carrega pela mão uma criança com quem não pode compartilhar seu devaneio ou a que está só? Não sei... Uma vez ocorreu-me

seguir por longas horas uma velha aflita dessa espécie; hirta, ereta, sob um chalezinho usado, ela encerrava em si um orgulho de estoica.

Estava evidentemente condenada a uma absoluta solidão, a hábitos de velho celibatário, e o caráter masculino de seus hábitos lhe acrescentava algo de misteriosamente picante à austeridade. Não sei em que miserável café e de que maneira almoçou. Segui-a até a sala de leitura; espiei por muito tempo enquanto procurava nos jornais, com olhos ativos, outrora queimados pelas lágrimas, notícias de um interesse poderoso e pessoal.

Enfim, de tarde, sob um belo céu de outono, um desses céus de que descem pesares e lembranças, sentou-se apartada num jardim, para ouvir, longe da multidão, um desses concertos dos regimentos, cuja música gratifica o povo parisiense.

Era essa, sem dúvida, a pequena orgia da inocente velha (ou da purificada velha), a consolação bem paga de um desses dias sem amigo, sem conversa, sem alegria, sem confidente, que Deus, talvez há anos, lhe mandava! trezentos e sessenta e cinco vezes por ano.

Mais uma:

Não consigo nunca impedir-me de lançar olhares, senão universalmente simpáticos, pelo menos curiosos, para a multidão de párias que se aglomeram nas adjacências de um concerto público. A orquestra difunde pela noite cantos de festa, de triunfo e de volúpia. Os vestidos se arrastam em reflexos espelhantes; os olhares se cruzam; os ociosos, cansados de não fazer nada, mexem o corpo, fingindo degustar a música indolentemente. Tudo aqui é riqueza, felicidade; tudo respira e inspira despreocupação e o prazer de se deixar viver; tudo, menos o aspecto da turba que lá longe se apoia no muro, do lado de fora, apanhando de graça, ao sabor do vento, um farrapo de música, olhando a fulgurante fornalha interior.

É sempre muito interessante esse reflexo da alegria do rico no fundo do olhar do pobre. Mas naquele dia, através desse povo vestido de blusas e de chita, vislumbrei um ser cuja nobreza entrava em visível contraste com toda a trivialidade ao redor.

Era uma mulher alta, majestosa, tão nobre de aspecto que não tenho lembrança de ter visto seu par nas coleções das aristocráticas belezas do passado. Um perfume de altiva virtude emanava de toda a sua pessoa. O rosto, triste e amargo, estava de pleno acordo com o luto fechado que trajava. Como a plebe a que se tinha juntado e que não via, também ela apreciava o mundo luminoso com olhar profundo, e escutava balançando a cabeça docemente.

Singular visão! “Na certa”, pensei, “essa pobreza, se é que é pobreza, não deve admitir a economia sórdida; um rosto tão nobre é a prova disso. Por que então voluntariamente permanece num meio de que destoa tão visivelmente?”

Mas passando curiosamente perto dela, supus adivinhar a razão. A grande viúva trazia pela mão uma criança, vestida de negro como ela; por mais módico que fosse o preço da entrada, talvez desse para pagar uma das necessidades do pequeno ser, melhor ainda, um supérfluo, um brinquedo.

Deve ter voltado a pé para casa, meditando e sonhando, sozinha, sempre sozinha, porque a criança é turbulenta, egoísta, sem doçura e sem paciência; não serve de confidente para as dores solitárias, como o puro animal, como o cão e o gato.

#### 14

#### *O VELHO SALTIMBANCO*

**POR** toda parte se mostrava, se espalhava, se divertia o povo em férias. Era uma dessas solenidades com que muito contam os saltimbancos, os acrobatas, os domesticadores de animais e os vendedores ambulantes para compensar os maus tempos do ano.

Parece que nesses dias o povo esquece tudo, a tristeza, o trabalho; torna-se criança. Para os pequenos é dia de folga, é o horror da escola adiado por vinte e quatro horas. Para os grandes, é um armistício feito com as potências maléficas da vida, uma trégua na contenção e na luta universais.

Tanto o mundano quanto o homem ocupado com tarefas espirituais dificilmente escapam à influência desse júbilo popular. Elas absorvem, sem querer, parte dessa atmosfera negligente. Quanto a mim, como bom parisiense, não deixo nunca de passar em revista todas as barracas que se emproam em tais solenidades.

Na verdade, entravam em formidável concorrência: piavam, mugiam, uivavam. Era uma mistura de gritos, de detonações de cobre e de explosões de foguetes. Palhaços, *Jocrisses* convulsionavam os traços nos rostos queimados, curtidos pelo vento, pela chuva e pelo sol; com o aprumo dos atores seguros de seus efeitos, soltavam ditos espirituosos e gracejos de um cômico sólido e pesado, como o de Molière. Ciosos da enormidade de seus membros, os Hércules, sem fronte nem crânio como os orangotangos, pavoneavam sua majestade em trajes de dança lavados na véspera para a ocasião. Belas como fadas ou princesas, as dançarinas davam saltos e rodavam sob o fogo das lanternas, que lhes enchiam os saíotes de lampejos.

Tudo era luz, poeira, gritos, alegria, tumulto; uns gastavam, outros ganhavam, igualmente satisfeitos. Crianças penduravam-se às saias das mães para conseguir doces, subiam no pescoço dos pais para ver melhor um prestidigitador deslumbrante como um deus. E por

toda a volta circulava, dominando todos os perfumes, um cheiro de fritura que era como o incenso da festa.

No fundo, no extremo fundo da fileira de barracas, como que auto-exilado de propósito desses esplendores, vi um pobre saltibanco, arqueado, caduco, decrépito, uma ruína humana, encostado numa das estacas de sua choça, choça mais miserável que a do selvagem mais embrutecido, cujo abandono dois tocos de velas, gotejantes e fumegantes, vinham muito bem iluminar.

Por toda parte, a alegria, o lucro, o deboche; por toda parte a certeza do pão no dia seguinte; por toda parte a explosão frenética da vitalidade. Mas aqui, a miséria absoluta, a miséria enfatotada, para cúmulo do horror, com andrajos cômicos, em que a necessidade, bem mais que a arte, introduzira o contraste. O miserável não ria! Não chorava, não dançava, não gesticulava, não gritava; não cantava nenhuma música, nem triste nem lamentável, não implorava. Estava mudo e imóvel. Havia renunciado, abdicado. Cumpria-se o seu destino.

Mas que olhar profundo, inesquecível, lançava à multidão e às luzes, cujo facho movente se detinha a poucos passos de sua repulsiva miséria! Senti a garganta apertada pela mão terrível da histeria e me pareceu que meu olhar se ofuscava com essas lágrimas rebeldes que não queriam cair.

Que fazer? Para que perguntar ao infortunado que curiosidade, que maravilha tinha para mostrar nessas fétidas trevas, por trás de sua cortina rasgada? Na verdade, não ousei; e ainda que o motivo de minha timidez os faça rir, confesso que tive medo de humilhá-lo. Acabei, por fim, tomando a decisão de deixar cair algum dinheiro sobre um de seus estrados ao passar por ele, esperando que adivinhasse minha intenção, quando um grande refluxo do povo, formado por não sei que confusão, levou-me para longe dele.

E voltando-me, obcecado por tal visão, busquei analisar a minha dor repentina, e pensei comigo: “Acabo de ver a imagem do velho homem de letras que sobreviveu à geração de que foi o brilhante animador; a imagem do velho poeta sem amigos, sem família, sem filhos, degradado pela miséria e pela ingratidão pública, na barraca de quem o mundo esquecido já não quer entrar!”

*O BOLO*

EU estava viajando. A paisagem no centro da qual me encontrava era de uma grandeza e de uma nobreza irresistíveis. Algo, sem dúvida, aconteceu nesse momento em minha alma. Meus pensamentos voavam com leveza igual à da atmosfera; as paixões vulgares, como o ódio e o amor profano, surgiam-me agora tão distanciadas quanto as nuvens que desfilavam no fundo dos abismos por baixo dos meus pés; minha alma parecia-me tão vasta e tão pura quanto a cúpula do céu que me envolvia; a lembrança das coisas terrestres só me chegava ao coração enfraquecida e diminuída, como o som dos chocalhos dos imperceptíveis animais que passavam ao longe, muito ao longe, pela encosta de outra montanha. Sobre o pequeno lago imóvel, negro de tão profundo, passava às vezes a sombra de uma nuvem, como o reflexo do manto de um gigante aéreo que voasse pelo céu. E lembro que essa sensação solene e rara, causada por um grande movimento perfeitamente silencioso, enchia-me de alegria mesclada de terror. Sentia-me, em suma, graças à entusiasmante beleza que me cercava, em perfeita paz comigo mesmo e com o universo; penso até que, em minha perfeita beatitude e em meu total esquecimento de todo o mal terrestre, comecei a achar menos ridículos os jornais que pretendem que o homem nasceu bom; quando a matéria incurável renovou suas exigências, então pensei em reparar o cansaço e mitigar o apetite causados por tão longa ascensão. Tirei do bolso um bom pedaço de pão, uma xícara de couro e um frasco de certo elixir que os farmacêuticos vendiam então aos turistas, para que o misturassem com a água de neve.

Estava cortando tranqüilamente o meu pão quando um ruído muito leve me fez levantar os olhos. Na minha frente estava um pequeno ser andrajoso, negro, desgrenhado, cujos olhos fundos, bravos e como suplicantes devoravam o pedaço de pão. E ouvi-o suspirar, em voz baixa e rouca, a palavra: *bolo!* Não pude impedir-me de rir ouvindo o apelativo com o qual se dignava honrar meu pão quase branco e cortei uma boa fatia que lhe ofereci. Lentamente, aproximou-se, sem tirar os olhos do objeto cobiçado; depois, agarrando o pedaço com a mão, recuou vivamente, como se temesse que meu oferecimento não fosse sincero ou que já me arrependesse.

Mas no mesmo instante foi derrubado por outro pequeno selvagem, saído não sei de onde, tão perfeitamente parecido com o primeiro que poderia passar pelo irmão gêmeo. Juntos rolaram pelo chão, disputando a preciosa presa, nenhum dos dois querendo sacrificar a metade ao irmão. O primeiro, exasperado, pegou o segundo pelos cabelos; este lhe mordeu a orelha e pôs fora um pedacinho sanguinolento, junto com um soberbo palavrão em patoá. O legítimo

proprietário do bolo tentou enfiar as pequeninas garras nos olhos do usurpador; por sua vez, o outro concentrou forças para estrangular o adversário com uma mão, enquanto com a outra tratava de fazer descer pelo bolso o prêmio do combate. Reanimado porém pelo desespero, o vencido reergueu-se e fez o vencedor rolar no chão, com uma cabeçada no estômago. Para que descrever uma luta hedionda que, na verdade, durou mis do que suas forças infantis pareciam prometer? O bolo viajava de mão em mão e mudava de bolso para bolso a todo instante; mas infelizmente mudava de volume também; e quando enfim extenuados, ofegantes, sangrando, por impossibilidade de continuar, eles pararam, já não havia mais, a bem dizer, nenhum motivo de batalha; o pedaço de pão havia desaparecido, espalhava-se em migalhas semelhantes aos grãos de areia a que se misturavam.

Esse espetáculo ensombreceu-me a paisagem e a alegria calma em que se deleitava a minha alma antes de avistar esses pequenos homens desapareceu por completo; por muito tempo fiquei triste, repetindo para mim mesmo sem parar: “E não é que há um país soberbo onde o pão se chama *bolo* e representa uma iguaria tão rara que é suficiente para engendrar uma guerra perfeitamente fratricida!”

## 16

### *O RELÓGIO*

**OS** chineses veem a hora nos olhos dos gatos.

Um dia, um missionário que passeava pelos subúrbios de Nanquim deu-se conta de que havia esquecido o relógio e perguntou a um garoto que horas eram.

O menino do Império celeste primeiro hesitou; depois, mudando de opinião, respondeu: “Vou dizer-lhe”. Instantes depois, voltou com um enorme gato nos braços e olhando-o, como se diz, no branco do olho, sem vacilar, afirmou: “Ainda não é exatamente meio-dia”. O que era verdade.

Quanto a mim, se me debruçar sobre a bela Féline, assim tão bem denominada, ela que é ao mesmo tempo a honra do seu sexo, o orgulho do meu coração e o perfume do meu espírito, quer de noite ou de dia, em plena luz ou na opaca escuridão, no fundo de seus olhos adoráveis verei sempre a hora, distintamente, sempre a mesma hora, uma hora vasta, solene, grande como o espaço, sem repartição de minutos nem de segundos, – uma hora imóvel que os relógios não marcam e que é, no entanto, leve como um suspiro, rápida como uma olhadela.

E se algum importuno vier me perturbar enquanto repouso meu olhar nesse delicioso mostrador, se algum Gênio desonesto e intolerante, algum Demônio do contratempo, vier me dizer: “O que está olhando aí com tanto cuidado? O que procura nos olhos desse ser? Vê nele a hora, pródigo e indolente mortal?”, sem hesitar responderei: “Vejo, vejo a hora, agora é a Eternidade!”

Não é verdade, Senhora, que aí temos um madrigal verdadeiramente meritório, e tão enfático como vós? De fato, tive tanto prazer em bordar esta pretensiosa galanteria que em troca nada vos peço.

17

*UM HEMISFÉRIO NUMA CABELEIRA*

**DEIXE**-me respirar muito, muito o cheiro de seus cabelos, mergulhar nele o rosto inteiro, como um homem sedento na água de uma fonte, e agitá-los em minha mão como um lenço perfumado, para sacudir lembranças no ar.

Se pudesse saber tudo o que vejo! tudo o que sinto! tudo o que ouço nos seus cabelos! Minha alma viaja no perfume como na música a alma dos outros homens.

Seus cabelos encerram todo um sonho, cheio de veleiros e de mastros; encerram grandes mares cujas monções me levam para climas encantadores, em que o espaço é mais belo e mais profundo, em que a atmosfera é perfumada pelas frutas, pelas folhas e pela pele humana.

No oceano da sua cabeleira vislumbro um porto fervilhante de cantos melancólicos, de homens vigorosos de todas as nações, de navios de todas as formas, que recortam suas arquiteturas finas e complicadas contra um céu imenso onde se espreguiça o eterno calor.

Nas carícias de sua cabeleira reencontro o langor das longas horas passadas sobre um divã, no quarto de um belo navio, acalentadas pelo balanço imperceptível do porto, entre jarros de flores e de refrescos.

No fogo ardente de sua cabeleira respiro o cheiro do tabaco misturado ao ópio e ao açúcar; na noite da sua cabeleira vejo resplandecer o infinito do azul tropical; nas praias acolchoadas de sua cabeleira embriago-me com os odores combinados do almíscar e do óleo de coco.

Deixe-me morder muito suas negras e pesadas tranças. Quando mordo seus cabelos elásticos e rebeldes parece-me que estou comendo recordações.

*O CONVITE À VIAGEM*

**EXISTE** um país soberbo, um país de Cocanha, como dizem, que sonho visitar com uma velha amiga. Um país singular, mergulhado nas brumas do Norte, que poderíamos chamar o Oriente do Ocidente, a China da Europa, de tal modo a quente e caprichosa fantasia fez ali carreira, de tal modo o ilustram, paciente e obstinadamente, suas sábias e delicadas vegetações.

Um verdadeiro país de Cocanha, onde tudo é belo, rico, tranquilo, honesto; onde apraz ao luxo enxergar-se na ordem; onde a vida é grassa e doce de respirar; de que se excluem a desordem, a turbulência e o imprevisto; onde a felicidade casou-se com o silêncio; onde a própria cozinha é poética, oleosa e excitante a um só tempo; onde tudo faz lembrar de ti, anjo querido.

Conheces essa doença febril que se apodera das misérias frias, essa nostalgia do país desconhecido, essa angústia da curiosidade? Existe uma região que contigo se assemelha, onde tudo é belo, rico, tranquilo e honesto, onde a fantasia ergueu e decorou uma China ocidental, onde a vida é doce de respirar, onde a felicidade casou-se com o silêncio. É lá que é preciso viver; é lá que é preciso morrer!

Sim, é lá que é preciso respirar, sonhar e prolongar as horas em sensações infinitas. Um músico escreveu *O convite à valsa*; qual haverá de compor *O convite à viagem*, que se possa oferecer à mulher amada, à irmã eleita?

Sim, é nessa atmosfera que seria bom viver – lá longe, onde as horas mais lentas contêm mais pensamentos, onde os relógios soam a felicidade com mais significativa e profunda solenidade.

Sobre telas luzentes ou couros dourados de sombria riqueza, vivem em discreção pinturas beatas, calmas e profundas, como as almas dos artistas que as criaram. Os sóis poentes, que com tanta riqueza colorem a sala de jantar e o salão, são irisados por belos tecidos ou por altas janelas trabalhadas, que o chumbo alinha em vários compartimentos. Os móveis são vastos, curiosos, estranhos, armados de fechaduras e segredos como almas refinadas. Os espelhos, os metais, os tecidos, os ouros e a faiança executam ali para os olhos uma sinfonia muda e misteriosa; de todas as coisas, de todos os recantos, de todas as frestas de gavetas e pregas de tecidos desprende-se um perfume singular, uma *lembrança* de Sumatra que é como a alma do apartamento.

Um verdadeiro país de Cocanha, lhe garanto, onde tudo é rico, limpo e luzente, como uma bela consciência, como uma magnífica bateria de cozinha, como uma esplêndida

ourivesaria, como uma jóia multicolor! Para lá afluem os tesouros do mundo, como para a casa de um homem laborioso, que fez por merecer, o mundo todo. País singular, superior aos outros, como a Arte é superior à Natureza, onde esta última é reformada pelo sonho, retocada, embelezada, refundida.

Que os alquimistas da horticultura continuem procurando, e procurando, que estendam sempre mais os limites da sua felicidade! Que ofereçam prêmios de sessenta, de cem mil florins a quem resolva seus problemas ambiciosos! Quanto a mim, encontrei minha *tulipa negra*, minha *dália azul*!

Incomparável flor, tulipa revelada, alegórica dália, não é lá, nesse belo país, tão calmo e sonhador, que seria bom viver e florescer? Não seria essa a moldura de tua analogia, e não te agradaria, para falar como os místicos, mirar-te em tua própria *correspondência*?

Sonhos! Sempre sonhos! E quanto mais delicada e ambiciosa é a alma, mais os sonhos a distanciam do possível. Todo homem tem sua dose de ópio natural, que é incessantemente secretada e renovada, mas, do nascimento até a morte, quantas horas pode contar de positivo júbilo, de ação bem sucedida e decidida? Viveremos algum dia, pisaremos algum dia nesse quadro pintado pelo meu espírito, nessa tela que contigo se parece?

Esses tesouros, esses móveis, esse luxo, essa ordem, esses perfumes, essas flores miraculosas, tudo isso és tu. Tu és ainda esses grandes rios e esses canais tranqüilos. E os enormes navios que eles carregam, cheios de riquezas, de que sobem os sons monótonos da manobra, são meus pensamentos que dormem ou que rolam no teu peito. Docemente os levas até o mar que é o Infinito, refletindo as profundezas do céu na limpidez de tua bela alma; e quando, cansados da água e dos produtos do Oriente, voltam ao porto natal, são ainda os meus pensamentos enriquecidos que voltam do Infinito para ti.

## 19

### *O BRINQUEDO DO POBRE*

**QUERO** dar a idéia de uma distração inocente. Há poucas diversões que o sejam!

Quando sair de manhã com a intenção de vagar pelas estradas, enche o bolso de invenções baratas – como o polichinelo simples de uma corda só, os ferreiros que malham a bigorna, o cavaleiro e o cavalo de cauda em forma de apito – e pelos cabarés embaixo das árvores presta com elas homenagem às crianças pobres e desconhecidas que encontrar. Verás aumentarem desmesuradamente os seus olhos. Primeiro, elas não ousarão tocar em nada, não

acreditarão na sua felicidade. Depois, suas mãos agarrarão com vivacidade o presente e elas fugirão como os gatos que, tendo aprendido a desconfiar do homem, vão comer longe o bocado que ganharam.

Numa estrada, por trás das grades de um enorme jardim, no fundo do qual aparecia a brancura de um lindo castelo batido pelo sol, havia uma criança tenra e bela, vestida com essas roupas do campo tão cheias de coqueteria.

O luxo, a indolência e o espetáculo habitual da riqueza tornam essas crianças tão bonitas que parecem feitas de outra massa que não a dos filhos da mediocridade ou da pobreza.

Ao lado dela, sobre a grama, um brinquedo esplêndido, tão viçoso quanto o dono, envernizado, dourado, vestido de púrpura, recoberto de plumas e vidrilhos. Mas a criança não ligava para seu brinquedo predileto, antes olhava isto:

Do outro lado da grade, na estrada, entre os cardos e a urtigas, estava uma outra criança, suja, mirrada, fuliginosa, um desses párias de fedelhos em quem o olho imparcial, se o desbastasse da repugnante pátina da miséria, como o olho do conhecedor adivinha uma pintura ideal por debaixo do verniz de sejeiro, descobriria a beleza.

Através dessas grades simbólicas entre dois mundos, a estrada e o castelo, a criança pobre mostrava à rica o seu brinquedo, que a segunda examinava avidamente, como um objeto raro e desconhecido. Ora, esse brinquedo agastado pelo sujinho, que o sacudia e balançava numa caixa gradeada era um rato vivo! Os pais, certamente por economia, haviam extraído o brinquedo da própria vida.

E as duas crianças riam fraternalmente uma para a outra, com dentes de brancura *igual*.

## 20

### *OS DONS DAS FADAS*

**ERA** uma grande assembléia de Fadas, para a distribuição de dons entre todos os recém-nascidos chegados à vida nas últimas vinte e quatro horas.

Todas essas antigas e caprichosas Irmãs do Destino, Mães bizarras da alegria e da dor, eram bem diferentes: umas de ar sombrio e rabugento, outras de ar folgazão e malicioso; umas jovens, que sempre foram jovens, outras velhas, que sempre foram velhas.

Todos os pais que acreditam nas Fadas tinham vindo, cada um com seu recém-nascido nos braços.

Os Dons, as Faculdades, os bons Acasos, as Circunstâncias invencíveis estavam dispostos ao lado do tribunal, como os prêmios sobre o estrado numa distribuição de prêmios. O que havia ali de particular é que os Dons não eram a recompensa de esforço algum, mas, bem ao contrário, uma graça feita a quem não tinha ainda vivido, uma graça que podia determinar seu destino e tornar-se tanto a fonte de suas infelicidades quanto a de sua felicidade.

As pobres Fadas estavam muito ocupadas; pois era grande a multidão de solicitantes e o mundo intermediário entre o homem e Deus se encontra como o nosso submetido à terrível lei do Tempo e de sua infinita posteridade, os Dias, as Horas, os Minutos, os Segundos.

Estava, na verdade, tão aturdidada quanto ministros em dia de audiência, ou empregados da Casa de Penhores num feriado nacional, por ocasião do qual foram permitidos resgates gratuitos. Acho mesmo que olhavam de quando em vez para os ponteiros do relógio com a mesma impaciência dos juízes humanos que, em trabalhos desde a manhã, não podem impedir-se de pensar no jantar, na família e nos seus caros chinelos. Se na justiça sobrenatural há um pouco de precipitação e de acaso, não nos admiremos de que se dê o mesmo, por vezes, com a justiça humana. Nós mesmos seríamos injustos, nesse caso.

Também ocorreram, portanto, algumas confusões, que poderíamos estranhar, fosse a prudência, e não o capricho, o caráter distintivo e eterno das Fadas.

Assim, o poder de atrair magneticamente a fortuna foi conferido ao herdeiro único de uma família muito rica que, não sendo minimamente dotada do senso da caridade, nem de cobiça alguma em relação aos bens visíveis da vida, se veria mais tarde prodigiosamente embaraçada com seus milhões.

Assim, foram outorgados o amor do Bem e a Potência poética ao filho de um indigente, cavouqueiro de profissão, que de modo algum podia vir ao encontro de tais faculdades, como não podia minorar as necessidades de sua deplorável prole.

Esqueci de dizer que a distribuição, em casos solenes como esse, é sem apelação, e que nenhum dom pode ser recusado.

Todas as Fadas iam se levantando, julgando terminada a corvêia, pois já não restava dádiva nenhuma, nenhuma largueza a fazer a tal refugio humano, quando um bravo homem, um pequeno comerciante, acredito, levantou-se e, puxando pelo vestido de vapores multicores a Fada mais à mão, gritou:

“Ei, Dona! está nos esquecendo!, há ainda o meu menino! Não vim aqui para nada”.

A Fada tinha motivos para o seu embaraço; já não havia mais *nada*. No entanto, lembrou-se, em tempo, de uma lei que, raramente aplicada, é bem conhecida no mundo sobrenatural, mundo esse habitado por divindades impalpáveis, amigas do homem e muitas

vezes obrigadas a se adaptarem às suas paixões, o mundo das Fadas, dos Gnomos, das Salamandras, das Sífides, dos Silfos, dos Nixos e das Ondinas: refiro-me à lei que concede às Fadas, em semelhantes casos de esgotamento dos quinhões, a faculdade de doar mais um, suplementar e excepcional, desde que tenham imaginação suficiente para criá-lo imediatamente.

Assim pois, a boa Fada respondeu, com segurança digna do posto que ocupava: “A seu filho darei... darei... o *Dom de agradar!*”

“Mas como agradar? agradar...? por quê?”, perguntou o cabeçudo vendeiro, que era certamente um desses raciocinadores tão comuns, incapazes de se elevar até a lógica do Absurdo.

“Porque sim, porque sim!”, replicou a Fada aborrecida, dando-lhe as costas; e juntando-se ao cortejo das companheiras, lhes dizia: “O que acham desse francesinho vaidoso que tudo quer saber e que, depois de conseguir para o filho o melhor dos dons, ainda ousa perguntar e discutir o indiscutível?”

**ANEXO C – PETITS POÈMES EN PROSE - CHARLES BAUDELAIRE**